

O ANJO E O RESTO DE NÓS

LETICIA WIERZCHOWSKI

ROMANCE



LETICIA WIERZCHOWSKI

O ANJO E O
RESTO DE NÓS

ROMANCE

2ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

W646a Wierzchowski, Leticia, 1972-

O anjo e o resto de nós [recurso eletrônico] / Leticia Wierzchowski. - 2ª ed. - Rio de Janeiro : Record, 2011.
Recurso Digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09363-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-0172

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © 2001 Leticia Wierzchowski

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09363-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



*Aos
meus pais*

Parte 1

Ela deixou a quentura da felicidade espalhar-se pelo seu corpo, enquanto saboreava os amores da noite num riso manso e calado porque não queria acordar o esposo. Rosa ainda não sabia que da sua carne haveriam de nascer loucos e anjos, amantes e medrosos de amor, mas sabia que casara bem e que Apolinário Flores, com seus olhos de vidro azul e sua mania de cheirar o mundo, era o homem da sua vida.

Apolinário dormia a sono solto, cansado de tantos amores suados, quando virara e tornara a revirar a esposa para conhecer todos os segredos fragrantes de seu corpo, de sua boca que cheirava a rosas de primavera e de sua alma de serafim de igreja. Mas Rosa cutucou-o para a vida. Ele abriu os olhos embaçados, esquecido que se havia casado na noite anterior, enquanto os fogos do novo século incendiavam de cores o céu. Logo viu-a, difusa entre suas pestanas, e resmungou:

– É tanta felicidade que até me assusto.

Rosa riu sua risada de cortesã e abraçou-o. Não foi preciso mais nada para que Apolinário Flores compreendesse que o sonho de sua vida iria, daquele dia em diante, estender-se por todas as horas do dia, porque agora sonhava acordado. Enfiou o nariz de farejador entre os cabelos da mulher e, antes de se meter com ela nos mesmos jogos com que haviam gasto todas as horas da noite, ainda disse:

– Bendita seja a noz-moscada que lhe pôs no meu caminho.

Apolinário Flores era boticário e perfumista, filho primogênito de Sebastião Flores. Do pai, herdara os amores de laboratório, o gosto pelas decantações e misturas, o riso macio, a miopia e a memória pouca. Escolhida a profissão, meteu-se atrás do balcão da farmácia e, bloco no bolso, passou a inventar os cheiros que lhe vinham pela alma. Misturando daqui e combinando dali, acabou por causar filas no pequeno estabelecimento, porque seus perfumes e essências eram os mais doces e os mais duradouros e os mais suaves que se podia conceber. Logo virou moda na cidade que todas as moças e senhoras de boa família se besuntassem com as essências de Apolinário Flores. O Boticário Flores cresceu e, cinco anos mais tarde, ocupava quase uma quadra inteira da cidadezinha. A família enriqueceu; não muito, mas o bastante para mandar Geremias, o mais moço dos filhos, estudar na Capital, e para que seu Sebastião casasse as duas raparigas, Rebecca e Reniana, e assim morresse sossegado e certo de ter cumprido todas as promessas que fizera ao pé do leito da mulher. Na Capital, Geremias, que de perfumes não entendia nada, mas de moedas sabia muito, acabou por abrir um estabelecimento onde revendia as essências aromáticas do irmão perfumista. E a fortuna dos Flores aumentou um pouco mais.

Assim se ia Apolinário Flores pela época em que conheceu a menina Rosa. Tinha já trinta anos, mas ocupado com os afazeres e com a criação interminável de novos cheiros, acabara por não casar. De volta da Capital, onde estivera a resolver assuntos com Geremias, recordou-se que almoçaria na casa da irmã, recordou-se também, enquanto o carro estrebuchava pelo caminho empoeirado, que se encarregara de levar consigo um vidrinho de noz-moscada para temperar a cuca de Páscoa. Estava cansado, mas não podia faltar com Rebecca. E, como se passasse por um pequeno vilarejo de umas poucas casas, não mais que uma dúzia, arriscou-se a buscar ali a prometida noz-moscada.

Apolinário entrou na única venda. Sobre o balcão de madeira tosca espalhavam-se todos os tipos de víveres que se podia conceber. De marmelada a velas vermelhas, de tintura de iodo a peixe salgado. O lugar não media mais que dois metros quadrados, mas tinha tanto de tudo que ocorreu a Apolinário que aquilo podia ser até um salão, mas tão repleto que se transformara num cubículo. E foi então que sentiu o cheiro, porque as narinas eram-lhe treinadas para tudo. Desde muito menino, em uma fungada certa adivinhava qualquer odor. Mas não aquele. Era um cheiro tão desconhecido quanto bom, e Apolinário esqueceu-se do mundo enquanto fungava daqui e dali e não descobria a causa do odor que o encantava. O dono do lugar riu, disfarçou e tornou a rir, embevecido com a visão daquele homem alto e bem vestido que fungava por tudo que era canto de sua venda. Apolinário Flores fungava e suspirava, até que o homem não mais resistiu e interrompeu-lhe os devaneios olfativos. Afinal, o quê, diabos, queria ele que cheirava tanto?

Apolinário constrangeu-se, pego em cheio no meio de seus delírios, mas logo se recompôs:

– Quero noz-moscada – retrucou simplesmente.

Enquanto o homem procurasse seu pedido, poderia descobrir a fonte do tal perfume. Pensou que ele levaria uns bons minutos para descobrir a especiaria, metida entre os pirulitos de açúcar e os cravos-da-

índia ou atirada junto às últimas edições de *A República*; mas coisa nenhuma. O tal meteu a mão dentro do balcão, e retirou-a segundos depois e antes de uma única fungada bisbilhoteira, segurando um vidrinho azul recheado de noz-moscada.

– Aqui está.

Apolinário Flores resignou-se perante tamanha destreza. Tirou do bolso uma moeda e pagou o vidrinho. E o cheiro ali.

Ia-se embora; nada mais poderia inventar para permanecer na venda e até porque estava atrasado, quando uma portinhola, oculta por uma cortina, abriu-se e dela surgiu uma rapariga com não mais de quinze anos. Não era nem alta nem baixa, pele clara e sedosa, rosto vivo onde navegavam dois olhos tão negros como um céu sem estrelas. O cabelo, retinto de preto, a moça levava em uma trança grossa e brilhante que lhe caía pelas costas retas. Era em tudo uma rapariga bonita e suave, mas tinha ares tão cheios de si e olhos tão cheios de vida que sua simples presença de vendaval ocupava todo o lugar. Apolinário parou, estupefato. Sim, porque o cheiro era dela, e tão dela que a venda se encheu daquele aroma sobrenatural; e ele não sabia se lhe vinha da pele ou dos cabelos, se da boca de fruta madura ou do vestido de chita, mas que era dela, ah, isso era. A moça dirigiu-se ao homem do balcão com uns jeitos tão doces e com tanto agrado, que Apolinário descobriu-a filha do dono da venda. Ela, por sua vez, deitou sobre ele um único olhar, firme e duro; olhar esse que ele nunca mais pôde esquecer, porque denotava a personalidade cheia e forte de Rosa, sem preâmbulos e sem rodeios. Depois, terminado o assunto com o pai, a rapariga desapareceu do mesmo modo que surgira, mas deixou o ar saturado de misteriosa fragrância.

Naquela noite, Apolinário Flores dormiu um sono difícil e cheio de suores, onde o rosto da menina sem nome perseguia-o entre tubos de ensaio e vidros de bojo.

Apolinário sonhou com ela trinta e seis noites seguidas até que, no amanhecer do trigésimo sétimo dia, cansou-se de mal dormir e fez o caminho inverso, da casa à venda do vilarejo, disposto a não voltar de lá sem um trato solene de noivado. Duas horas e oito cachaças foram gastas na tarefa de desvendar o nome da rapariga. Mas não foi a aguardente deitada goela abaixo que conquistou o pai, e sim duas caixas cheias de vidrinhos perfumados com que Apolinário presenteou-o. No fim da tarde, o pai de Rosa já olhava o homem de olhos cerúleos com ares bem mais amistosos. Não era bobo, porque os anos atrás do balcão haviam-lhe dado o conhecimento do mundo, principalmente do mundo que se escondia atrás de um copo de pinga.

– Então que o senhor enrabichou-se pela Rosa, minha filha? – resmungou o velho, lá pelo meio da conversa.

Apolinário Flores domou sua timidez e disse que sim. Achava melhor resolver tudo num cortado. E também que não mais podia dormir mal uma noite sequer: desconfiava que o sono só lhe voltaria quando pudesse dividir com Rosa as suas madrugadas. Fungou alto, aspirando o cheiro da moça que se impregnara pelas paredes de madeira escura, e então concluiu:

– Enrabichei-me, coisa nenhuma, senhor. Eu amo a sua filha. E tudo por causa da noz-moscada. –

Depois, solenemente, completou: – Pois quero me casar com ela.

O velho riu. Além de Rosa, tinha um menino a quem caberia a lida da venda, de modos que, casada a moça, estava tranquilo pelo resto de seus dias. Não se fez de rogado, até porque o homem era de boas posses e simpatizara com ele desde o primeiro momento. Mas explicou-lhe que não podia fazer nada, que não era homem de obrigar filha a casamento. Era caso de Rosa decidir-se.

Recostado no balcão de madeira tosca, um Apolinário nervoso concordou com cada suspiro do pai, meneando a cabeça com tanta força que passou três dias sofrendo de dores no pescoço. Depois disso, o homem chamou a filha. Passaram-se poucos segundos, e Rosa surgiu do vão das cortinas. Veio sorridente e bela, os cabelos negros trançados como da última vez, a gola rendada do vestido envolvendo-lhe o pescoço fino de giz, toda ela envolta numa nuvem fragrante. Apolinário Flores apoiou-se no balcão, porque o perfume dela somado às cachaças que bebera fazia-o tonto.

O pai então apressou-se em apresentá-lo:

– Este é Apolinário Flores, minha filha. E veio casar com você.

Apolinário engasgou-se com as franquezas do velho, mas Rosa apenas sorriu. Dobrando levemente os joelhos em um cumprimento, devastou-o com seus olhos negros de tal forma que o pobre sentiu-se ainda um moleque.

– Casar comigo, o senhor? – sussurrou ela. – Mas por quê?

Apolinário pigarreou nervosamente, embriagado do cheiro misterioso de Rosa.

– Porque os homens casam-se com as moças, e eu bem que preciso de uma esposa – respondeu.

Rosa achou graça. Apenas por isso? Não, retrucou Apolinário, por muitos outros motivos que haveria de relatar-lhe mais tarde, no momento oportuno. A moça entendeu; e não deixou de reparar nas vestes de tecido fino, na camisa bem engomada, nos olhos de vidro azul e na boca macia com que aquele homem lhe sorria. Contou-lhe que tinha quinze anos. Era hora mesmo de casar. Da paixão nada conhecia ainda, mas muito ouvira falar. Depois, sorrindo, achegou-se a Apolinário e completou:

– Mas para casar é preciso o amor. Como saberei se lhe tenho amor, se nem o conheço?

Apolinário Flores contou nos dedos. Era maio. Nove meses. Sim, gastariam nove meses se conhecendo; então no último dia do ano casariam. E com uma grande festa. Disse-lhe que tinha posses, que tudo ela teria e que a faria feliz como poucas raparigas já tinham sido.

– Eu já lhe amo, Rosa – derramou-se ele. – E você? Acha que nove meses são suficientes para que possa vir a amar-me?

– Nove meses até é muito – respondeu Rosa, prática. – Acho que posso amá-lo no prazo de seis meses, não mais.

E foi assim. Apenas porque a ideia de casarem no último dia do último ano do século era mais do que interessante, foi que os dois mantiveram seu estranho trato. Seis meses depois, numa tarde chuvosa de domingo, Rosa declarou solenemente:

– Já lhe amo, Apolinário. Agora podemos casar.

Às dez horas e oito minutos do dia primeiro do ano de 1900, Apolinário Flores despertou com a alegria de ter Rosa ao seu lado. Geralmente se levantava com a aurora, mas os sonos iam-lhe atrasados desde muito; em verdade desde o dia em que fora comprar a tal noz-moscada, e por isso dormira tanto. Recordou-se dos amores noturnos com um riso tão satisfeito que fez brotar uns rubores no rosto bonito de Rosa. Deu-lhe um beijo rápido e selado na boca e pôs-se, sem mais, a cafungar-lhe o cangote em busca do perfume misterioso que emanava da pele da mulher.

– Fui comprar noz-moscada e encontrei foi uma esposa – ele riu, balançando a cabeça pequena. – Ah, os desvarios do Destino...

Assim, Rosa Flores deu-se conta de duas coisas que se repetiriam pelos sete anos, onze meses e vinte e três dias que haveria de durar-lhes a vida conjugal: a história contada e recontada da compra da noz-moscada, e o desespero febril do marido em busca da fórmula do cheiro misterioso de sua pele. Porque, depois do casório, Apolinário meteu-se entre as paredes do laboratório caseiro, macerando e decantando todas as flores e ervas que lhe deram no tino. E foram muitas, pois o que lhe faltou em memória, tratou de buscar nos livros centenários que herdara do pai. Tarefa ingrata, porque quando morreu, aos noventa e três anos, Apolinário Flores sabia tanto dos aromas da esposa quanto soubera na primeira das noites em que acordaram juntos.

Rosa desbravou as carnes do marido feito um bandeirante, futricando daqui e apalpando dali com tanto amor e com tanto empenho que, quando se levantou para o banho, já o conhecia como se tivesse nascido ao seu lado. Tirou a camisola de babados de renda e meteu-se na banheira espumante, lavando-se e cantando com uma voz de soprano que encheu toda a casa. Apolinário, ainda deitado na cama, tratou de respirar o aroma impregnado nos lençóis, babando de felicidade e pensando que Deus não poderia ter sido mais engenhoso do que fora, colocando na mulher de sua vida um cheiro como aquele – para um homem distraído como era ele, tudo poderia passar despercebido, menos o perfume de Rosa.

– Apolinário, quero conhecer o resto dessa casa – gritou Rosa do banheiro, interrompendo-lhe os devaneios.

Haviam celebrado as bodas na venda do pai dela, os noivos e uns poucos parentes atarantados, porque Apolinário Flores fez segredo do casório até as vésperas, com medo que alguma das irmãs não aprovasse a moça, ou com medo de que alguma solteirona casadoira colocasse um quebranto, ou com qualquer outro medo que não pôde identificar. Mas agora estava casado e a força que lhe faltava, sobrava, e muito, em Rosa, de modo que ela cumprimentou as duas cunhadas com uma postura de rainha tão firmada que a elas só coube um simples beijo de face. O irmão nem voltou da Capital, porque estava atolado em afazeres, e Rosa Flores saiu-se tão bem que Apolinário teve certeza de que era ela, sim, a esposa certa. No meio dos fogos que anunciavam a troca de ano, os noivos entraram na casa às escuras e meteram-se entre os lençóis para, enfim, consumir aquele casamento de cheiros e loucuras. E agora Rosa queria conhecer os seus domínios.

– A casa é grande, Rosa, mas não tenho empregados. Vivo metido no laboratório... – disse Apolinário, desculpando-se.

Rosa saiu do banheiro cantarolando. Depois, deu o braço ao esposo e meteram-se os dois a desbravar a casa de ladrilhos lilases, da qual até mesmo Apolinário não tinha mais do que uma vaga lembrança, porque andava pelos corredores sempre com a cabeça nas nuvens.

A casa tinha mais três quartos de pé-direito alto com claraboias por onde o sol entrava, paredes cobertas de flores miúdas, tapetes felpudos e empoeirados e camas largas e macias. Havia uma ampla sala de visitas, roubada à luz do dia por cortinas grossas de algodão, com paredes pontilhadas de quadros muito antigos. Rosa descerrou as cortinas para deparar-se com o pó que se amontoava pelos cantos, grudava-se na moldura dos quadros e desbotava o sofá de veludo. Riu, porque nada mais podia fazer. Não imaginara mesmo lugar diferente para os dias do esquecido esposo; e pôde confirmar suas suspeitas quando, no laboratório, deparou-se com uma limpeza e um asseio que faltavam a todo o resto da casa.

Depois, ambos percorreram um corredor fresco onde samambaias mortas penduravam-se feito enforcados. Atrás de uma porta dupla, ficava a cozinha, com um fogão a lenha, uma mesa para oito pessoas – mas que vivia na maior solidão de comensais, paredes de azulejos brancos e azuis, um tanque de louça e muitos armários de despensa, todos vazios.

Rosa não estranhou a magreza de Apolinário: no fogão tudo que havia era um ninho de ratos. Tornou a rir, e o esposo desafogou-se. Se Rosa não se espantara com aquilo, então nada mais haveria de espantá-la.

– Depois de quinze anos atrás de um balcão de venda, quase nada há de assustar-me, Apolinário – disse ela, lendo seus pensamentos. E foram-se para a lavanderia.

Rosa vasculhou também o quarto de empregados, a despensa imunda, e chegou no pátio interno que separava a casa do laboratório. Ali, teve um choque. Ao primeiro passo, pareceu entrar em um outro mundo. O pequeno jardim não destoava apenas da casa, mas da cidade inteira, com suas poeiras e seu sol escaldante de eterno dezembro. Apolinário sorriu, satisfeito. Explicou à mulher que fora ele quem engendrara o jardim e fora também ele que o cultivara com um amor quase profano, porque amava as flores.

No centro do gramado, havia uma fonte suave que jorrava de um chafariz de pedra. A água corria então por canaletas e irrigava os canteiros onde as flores cresciam como loucas. Eram rosas, rosas brancas e amarelas, rosas cor-de-rosa e rosas vermelhas. Eram margaridas e amores-perfeitos e begônias e lisiantus. Havia orquídeas presas em troncos cercados de hera, onze-horas, copos-de-leite, jasmims e violetas. Uma profusão de flores de todos os tipos, aromas e cores, como se tudo aquilo fosse um grande buquê pulsante e fantástico. Os muros altos cobertos por trepadeiras filtravam os sons poucos da rua e o sol incidia, suave e dourado, dando a todo o jardim um frescor perfumado e cantante, com seus sons de sinos de água correndo.

– Pouco me importa que a casa esteja em ruínas, vou ser feliz nesse lugar – concluiu Rosa.

Apolinário Flores entrou em êxtase. Depois, nuns poucos minutos roubados ao jardim, mostrou-lhe o laboratório impecável. A mesa atravancada de vidros bojudos e frascos pequenos e grandes, as bacias de estanho descascadas pelos anos de uso, o armário onde trancava os cheiros de sua vida, as essências que inventara, as flores secas mergulhadas em éter. Um alarido perfeitamente organizado e sem um grão de pó.

– Nasci aqui nesse laboratório – contou ele, emocionado, circulando em meio à multidão de utensílios.

Rosa riu das brincadeiras do esposo, mas Apolinário explicou-lhe que não, que não brincava. Era tudo verdade. A mãe o parira ali, por gosto ou por necessidade, entre as bacias de estanho e os potes de infusão. E por isso, por nascer já metido nos cheiros, crescera assim.

Na volta, Rosa gastou ainda mais uns minutos com o jardim, depois arregaçou as mangas rendadas e pôs-se à limpeza. Os pavores do esposo, rebateu com frases do tipo: “Bodas são festejadas nos lençóis e à noite, agora vou trabalhar.” E enfiou-se nas lides da casa com a sanha de um estivador. Apolinário insistiu e insistiu e, por fim, dias mais tarde convenceu Rosa a contratar uma empregada, uma única que fosse para fazer os serviços pesados. A esposa cedeu, meio a contragosto, mas o lugar estava quase em ruínas e o serviço era muito para um par de braços.

Assim, foi parar na casa Anastácia dos Alhos, que tinha esse nome em memória da época que caminhava vendendo alhos de porta em porta. Anastácia era uma alemã sessentona, de cara amarrada e coração de manteiga, mas forte como um touro. Em dois tempos, as mulheres colocaram a casa da Praça das Amoreiras em perfeita ordem. Depois, Rosa comprou móveis novos, trocou as cortinas por outras mais leves e fez um canteiro de margaridas no jardim fronteiro. Passada a faina inicial de trocar-se tudo por tudo, a casa recobrou a normalidade, e Apolinário andava pelos corredores sem reconhecer o cheiro de mofo de tempos atrás. Passava os dedos pelos móveis e, em vez de tirá-los cobertos pelo pó do esquecimento, encontrava-os perfumados de jasmim. A residência transformou-se noutra, arejada e fresca. E Apolinário Flores, liberto dos rigores da vida de solteirão, andava mais expansivo e sorridente. Cantava pelos corredores e até a memória pareceu querer voltar-lhe, mesmo que pouca.

Enquanto a esposa revirava a casa, ele meteu-se no laboratório tentando equacionar os segredos do cheiro absoluto dela. Dias e dias afogou-se entre decantações e éteres, mas nada. Pesava e fervia, rezava e tornava a tentar, mas nunca nada. Depois, corria até Rosa e cheirava-lhe o pescoço enfiado em rendas. Rosa afagava-lhe os cabelos com a diligência de quem acarinhava um filho e deixava-o voltar para suas bacias de estanho e seus sonhos de violeta. A velha Anastácia se ria, a mão grossa sovando o pão:

– Tal uma criança esse Seu Apolinário, mas só que vive de brincar com os cheiros.

Rosa Flores apenas suspirava, satisfeita, porque tinha amor pelo homem dos olhos de vidro. Um mês depois, foi obrigada a concordar com a decisão do marido. Ele acertara em contratar Anastácia dos Alhos. Apolinário sorriu, satisfeito com a esposa. Sim, dissera, a velha era boa de alma e de braço. Mas Rosa concluiu:

– Não é por isso que lhe digo, Apolinário. Anastácia tem muita serventia, mas eu poderia me haver

sozinha aqui. O caso é que estou grávida.

Naquela noite, Apolinário soltou mais rojões do que os que se ouviram na virada do século. E o perfume de Rosa, incentivado pela gravidez, aumentou. O marido andava a cheirá-la pelos cantos com um ar extasiado. No médico, Rosa Flores descobriu que o filho em seu ventre fora gerado ainda na primeira noite de amor com o marido. Anos mais tarde, ela viria a descobrir a fertilidade absurda da sua carne, onde os filhos brotavam com a mesma ânsia das flores do jardim da fonte. Com essa notícia, a felicidade instalou-se na casa de ladrilhos lilases.

Rosa andava pelas ruas escondendo-se do sol sob a sombrinha de renda, ativa e alegre. Cumprimentava um e outro e era correspondida com igual entusiasmo. Em pouco tempo, todos já gostavam dela.

No armazém, Antúrio Ferruzo, um italiano fugido da pátria, anotou-lhe os pedidos de compra e foi tratar de separá-los, enquanto Rosa esperava no balcão. O italiano era um homem alto e corpulento, mas com sorriso infantil e suave. Conhecera o menino Apolinário desde que este saíra dos cueiros, quieto e metido entre tubos de ensaio. E agora, depois que o perfumista casara-se com Rosa, Ferruzo o descobrira outro homem. Faceirola, encantado com a vida além do laboratório. O homem entregou o meio quilo de galinha, a dúzia de ovos e as velas de cera perfumada, depois disse:

– Pois, dona Rosa Flores, que seu marido ostenta outros ares. Faceirola... Ontem até deitou um cálice comigo, imagine...

Rosa riu. Era porque ia ser pai.

Ferruzo alegrou-se. Dois dias depois, a cidade inteira sabia das esperas da família do perfumista; ali os segredos alheios corriam mais que a poeira espalhada pelo vento.

Na semana seguinte, durante a missa dominical, Reniana, a cunhada mais nova, arriscou:

– Deve ser um menino. Como convém aos primogênitos.

Rosa desatou a rir. Pôs a mão no ventre ainda reto e respondeu:

– Pois será uma menina. Sonhei com ela essa noite.

Reniana fechou sua cara de passarinho, meteu o véu outra vez até o queixo e continuou sua reza. E Rosa ali, cantando o Salve com sua voz de soprano; cheia de tanta vida que Reniana sentia-se apertada no banco, embora fossem apenas as duas mais uma velha no extenso assento de madeira de lei.

Rosa Flores ia à missa das seis desde que se conhecia por gente, e depois de casada continuou a fazê-lo da mesma forma de sempre. Mas ia sem o esposo, porque Apolinário sempre tinha um quê para afastá-lo das rezas. Um dia, quando retornou da igreja, já pelo quinto mês de gestação, Rosa perguntou ao marido:

– Por que você nunca vai à Igreja comigo, Apolinário? Não acredita no Santo Sacramento, na palavra de Deus?

Apolinário largou seus afazeres por um instante e fitou os olhos de noite sem lua da esposa.

– Não – disse ele –, não acredito. Acho que Deus com seu séquito de padres é, isso sim, um belo engodo do diabo.

Rosa assustou-se.

– Mas você casou comigo sob a bênção da Santa Igreja Católica.

Apolinário riu.

– Bênçãos para o nosso casamento, as que vierem eu as aceito. Além do mais, Rosa, você é católica praticante e eu respeito o seu gosto. Mas na Igreja não acredito e nem nunca acreditei – suspirou.

– E lhe digo mais, qualquer dia desses Deus ainda há de aprontar-me uma falseta. Eu sinto isso.

Ela deu de ombros. O marido era um homem quieto e sorridente, mas reconhecia-lhe a voz das decisões irredutíveis, um timbre mais alto. Beijou-o na testa e preparou-se para sair, ajeitando o vestido como podia por sobre a barriga protuberante.

– Ontem, a criança chutou. E era um chute de menina – arrematou já no umbral da porta.

E Apolinário Flores ficou ali, tão feliz que derrubou um tubo de ensaio cheio e o líquido anil esparramou-se pelo chão, manchando-o de sangue azul. Não fez caso. Olhou entre as cortinas da janela e viu Rosa andando pelo jardim. Por um instante, pôde enxergá-la cercada de quatro meninas, risonha e mais feliz do que um querubim. A imagem foi-se como veio, e Apolinário não pôde saber que via um resvalo do futuro e que Rosa haveria de dar-lhe quatro rebentos, todas mulheres; mas, terminada sua tarefa nesse mundo, haveria a esposa de sumir-se com o mesmo encanto e o mesmo perfume celestial com que surgira em sua vida árida de boticário.

A gravidez não cercou Rosa com os mesmos braços lânguidos com que acercava-se das outras mulheres. De repente, ela viu-se cheia de vida – quanto mais crescia a criança em seu ventre mais ânimo encontrava. Durante os nove meses da gestação, Rosa reformou a casa da Praça das Amoreiras com tanta faina que o marido achava, por vezes, que estava acordando na casa de um outro qualquer. Rosa fez abrir e limpar as claraboias dos quartos para que a luz entrasse de roldão pelas peças, costurou cortinas alegres e pendurou-as em todas as janelas que pôde encontrar. Depois, encomendou móveis fortes, de madeira de lei, e com eles encheu a casa de alto a baixo. Dizia que aquela mobília haveria de durar até o fim do século e que resistiria a tudo e a todos, como de fato acabou por acontecer. Comprou um piano que encontrara por um preço de pechincha e instalou-o no lugar de honra da sala, em frente à varanda, para que fizesse música olhando o céu. Mandou pintar o corredor das samambaias com cenas de uma autêntica selva equatorial, e fê-lo com a ajuda de gravuras que o pintor conseguiu para inspirar-se. O resultado não foi exatamente fiel, porque entre os macacos e pássaros de penas azuis, Rosa mandou retratar um camelo e uma vaca, de modo que aquilo ficou uma mistura de Arca de Noé e floresta. Mas o resultado final agradou-a e passava muito tempo ali, desvendando os segredos do mural selvagem que ela

mesma engendrara.

– Olhe, Anastácia, ali tem uma onça. Veja, entre a samambaia e as orquídeas.

E Anastácia deliciava-se com a fauna colorida grudada à parede do corredor. Trataram de encher o lugar com todas as folhagens que encontraram pela cidade e mais algumas que Apolinário trouxe de presente da Capital. Assim a casa praticamente dividiu-se em duas. Na frente, as salas e os quartos rosados, suaves e frescos, com suas cortinas de organdi branco e seus tapetes de algodão, e atrás, depois da cozinha, o corredor da floresta com seus tigres e araras, e no fim o jardim da fonte, cada dia mais florido. À parte de tudo isso, ficava o laboratório de cheiros e fórmulas onde Apolinário passava todas as horas do dia. De quando em quando, saía de lá num passo tão manso que assemelhava-se ao caminhar de um fantasma, e ia ver a quantas andava a esposa. Chegava-se a ela e, sem palavra, metia o nariz no seu pescoço de alabastro.

– Apolinário Flores!

Rosa fingia um ralho, mas era mais doce que um carinho. E assim os dois amavam-se a gosto, ela com seus micos de parede e suas rendas de cortina, e Apolinário com seus vidros bojudos e sua eterna tentativa de imitar o cheiro da mulher.

Certa tarde, Rosa tocava piano enquanto Anastácia, na cozinha, fazia coalho. De repente, a melodia findou sem aviso no meio de uma valsa. Anastácia secou as mãos no avental e foi ver o que havia feito a patroa parar com a música. Encontrou-a no chão, contorcendo-se em dores, o rosto ruborizado e suando uns suores gelados. Não se espantou, porque não era mulher de sustos; pegou Rosa no colo com a mesma facilidade que alçaria uma criança de oito anos, deitou-a entre as almofadas do sofá e foi avisar o patrão que a esposa estava em trabalho de parto.

Duas horas mais tarde, um choro estridente avisou que chegava ao mundo Violeta Maria Antério Flores, a primogênita das quatro filhas que Rosa e Apolinário haveriam de ter. Veio feito um vendaval, sem a mínima candura de uma violeta, mas o parto foi fácil e rápido, e Apolinário compreendeu que a menina dava mostras do mesmo caráter da mãe e que detestava rodeios. Quando falaram à Rosa o sexo da criança, ela riu:

– Que era uma menina eu já sabia desde sempre, mas deixem-me ver-lhe o rostinho.

Anastácia ruboresceu-se. Foi até o berço e pegou a trouxinha de xales que era Violeta. Depois, num suspiro entrecortado, descortinou a rapariguinha. Violeta tinha o rosto de traços finos e delicados e fitou a mãe com os olhos mesmos do pai, vidrados e azuis. A menina nascera de olhos abertos, o que tornou a confirmar que herdara o caráter de Rosa. Mas os rubores de Anastácia tinham outro motivo. Violeta Flores era em tudo um bebê saudável e formoso, mas possuía um ar de outro mundo. Sim, porque os cabelos da menina, que nessa época não passavam de um chumaço mínimo, eram lilases. Por ser uma criança recém-nascida, a peculiar cor de suas madeixas ainda estava quase imperceptível, mas era clara a estranha coloração lilás. Anastácia disse que, quando crescesse, a rapariga haveria de ostentar uma cabeleira azulada ou violeta e que nunca, em seus sessenta e três anos de idade, tinha visto loucura semelhante.

Rosa não se desesperou. Embalou a filha para sentir-lhe o peso, beijou-lhe o rosto para provar a textura da sua pele, e arrematou:

– Pior teria sido se crescesse careca. Essa cor de violetas poderá ser amainada com algum preparo de ervas, e Apolinário o fará.

Apolinário concordou, embora tivesse ficado impressionado com os cabelos da criança, mas nada disse para não assustar a esposa. Quando esteve sozinho com a filha, enfiou sua cara no bercinho e analisou-a minuciosamente.

– Que coisa – resmungou, por fim. – Essa menina tem cabelo de sereia.

De todo o resto, Violeta era uma criança normal; bonitinha, os olhos azulados do pai, a mesma pele suave de Rosa. As cunhadas, os vizinhos, o italiano do armazém e o pai de Rosa, todos vieram conhecer a rapariga Flores e, se notaram os cabelos coloridos, nada comentaram. Assim, Rosa viu-se feliz e satisfeita com a filha e o marido na sua casa de selva artificial.

Apolinário Flores, assim que pôde, cafungou a filha por todos os lados, tentando ver se a menina herdara o mesmo cheiro de Rosa. Mas não. A filha tinha um cheiro só dela, um buquê de violetas muito suave, o que o fez concluir que haviam-na batizado com o nome mais apropriado para ela. Porque Violeta Flores cheirava mesmo a violetas.

Os dias foram passando na casa da Praça das Amoreiras; Rosa e o esposo, guardado o tempo necessário de resguardo, retornaram aos seus amores de alcova com o apetite dos famintos de paixão. O quarto de paredes floridas voltou a encher-se dos cheiros do amor. Rosa tornou a esboçar seus sorrisos de porcelana, os apetites satisfeitos, e Apolinário Flores perdeu seus restos de memória prática, porque quando não estava no laboratório e nem com a filha, andava suspirando pelos cantos da casa a recordar os jogos noturnos com Rosa.

Quando Violeta completou três meses, era uma criança formosa e tranquila. Tinha uns ares de querubim, mas de querubim brincalhão, porque os cabelos lilases davam-lhe um quê inusitado e inquietante. Deitada no carrinho de rendas, fitava o mundo da casa com um par de olhos tão iguais aos do pai que Rosa até se confundia. Apesar da estranheza de seus cabelos, que cresciam em disparate, Violeta era de uma beleza inegável. Na rua, quando a mãe a levava para passear, era admirada por todos.

Rebecca, uma das cunhadas, comentou certa vez:

– Deus ainda não me concedeu a graça de um filho, Rosa. Mas quando assim o fizer, espero que seja tão formoso quanto Violeta. E depois tratou de emendar: – Mas esses cabelos lilases da menina, algo se deve fazer. Não sei, não me parecem muito pudicos, nem muito cristãos.

Rosa deu de ombros. Anos mais tarde, haveria de saber que ao menos naquilo a cunhada teve razão, porque Violeta Flores herdara as ideias pouco cristãs do pai. Mas naquela tarde de dezembro, nem se importou. Continuou a deambular pelas ruas calorentas empunhando o carrinho de rendas onde Violeta dormitava, alheia à poeira e ao sol escaldante.

Apolinário coou o líquido rosado e morno, enchendo com ele um vidro alto e saboreando o perfume suave que dali emanava. Sentiu atrás de si um farfalhar de saias e, sem virar-se, adiantou:

– Boas tardes, Rosa, como vai Violeta? Fazendo a cesta?

Rosa abraçou o esposo, que tratou de cheirá-la com avidez:

– Não consigo e não consigo desvendar esse seu cheiro – desabafou ele, desalentado.

A mulher riu uma risada límpida que se enredou pelas paredes de madeira envernizada, para lá restar por muitos anos. Um consolo que sempre haveria de alegrar o perfumista.

– É porque nem tenho um cheiro, Apolinário. São delírios de seu olfato de cão farejador.

– Não, não são – respondeu ele. – Ainda ontem à noite o quarto inteiro saturou-se de você, Rosa.

Ela tornou a achar graça. Eram tantas as noites orvalhadas de humores de amor que agora estava ali outra vez. Limpou a garganta solenemente e anunciou:

– Por isso estou aqui, esposo. Esses amores me encheram o ventre outra vez. – E rindo, completou:

– Estou grávida, Apolinário...

Ele fez as contas nos dedos. Fazia um mês que haviam retornado aos amores no escuro da alcova e Rosa já estava grávida!

– Já – confirmou ela. – Parece que meu ventre é tão fértil como esse jardim aí fora.

Apolinário abraçou-a, satisfeito. Que viesse o outro filho, se era a vontade de Deus.

– Deus? – indagou Rosa. – Você falando em Deus?

– Um resvalo, meu amor. Um resvalo de pai alegre.

E a casa entrou outra vez em polvorosa à espera do outro rebento. Enquanto a semente escondida nas carnes de Rosa ainda não dava mostras, ela se meteu a tentar suavizar as madeixas indecorosas da filha.

Violeta tinha quatro meses e os seus cabelos já iam presos por fivelinhas, ardendo em azul, cheios de vida e arrojo. Rosa confabulou com o marido, e esse fez uso de seus conhecimentos para extrair um preparado que haveria de dar uma coloração mais pudica aos cabelos de Violeta. Dois dias depois, apresentou à mulher um frasco, dizendo:

– Está aqui. Isso vai haver-se com a tarefa de escurecer os cabelos da menina até torná-los castanhos.

Rosa então lavou as madeixas da filha com o tal remédio, mas o fez não sem um certo aperto de pena. Gostava dos cabelos de Violeta, exóticos e rebeldes, mas talvez a menina não os aceitasse, porque não podia negar que escapavam por completo da normalidade. Fez tudo o que o esposo indicou, mas nada. Quando os cabelos da rapariga secaram, não só estavam longe do castanho como haviam acentuado seus tons lilases e brilhavam com ainda mais rebeldia que antes.

– Não é possível – exclamou Apolinário. – O cabelo da menina está mais colorido que antes.

Esse foi o primeiro dos diversos artifícios usados para dominar a intrépida cabeleira de Violeta, e todos fracassaram. A infusão de cravos, o chá de loureiro verde, a baba de bicho-preguiça que

Apolinário Flores importou de um país cujo nome era-lhe indefinível, o barro dos mangues, o suco de uvas verdes com leite de rosas, nada pôde com as madeixas da rapariga. E isso se estendeu por muitos anos, até que um dia a própria Violeta anunciou que seus cabelos estavam bem, muito obrigado, que gostava deles como eram, e que nada mais, nada mesmo, haveriam de despejar sobre seus pobres fios coloridos, e a família acabou por conformar-se.

Com a segunda gravidez, o ânimo de Rosa redobrou. Seu tempo foi dividido da seguinte forma: as noites para o marido, mas os dias, quando não estava às voltas com Violeta, eram para reformar o que não tinha sido reformado nos nove meses da gestação anterior. Mandou construir uma estufa envidraçada no jardim, conforme ouvira falar que era a moda nas casas da Europa; decorou-a com móveis forrados de cetim florido e decretou que ali era o seu lugar de ler e bordar paninhos. Depois, mandou importar a cabeça de um alce empalhado e pendurou-o no meio do painel selvagem, ideia que causou muitos sustos a Apolinário. O pobre nunca pôde deixar de sentir que um dos bichos retratados saltava-lhe ao pescoço a fim de matá-lo, mas engoliu seus medos todos para fazer sua Rosa feliz. Assim, o alce incorporou-se como um detalhe tridimensional à parede do corredor. Rosa mandou calçar a frente da casa com ladrilhos cor-de-rosa; e mais tarde, ainda comprou uma cama de dossel para o quarto dela e do marido, porque achava que a cama assemelhava-se a uma tenda de romances do deserto. Não sabia, mas naquela cama sacrossanta haveria de deitar-se a terceira de suas filhas, quando essa descobriu em si o dom de agradar aos homens por umas poucas prendas, saindo de dentro do refúgio da cama mais satisfeita que os machos que havia acalentado.

De mudar tanto e tanto, a casa da Praça das Amoreiras ficou parecendo um refúgio de bonecas.

– Isso aqui está uma casa de maricas – resmungava Apolinário entredentes, sem nunca dizer nada a Rosa.

No oitavo mês de gestação, Rosa findou abruptamente as reformas.

– Essa cria ocupa todo o espaço das minhas carnes, não me sobra lugar nem para as ideias – explicou-se para o marido.

Apolinário não deu uma palavra, limitou-se a beijar Rosa com os mesmos amores de sempre, fungando-lhe o cangote com a avidez redobrada, pois os cheiros da esposa aumentavam nos períodos de gestação. Mas, intimamente, o perfumista deu graças pela sua nova calma, porque eram tantas as mudanças e tão radicais que ele tinha medo de topar-se com um elefante no jardim, ou com uma piscina de água salgada no quarto, apenas porque Rosa tivera uns rompantes para tanto.

Com oito meses e meio, a barriga de Rosa estava a ponto de estourar. Violeta, que por esse tempo tinha dez meses, brincava de escalar aquela montanha redonda e perfumada, e assim travou os seus primeiros contatos com a criaturinha escondida entre aquelas carnes; já ali mostrou um certo desapego pela criança que ainda nem tinha nascido.

– Ciúmes – decretou a velha Anastácia dos Alhos.

Mas Rosa, com umas ideias meio sem dono, sacudiu a cabeça solenemente:

– Qual, nada. Essas aí nunca haverão de entender-se muito.

Anastácia não compreendeu. Na verdade, não conseguia entender como a patroa podia pular sempre de um extremo a outro, saindo da praticidade quotidiana dos cardápios de arroz com carne até os desvarios de adivinhar o sexo dos filhos ainda no ventre, ou de pendurar bichos empalhados pelos corredores daquela casa de bonecas. Apolinário nada dizia. A ele bastava que Rosa dormisse ao seu lado, ou que nem dormisse de tanto amar, e que espalhasse seu perfume de anjo pelos corredores e lençóis. Chegou ao ponto – tal era seu desespero pelos odores da esposa – em que acabou por proibir Anastácia dos Alhos de lavar as roupas de cama com nada que exalasse algum odor, sintetizando ele mesmo um sabão feito de casca de ovos e banha de coco que não tinha cheiro algum, mas que lavava os panos com tal mestria que os deixava alvos como a alma dos querubins de sacristia.

As irmãs Flores viviam a encher os ouvidos do irmão, que Rosa mandava e desmandava feito um ditador de saias, que Rosa criava a filha como se fosse uma musa fugida da mitologia, que Rosa transformara a antiga casa dos pais num museu de bichos e de rendas, que Rosa quase não lhes visitava, que Rosa isso e que Rosa aquilo. Mas Apolinário não se descompunha:

– Vão cuidar de suas vidas. E façam os filhos de vocês, assim deixam Rosa em paz, a coitada.

As irmãs se acabrunhavam. Mas nenhuma das duas, nem Rebecca nem Reniana, teve filhos, porque tinham o ventre seco e se foram como vieram, sem deixar um descendente sequer. Quanto a Geremias, nunca se casou porque ocupava todo o tempo em expandir os negócios e fazer mais e mais dinheiro sabe-se lá para quais fins.

Numa tarde chuvosa de agosto, Apolinário Flores teve de atravessar os lamaçais em busca da parteira, porque Rosa estava às portas de parir o filho que trazia no ventre. Caruena, a parteira, era uma imigrante das Antilhas que parara ali, naquele fim de mundo, apenas por ter tido num sonho a revelação de que naquele canto haveria de encontrar o homem de seus sonhos, que viria buscá-la montado num camelo e com a cabeça enrolada num rico turbante cor de anil. Caruena nunca parou um segundo para averiguar a probabilidade de tal presságio tornar-se real, até porque naqueles charcos que davam no mar nunca se havia visto um camelo, a não ser o que Rosa mandara pintar na parede do corredor das samambaias. A pobre esperou por vinte anos o tal homem do turbante anil e, no final desse longo tempo, quando chegou à conclusão de que ele não viria mesmo, acabou por ficar ali, mais por preguiça do que qualquer outro sentimento. Nos anos em que esperara o homem de seu sonho, enchera seu tempo com o ofício de parteira e assim continuou até morrer, ali mesmo e sem marido.

Em casa, Apolinário mandou Caruena esperar na cozinha enquanto ia ver a quantas andavam as dores de Rosa. Quando voltou, a parteira chorava a pranto solto, parada no meio do corredor das samambaias a olhar o camelo de tinta que ria para ela da parede. Foi difícil que a mulher saísse do meio das brumas de sua quimera esquecida, mas quando o fez, estava já no quarto de Rosa, que se debatia feito louca. Em um minuto, Caruena viu que o parto da moça ia ser difícil.

Foram quatro horas de orações sussurradas para o Espírito Santo e até Apolinário, desafeito que era do catolicismo, se pegou resmungando uns Salves, de tão nervoso que ia o coitado, com a alma pendurada por um fio de merda, como ele dizia sem parar. Anastácia dos Alhos ferveu tantas tinas de água quantas pudera acompanhar com seu parco conhecimento de aritmética, e foi e veio tantas vezes que Apolinário não suportou mais lhe observar os deslocamentos e trancou-se feito um louco no laboratório dos perfumes.

Dezoito minutos passados da quinta hora de trabalhos, no dia doze de agosto do ano de 1901, nasceu Margarida Antério Flores. Uma menina de cabecinha lisa e que pesava nada menos do que quatro quilos e setecentos gramas. Apolinário, desafogado de seus pavores, foi até as despensa e soltou todos os rojões que haviam sobrado do dia em que festejara a graça de ser pai pela primeira vez, e abriu a casa para quem quisesse, servindo licores e distribuindo charutos com a alegria de um pai que quase se imaginara viúvo. Mas qual nada. Rosa recuperou-se em um dia e já na manhã seguinte andava pelos corredores cantarolando e tão bela que ninguém poderia dizer que ainda na tarde anterior estivera às voltas com a morte.

Por algum tempo, Apolinário afastou-se do laboratório dos fundos da casa, passando as tardes no jardim da fonte com Rosa e com as duas filhas. Pegou Margarida e revirou-a como pôde, aspirando os odores da criança com a atenção de um predador. Foi assim que descobriu, aterrado, que a menina tinha cheiro de margaridas.

– Não se espante, homem – pediu Rosa. – Isso não prova nada, a não ser que os nomes foram bem escolhidos.

Apolinário confundiu-se. Os nomes tinham vindo por causa do cheiro, ou os cheiros das filhas tinham imitado os nomes? Em verdade, nunca soube. Na estranha alvorada em que morreu com um espinho atravessado na goela, sessenta anos mais tarde, ainda ocupou seu último laivo de consciência tentando responder a essa questão.

As duas meninas cresciam saudáveis, mas eram diferentes em tudo o mais. Margarida desmamou com apenas dois meses e ainda tinha a cabecinha lisa feito um piso de ladrilhos. Com os mesmos ardores com que se dedicara a descobrir uma poção para amainar a loucura das melenas de Violeta, Apolinário inventou um líquido para fazer brotar os cabelos temporãos da filha mais nova. Dessa vez, seu intento alcançou efeito. Uma semana depois de Rosa ter ensaboado a cabeça de Margarida com a pomada que o marido entregou-lhe, surgiram ali umas penugens finas e ralas que tinham uma semelhança, embora remota, com cabelos de gente.

Rosa bateu palmas. Tanto esfregara a filha com a mistura fedorenta, que deitou fora bile por uma tarde inteira, e sem descanso. Admirou-se que Margarida também não tivesse sofrido os desagradáveis efeitos do remédio.

– Deve ter sido uma intoxicação – sugeriu Apolinário, enquanto Rosa vomitava em cima dos tapetes.

Anastácia fez mais de vinte chávenas de chá para acalmar as ânsias da patroa, mas nada resolveu. Uma semana mais tarde, Rosa encontrou Margarida deitada no bercinho com a cabeça coroada de fios castanhos e crespos. Enfim, Apolinário acertara. Anastácia dos Alhos rezou umas ave-marias em agradecimento ao presente de a menina ter os cabelos com cor de gente normal; Violeta nem se importou. Tinha um ano e dois meses e já começava a falar e entender, precoce que era. Viu os cabelos da irmã e mirou-se no espelho, comparando sua juba cintilante com os fios de avelã de Margarida e já então, com um ano, descobriu-se satisfeita com a loucura genética que era a sua cabeleira.

Rosa continuava vomitando duas semanas mais tarde e concluiu que não havia intoxicação que se estendesse por tantos dias a fio e com tanta perseverança. Postou-se na frente do espelho de cristal, tirou o corpinho de arame, olhou-se longamente e descobriu o porquê de tantos enjoos. Estava grávida pela terceira vez.

– De novo? – perguntou Apolinário.

– De novo – assegurou ela, calmamente.

– Isso sim é que é tiro certo. Nunca vi disso.

E Apolinário pegou-se novamente numas loucuras de felicidade, embora a gravidez da esposa não fosse mais novidade para ele. Descobriu, fazendo umas contas sem fim, que haviam concebido a criança na terceira noite em que deitaram-se juntos após o fim do resguardo. Preocupou-se até. Com sua memória pouca, já confundia o nome das duas filhas, se continuassem assim, como haveria de ser?

Rosa Flores deu de ombros. De filho não havia memória falhada que pudesse esquecer. Apolinário foi obrigado a concordar:

– Está certo. Mas talvez seja conveniente ampliar a casa. Com esse aí na barriga, ocupamos o último quarto disponível.

Rosa acalmou-o. Se fosse o caso, acomodariam as duas meninas no mesmo quarto, o que era muito normal. Mas de qualquer modo, com a gravidez sempre lhe vinha a ânsia de mudar tudo, e assim poderia ocupar-se da tal reforma. Apolinário aceitou a ideia, mas conquanto a mulher não tencionasse transformar o andar superior em proa de barco ou coisa pior.

– Temos que manter, ao menos, uma ordem arquitetônica aceitável – argumentou ele. – Isso aqui está já que é um circo.

Rosa prometeu obedecer.

Margarida Flores era uma menina quieta e dócil. herdara as calmarias do pai, embora fosse-lhe fisicamente muito diversa. Apolinário garantiu que a menina tinha os ares da mãe dele, Geraldine, morta de tifo havia mais de vinte anos. Mas nunca encontrou-se dela um quadro nem nada, de modo que aceitaram a semelhança das duas sem nunca ter nenhuma comprovação mais certa que a memória fraca do perfumista. A rapariga ficava sentada no chiqueirinho por horas, pensativa e silenciosa, enquanto Violeta tratava de desbravar todos os recantos daquela casa de loucos. Margarida detestava o corredor pintado

com a mesma ânsia que Violeta o amava, e sempre que a menina dos cabelos lilases sumia, Anastácia dirigia-se ao corredor para encontrá-la em conversas com uma zebra ou com um canário belga. Margarida gostava do jardim. Ali, nas horas mornas da sesta, a mãe depositava o bercinho para que a menina aspirasse o odor das flores, e entre os canteiros a rapariga era feliz.

Com a terceira gravidez, os perfumes de Rosa pareceram explodir. Mas apenas Apolinário podia identificá-los, de modo que andava arquejante pelos corredores rendados, sempre à beira de gozos fragrantes, amando a esposa com uns amores cada vez mais intensos. À medida que aumentava o perfume, aumentava-lhe também a energia, e Rosa mandou vir da América um arquiteto que lhe engendrasse os desejos. Em poucos dias, a casa encheu-se de pedreiros e poeira, misturando o barro da rua à cal da construção, e até os cabelos luminosos de Violeta tornaram-se opacos por esses tempos. Foram cinco meses de frenética loucura, e todos os dias uma Anastácia chorosa e fungante dizia ser o último de seus serviços, porque amava a todos mas não mais podia com a barulheira, com os pedreiros espiando-lhe as panelas borbulhantes para ver o que se teria de almoço, com o pó abrasador que se metia até dentro dos pensamentos.

Rosa acalmou-a todas as vezes com a promessa de que um dos quartos que nasciam no novo andar seria para a velha. E assim, entre promessas e choros, o segundo piso ficou pronto. Foi o requinte máximo da criatividade prática de Rosa. No andar superior havia mais três quartos com imensas janelas de vidros no teto para que seus ocupantes pudessem ver o sol nas horas do dia, e lua nas horas de ver-se a lua. Camas imensas despertavam um sono recôndito, cortinas de cetim balançavam ao sabor de uma brisa que parecia não existir no resto da casa, e folhagens e gaiolas de pássaros davam aos corredores um ar de selva amestrada. Havia também mais dois banheiros com tanques de banho, e vasos de flores espalhados pelo chão, de forma que a banheira parecia mais um lago de jardim do que um recipiente instalado com cimento e suor.

Apolinário percorreu todos os recantos com uma filha pendurada em cada braço, sorrindo de amores por Rosa. Mesmo que a esposa houvesse criado uma arena de touros ou um salão de baile veneziano, haveria de sorrir-lhe o mesmo sorriso cândido e de beijá-la com o mesmo ardor que a beijara, constatando que o andar novo parecia exatamente com todo o resto da casa: uma loucura fresca e aconchegante. Mas Rosa Flores ficou feliz. Pagou o tal arquiteto a peso de ouro e despachou-o para o lugar de onde viera. Depois, destinou um dos quartos para Anastácia, dizendo que ela merecia cada palmo do colchão de penas, porque suportara todos os inconvenientes com espírito inquebrantável.

– Agora posso acabar o enxoval dessa que vem por aí – completou, afagando a barriga de oito meses.

Apolinário nem a questionou. Se Rosa dizia que era essa e não esse, devia ter por onde. Acatou-lhe a decisão sem um ai e, no dia seguinte, chegou em casa com um berço cor-de-rosa, enfeitado com laços de tule e renda de seda, porque se Rosa achava esperar uma menina, então era mesmo uma menina.

Duas semanas antes do previsto, Rosa despencou sobre um canteiro de gardêneas com a inclemência das primeiras dores do parto. Caruena voltou à casa, dessa vez tomando a precaução de não

se embrenhar pelo corredor de seus pavores, e em poucos minutos fez nascer Gardênia Esmeralda Antério Flores. Gardênia pelo tombo no jardim, Esmeralda pelos luminosos olhos verdes que ostentava. Era uma menina de pouco mais de dois quilos, franzina e delicada, mas corada como uma maçã de estação. Violeta debruçou-se sobre a parteira e alegrou-se ao ver que a irmã vinha para fazer-lhe companhia em seus encantos ímpares. Gardênia Esmeralda chegou ao colo da mãe com uma cabeleira vermelho-vivo tão intenso que Rosa achou que tinham esfregado a cabeça da filha no barro sangrento das ruas. Apolinário exultou com a mesma disposição das duas primeiras vezes, festejando pelos corredores, cantando no boteco do italiano, e se afogando de cachaça com anis até que vomitou por todo o tapete da sala de visitas.

Com o nascimento de Gardênia, Geremias resolveu voltar à cidade para conhecer a cunhada e as três sobrinhas. Veio sem avisar e encontrou todas as meninas deitadas sob o mesmo cobertor, numa profusão de cores e cheiros, ouvindo Rosa tocar um concerto de Mozart com a seriedade que um concertista enfrentaria uma plateia de reis. Gostou sinceramente da cunhada de cabelos de verniz negro e risadas de cortesã, encantou-se com o exotismo das três pequenas sobrinhas, com as madeixas lilases de Violeta, o riso doce de Margarida e os cabelos de fogo de Gardênia, que na época tinha um mês. Apolinário confidenciou ao irmão caçula que as filhas tinham odores próprios e que ele não sabia o porquê, mas eram os cheiros das flores que lhes haviam dado os nomes. Geremias nada disse. Limitou-se a cheirá-las com seu nariz já desperto para os olfatos mais recônditos e teve de concordar com o irmão. Espantou-se com a casa lunática em que viviam, mas não falou um ai, porque o brilho de alegria nos olhos vítreos de Apolinário pareceu-lhe prova suficiente de que eram felizes ali. Depois, entregou-lhe um balancete dos lucros do boticário e da venda cada vez maior das essências e desapareceu pela mesma porta em que entrou, com uns acenos de até amanhã que lhe dissimulavam o desencanto de nunca se ter casado por simples amor ao trabalho.

Findo o prazo de resguardo, Rosa e o esposo entregaram-se novamente ao amor na madrugada, mas dessa vez com um certo cuidado. Parecia a ela que mais andava de barriga do que normal, e de tanto estar grávida já sentia como se fosse sempre dois. Queria uns dias de sossego, porque mal paria uma filha, outra já enganchava-se em sua carne, e precisava cuidar um pouco das três que já tinha. Foram uns tempos de paz. Rosa abdicou de suas ânsias reformistas, e a casa silenciou-se de novidades e de transtornos. Nos quartos cheirando a essência, as raparigas riam e mostravam, um a um, seus talentos e vocações. Violeta, por essa altura, tinha dois anos e meio e falava com uma fluidez e graça que encantavam tanto Rosa quanto Apolinário. Os cabelos lilases iam-lhe pelo meio das costas e, calçada com seus sapatinhos de verniz, vestida com seus babados e perfumada com as criações do pai, parecia mais uma boneca desconcertante. Fitava o mundo através dos olhos de vidro azul com ares tão graciosos que Rosa se pegava a pensar que a filha era um anjo caído. Mas não. Contrariada, Violeta Maria agarrava-se de unhas e dentes, e ia de um extremo a outro em poucos segundos. Bastava que se descuidassem dela, metia-se no corredor da selva e lá ficava de conchavo com quantos bichos pudesse encontrar entre as folhagens, as vivas e as pintadas na parede. Anastácia dos Alhos nunca deixou de

achar que a menina era meio enfeitada, porque não se acostumava com seus cabelos cor de seda de festa, com os olhares de querubim fantasiado e com sua mania de meter-se naquele corredor de loucuras. E Violeta sussurrava o dia inteiro umas palavretas ininteligíveis em uma língua que a velha dizia não ser verbo de cristão; quando lhe inquiriam com quem trocava tantos e tão longos comentários, a menina respondia:

– Estou falando com o alce.

Anastácia tratava então de fazer o sinal da cruz, mas Rosa ria às carreiras. Para agradar os gostos da filha mais velha, mandou vir da África a cabeça de uma girafa empalhada que foi fazer companhia para o alce da parede, porque Violeta tinha o sonho de pendurar um zoológico no corredor.

Margarida era bem mais terrena do que a irmã. Tinha um ano e sete meses, mas ainda não era dada a conversas. Dizia apenas uns poucos sins e ãos. Sem a beleza desarvorante de Violeta, possuía uma graça suave e um riso meigo e tímido. Tinha muito apego pelo jardim da fonte e Rosa deixava que passasse as tardes por ali. Certa vez, menos por gosto que por curiosidade, foi parar no laboratório do pai. Apolinário, quando viu a rapariguinha, encheu-se de um júbilo louco, porque interpretou a visita como uma ânsia prematura de seguir-lhe o caminho. Nas tardes seguintes, levou-a consigo, explicando para a criança tudo o que havia naquele mundo perfumado e silencioso de decantações e macerações, de flores e olfatos aguçados. Pouco importou-se com a idade tenra da filha, porque era partidário da ideia do falecido pai, de que as crianças nasciam já com os gostos formados, faltando apenas desenvolvê-los. Enganou-se, porque antes da segunda tarde de aulas findar, Margarida desatou numa choradeira de pânico e só foi acalmar-se depois de meia hora no colo de Rosa. No laboratório, nunca mais entrou até se tornar a adolescente suspirante que compunha sonetos de amor pelos cantos, e que viu no refúgio dos cheiros o lugar ideal para a paz de sua poesia.

No fim de 1903, Gardênia tinha um ano e quatro meses. Pequena, já revelava as inclinações amorosas para as quais tinha nascido. Os cabelos de fogo cresciam rebeldes e crespos, e nada, nenhuma das poções do pai, nunca pôde atenuar a gritaria dos muitos vermelhos de seus cachos. Gardênia Esmeralda era alegre e risonha, com os mesmos modos da mãe. Aprendeu a andar antes do primeiro ano e a despir-se antes de conseguir meter-se sozinha nos cueiros. O que mais gostava era andar nua pelos corredores, enfiando-se em pelo nos jardins orvalhados de Rosa. Não havia olho que lhe segurasse os instintos, e mal Anastácia dos Alhos a vestia, ela já arrancava tudo entre risos de cachoeira. Foi com muito custo que Rosa ensinou-lhe uns poucos modos para que pudesse haver-se no mundo além dos portões com algum sucesso. Sentou-lhe a mão tantas vezes quantas achou necessário para que Gardênia aprendesse a se manter dentro das fraldas, mas fê-lo sempre com os olhos ardendo de lágrimas contidas.

– Fica de olho nessa, Rosa – dizia, rindo Apolinário –, porque tem vocação para puta.

O que faltava numa filha, Rosa encontrava na outra, e assim era feliz. Apolinário Flores ainda dedicava todas as horas vagas no laboratório a tentar sintetizar o cheiro da esposa, mas andava tão longe do êxito quanto da primeira vez.

No Natal de 1905, Anastácia dos Alhos amanheceu morta e dura em sua cama de penas. Anastácia tinha o hábito de levantar-se às quatro e meia da manhã, sendo que às cinco horas o fogão já se encontrava abastecido de lenha e o fogo fervia o leite e a água para o primeiro pão sovado do dia. Era tão metódica como um relógio, e tanto que Apolinário controlava seu tempo pelos hábitos da boa alemã de saias floridas. Muitas vezes, no afã tresloucado de suas investidas fragrantas, Apolinário perdia a noção das horas por completo. Bastava então meter a cabeça pela janela: se Anastácia lavava as roupas da casa, ainda não eram onze da manhã, porque às onze ela fervia o arroz; se varria a varanda da cozinha, então eram quatro horas da tarde, porque Anastácia dos Alhos varria todo o dia, havia cinco anos, o chão da varanda no mesmo horário e gastava sempre quinze minutos cravados para executar esse serviço.

Naquele vinte e três de dezembro, Rosa revirou-se na cama e viu pelas cortinas cerradas as primeiras luzes da manhã. Imaginou que deveriam ser cinco horas e que o leite estaria fervido e adoçado dentro das três mamadeiras das filhas. Sabia que Anastácia iria primeiro ao quarto de Gardênia, depois levaria a mamadeira para Margarida e, por último, para Violeta. Abraçou Apolinário, deixou-se ser cheirada por ele e dormiu outra vez. Acordou uma hora mais tarde com o coro estridente das três vozes infantis.

– Apolinário, aconteceu alguma coisa.

– Por quê? – resmungou o marido, sonolento.

– São seis horas da manhã e as meninas estão chorando. E é de fome.

Foi o bastante para despertar Apolinário do fundo de seus sonhos. Levantaram-se os dois e, no caminho da cozinha, foram colhendo as filhas uma a uma. A cozinha estava intacta e silenciosa. Por sobre a mesa repousava ainda a louça do lanche noturno de Apolinário, e o bolo de laranja ressecado tinha uns ares alarmantes que fizeram arrepiar os pelos de Rosa. Com o fogão apagado, Apolinário acabou de alarmar-se. Tornaram a subir as escadas e foram para o quarto de Anastácia, o último do corredor. A porta não estava trancada, como nunca estivera, porque a alemã era uma mulher sem segredos. Rosa, com Gardênia choramingando de fome em seu colo, abriu-a. Lá estava Anastácia dos Alhos, estirada e dura, mergulhada no grande colchão de penas feito um velho navio naufragado. Apolinário deixou as meninas no chão e foi medir-lhe o pulso. Mal encostou na pele fria da velha, compreendeu que Anastácia dos Alhos estava morta havia pelo menos oito horas.

O doutor Laércio das Mantiqueiras era um médico metódico. Insistiu em fazer autópsia no corpo da alemã, porque não achava normal que uma mulher de saúde de ferro como ela batesse as botas assim, como quem apaga uma vela.

– A não ser por vontade – concluiu.

Depois, olhou Rosa e inquiriu-lhe se Anastácia dos Alhos andara demonstrando alguma vontade de ir dessa para melhor.

– Não – retrucou Rosa. – Gostava muito de viver.

Laércio das Mantiqueiras levou o cadáver da alemã para o necrotério; cinco horas mais tarde bateu à porta dos Flores, atarantado e ainda com as mãos ensanguentadas do exame. Disse que estava muito confuso, porque Anastácia partira sem motivo. O coração ia-lhe bem, os órgãos todos não tinham indício de nenhum humor maligno e toda ela tinha as carnes de um bebê, sem feridas internas e sem nenhum bicho. De qualquer forma, os Flores enterraram a pobre com honras de familiar e o Natal passou-lhes sem nenhuma graça naquele ano de 1905. Foram rezadas missas para Anastácia, e Rosa levou-lhe por muito tempo flores colhidas do próprio jardim. Apolinário chorou-a com pesar verdadeiro, mas não assistiu a nenhuma missa.

– Se Deus se apiedasse tanto dela ou dos outros filhos que tem – sugeriu – teria-lhe dado ao menos tempo de despedir-se de nós.

Rosa nem o contradisse. Sabia bem até onde iam seus poderes de persuasão com o marido e não iria gastá-los num caso sem solução como aquele. O fato foi que apesar das rezas, da autópsia e de tudo, Anastácia dos Alhos morreu sem motivo conhecido, e fosse qual fosse a causa do seu desquite da vida, o segredo terminou por ir com ela para o túmulo.

A vida na casa da Praça das Amoreiras acabou por retomar o ritmo antigo. Quando o esposo mostrou o desejo de contratar outra empregada, Rosa disse que não. Estava bem como estavam e, de qualquer modo, Anastácia só havia parado ali por ela estar grávida, o que não era o caso do momento. Violeta, Margarida e Gardênia começaram então a acompanhar a rotina doméstica. Foram aprendendo, mesmo que de modo peculiar, a fazer o pão, a separar o arroz bom do arroz bichado, a regar a floresta de samambaias do corredor e a limpar a casa e podar o jardim. Na hora do almoço, uma delas, exceto Margarida, que nessas alturas já tinha ojeriza do laboratório, ia avisar o pai que a comida estava pronta, e no jantar faziam o mesmo. Assim o tempo passou enquanto as três rapariguinhas aprendiam o que haveria – um ano e meio mais tarde – de ser o meio de fazê-las subsistir naquela casa de loucos sem a ajuda da mãe.

Certa noite, enquanto Rosa bordava um pano de mesa em ponto-cruz, ela e Apolinário ouviram o ranger enferrujado do portão. Ele largou seu livro de botânica, que lia e relia numa luta acirrada com a pouca memória, e foi ver quem chegava. Deparou-se então com um negro alto e forte como um touro. O homem entrou no jardim perfumado de lírios e quando viu o vulto mirrado de Apolinário a fitá-lo, tratou de ajoelhar-se para mostrar que nada queria de mal. Rosa assustou-se com a potência de ébano que se instalara em seus canteiros e foi recolher as três filhas para junto de si. Mas não foi o caso. As meninas, encabeçadas por Gardênia, driblaram os abraços da mãe e correram para os braços de touro africano do negro, rindo e brincando com ele como se vissem alguém que gostavam havia muito. Rosa e Apolinário nem chegaram a se alarmar. O negro, que mais tarde disse chamar-se Macumba, ao ver as três meninas belas e exóticas, abriu um sorriso sem dentes e afagou-as com sua mão gigantesca, que poderia fazê-las

em nada por qualquer descuido, mas que brindou-as com o carinho de uma avó centenária. Foi o começo de uma amizade e de um amor abnegado que haveria de durar por mais de vinte anos, quando então Macumba, num gesto desesperado de amor e culpa, enforcar-se-ia no quintal sem dar um ai e nem um adeus à única família que conhecera em toda sua vida.

A bondade do negro encantou rapidamente Rosa Flores. Mandou longe toda a pouca reserva que tinha e chamou o coitado para entrar, com as três meninas formando um séquito colorido em torno dele. Apolinário também simpatizou com o homem, e cheirando-o com certa reserva, descobriu que tinha cheiro de gente boa. Rosa perguntou-lhe se tinha fome. O negro respondeu que sim.

– Então, enquanto lhe aqueço um guisado que tenho, meu esposo vai levá-lo para um banho.

Ele aceitou de bom grado. Apolinário encontrou umas roupas que haviam sido do pai, um homem deveras corpulento e alto, e tratou de substituir-lhe os andrajos pestilentos. Lavado, livre dos piolhos e da terra vermelha e dura que se entranhara por sua carne, bem vestido e alimentado, o homem adquiriu outros ares. Tinha uns modos corteses e um certo ar de orgulho que se descortinava em seus gestos altivos e que dizia ser herança de antigos reis africanos que deram origem a sua estirpe. Mas ele nascera entre as paredes fétidas de uma senzala; sua alma e seu corpo foram sempre posse de um branco senhor de terras que nunca vira nele mais do que um animal de lavoura ou uma moeda de barganha. Vivera assim, labutando de sol a sol, até o dia em que abriram a porta da fazenda e mandaram-no embora sem despedidas, porque uma tal de princesa Isabel, que reinava n’alguma terra para lá de onde lhe alcançava a vista, havia assinado um papel que tornava todos os negros homens livres. E por isso ele vagava havia nove anos, procurando um lugar onde viver e uma cama para deitar a cabeça no final do dia.

– Metade dos que viviam lá da fazenda morreu de fome ou desgosto, a outra metade eu perdi de vista nessa terra de meu Deus...

Rosa tornou a encher-lhe o prato, e o negro, por sua vez, meteu-se a mastigar com a avidez de um homem que não comia havia muitos dias.

– E como você se chama? – indagou Apolinário.

– Macumba – respondeu de boca cheia o negro.

Depois que Macumba satisfez seu apetite de touro alforriado, as meninas trataram de pular em seu colo e mostrar-lhe o corredor pintado de selva, as claraboias do andar superior, o quarto onde morrera Anastácia dos Alhos, o jardim da fonte e tudo o mais que elas acharam ilustrativo de seus muitos sonhos e brincadeiras. Macumba, por sua vez, retribuiu-lhes os agrados contando histórias dos negros de sua terra e dos santos de sua religião. Por fim, cantou-lhes uma música que aprendera com a avó numa língua distante e sonora que muito mais tarde Apolinário descobriu ser mandinga. Depois, tirou do pescoço de ébano três colares de contas e meteu-os um em cada uma das raparigas. Ante o olhar de estranheza de Rosa, explicou:

– Não se assuste dona, que não é coisa do diabo, não. É pra proteger as meninas. – E apontando um por um, complementou: – O vermelho do sangue de Xangô pra menina Gardênia, o azul de Iemanjá é pra Violeta, e o amarelo de Oxum pra Margarida.

Rosa amoleceu com a atitude de Macumba. Foi até os fundos da casa, tirou o ferrolho de um quartinho onde ficava a antiga despensa, varreu-o bem e depositou ali um colchão para que o negro passasse a noite sob um teto. Macumba botou na cama as meninas, uma a uma, porque foi a condição que as três impuseram para irem deitar, depois ele mesmo meteu-se sob as cobertas para dormir o melhor sono de seus últimos nove anos; talvez da vida inteira.

Aquela primeira noite de guarida deu início a uma sucessão de outras noites iguais e de dias em que Macumba fez de tudo, desde limpar a casa e fazer a feira, até cuidar das três raparigas, que o amaram já no primeiro momento com um ardor de vendaval. Macumba nunca mais foi embora. Ao contrário, sentindo-se querido pela primeira vez em seus muitos anos, deu a alma, e daria também de bom grado o seu sangue para a família Flores. Gostava de todos, das meninas que nunca haveria de imaginar senão como flores de estufa falantes, até Rosa, com seus risos e florestas de tinta, e Apolinário, a quem atendia com uma gana que nunca tivera em seus tempos de escravo. A despensa ao lado da cozinha passou a servir-lhe de quarto e, aos poucos, foi transformando-a num reduto daquela terra que nunca conhecera, mas que trazia bem arraigada no sangue. Primeiro, trocou o colchão de penas por uma rede, porque dormira assim desde sempre e o corpo reclamava o conforto excessivo do colchão. Mais tarde, acendia velas e orava, cantando ali as canções dos seus antepassados e ensinando-as todas às meninas Flores.

Mal souberam da novidade, as duas irmãs de Apolinário foram ter com ele.

– Um negro! E vindo sabe-se lá de onde, vivendo numa casa cristã. Resmungando em mandinga impropérios e safadezas!

O perfumista não se deu por vencido. Era um negro sim, mas com a alma mais pura que a de muitos brancos que conhecia. Ademais, a casa nem era tão cristã assim, porque ele, o chefe, nunca ia à igreja.

Rebecca incendiou-se:

– Tenho pena é dessas três meninas! Demorou para que Rosa deixasse entrever suas demências disfarçadas. Um dia, esse negro vai abrir uma das meninas a facão, que nem se abre uma galinha para o diabo, e então será tarde demais, porque nem Deus Nosso Senhor perdoará tamanha falta!

Apolinário Flores perdeu a paciência de frade. Berrou que se calassem e que nunca mais adentrassem o portal da Praça das Amoreiras; depois disso, despediu-as sem nenhum adeus.

Em abril de 1907, Rosa Flores descobriu-se grávida pela quarta e última vez. Quando percebeu as primeiras náuseas corroendo-lhe a carne, sentiu-se quase aliviada. Fazia muito que não trazia um filho dentro de si; em verdade já sentia falta da barriga protuberante, dos enjoos matinais, da vontade de roer um torrão de açúcar no meio da madrugada ou de comer carne crua com alpiste da arara do jardim. Foi uma festa repetida e aumentada, porque agora eram as três meninas, Macumba e Apolinário a comemorar a notícia. Violeta, que tinha quase sete anos, cantou em mandinga uma música de boas-vindas para a criança. Nessa época, já aprendera com a mãe a ler, a escrever e a fazer as contas fundamentais da

aritmética. Era inteligente e esperta, mas com umas luzes que não eram desse mundo. Por isso, por ter uns ares boreais, contou nos dedos daqui, subtraiu alguma coisa dali, e declarou que o bebê nasceria, se tudo desse mesmo certo, no dia vinte e quatro de dezembro, véspera de Natal.

Margarida, com cinco anos e meio, limitou-se a beijar a mãe com seus ares de anjo de coro, contente por ter mais companhia para brincar. Gardênia, a terceira, aproveitou a festança geral para pelar-se pela primeira vez nos últimos três anos. Apolinário Flores, por sua vez, tratou de cheirar o cangote da esposa para comprovar que o perfume dela aumentara, como havia acontecido nas outras três gestações. Descobriu que não só lhe cresceram os odores fragrantes, como se haviam adocicado.

– É porque estou ficando velha – concluiu Rosa.

Apolinário garantiu-lhe que não: era ainda uma moça, e tão bela como no dia do casamento; de qualquer forma o cheiro dela havia melhorado, e não piorado como era de esperar que acontecesse com o cheiro dos velhos.

Macumba chorou de emoção umas lágrimas tão grandes que fizeram poças no chão da cozinha. Meteu a mãozarrona no pescoço de ébano, fuçou daqui e dali e resgatou um colar de contas brancas que estendeu para Rosa, dizendo:

– São as contas brancas de Oxalá, o pai de todos os santos, pra menina que vai nascer daí...

– Como sabe que é uma menina, Macumba? – perguntou Rosa, confusa. Na verdade, também ela achava trazer outra rapariga no ventre.

O negro não se deu por achado:

– A senhora, dona Rosa, foi talhada pra ter filhas mulheres. Homem não vinga em seu ventre.

E Rosa Flores aceitou-lhe a verdade, porque em algum lugar de sua alma sabia que o negro tinha mesmo razão.

A gravidez de Rosa trouxe-lhe junto o antigo desejo de reformar as já tão reformadas peças da casa da Praça das Amoreiras. Desta feita, colocou as três filhas na tarefa louca de reinventar espaços de fantasia onde já tanto ela havia inventado. As meninas exultaram com o projeto. Apolinário Flores, por sua vez, meteu-se novamente nas pesquisas em seu laboratório do fundo do quintal, nem se importando com o reinício da confusão de tintas e pedreiros que se instalaria outra vez pelos corredores da casa.

Rosa, encantada com as histórias de Macumba sobre a África e os negros das senzalas onde vivera, incumbiu-o de erigir no quarto que antes pertencera à Anastácia dos Alhos uma pequena senzala dessas de fazenda. Macumba pôs-se ao trabalho ajudado apenas por Violeta, que tinha pelo negro a admiração de uma pupila. De acordo com as lembranças de Macumba e a orientação de Rosa, o quarto foi transformado numa sala de absurdos, porque o que contava o negro, Rosa distorcia conforme queria sua louca imaginação. Por fim, o lugar transformou-se num recanto de paredes forradas de toras, redes de algodão importadas do Norte do país, colares de contas para que todos os santos regidos por Oxalá

protegessem o lugar, pinturas feitas pelas mãos nem tão talentosas quanto criativas de Violeta, que indicavam os negros e suas labutas contadas minuciosamente por Macumba, mas que acabaram por parecer cenas de um inferno colonial, onde escravos com olhos vermelhos e roupas esquisitas dançavam com animais estranhos. No meio do painel, estava Anastácia dos Alhos, um pouco distorcida pela falta de habilidade da pintora, mas absolutamente reconhecível, amassando um pão de proporções gigantescas e com uma cara de espanto tamanha que era como se tivesse consciência do absurdo onde fora inserida. Assim ficou o quarto da velha empregada, com a claraboia de ver-se a lua ainda no teto e um altar de oferendas para que Macumba pudesse sentir-se perto de sua pátria desconhecida.

Alvoroçada pela inspiração, Rosa mandou vir cinco araras coloridas que mais tarde instalou num grande poleiro no jardim, e que foram fazer companhia a uma que já vivia lá desde o seu casamento. A partir desse dia, Apolinário não teve mais sossego, porque quando um dos pássaros se calava, outro tratava logo de assumir a falastrina, e era uma barulheira infernal o dia inteiro. Apolinário, confuso e irritado, passou a errar as fórmulas, pingando sempre demais ou de menos, mas nunca ousou dar uma palavra sobre isso com a esposa. No entanto, anos mais tarde, num acesso de cólera que foi o primeiro dos muitos de sua longa vida, degolou as araras uma a uma, e mandou que Macumba as enterrasse no jardim.

Quando esperava a última filha, Rosa Flores tinha vinte e três anos e era uma mulher muito bela, porque as três gestações haviam-lhe passado sem sequelas. Tinha os mesmos olhos amendoados e brilhantes, o sorriso de gata continuava intacto e as suas risadas ainda ecoavam pela casa com o mesmo estrépito dos primeiros tempos. Ostentando a quarta barriga, mal disfarçada pelos panos rendados, tornara-se mais luminosa que outrora, enérgica até nos suspiros de felicidade que trocava com o marido entre os lençóis.

Apolinário amou-a, nesses tempos, com mais ardor do que jamais a amara antes, aspirando-lhe os odores celestiais por onde passava, fungando o travesseiro onde repousara a cabeça durante o sono da noite e confabulando com as três meninas sobre os melhores quitutes que ela preparava. Eram uma família feliz vivendo numa casa exótica e, à parte de todo o resto da pequena cidade, construíram uma vida de alegrias e perfumes, rebordada pelos sorrisos femininos, pelos gostos daquelas mulheres ainda crianças, enfeitada pelos cabelos lilases de Violeta, pela cantigas de roda de Margarida e pelos ares de fêmea incubada da pequena Gardênia; havia ainda Macumba, uma sombra diligente, sempre pronto a descobrir mudas de filodendros para a patroa, ou buscar mil-folhas de creme de leite para seus desejos noturnos, ou ainda atento aos tropeços das meninas e aos muitos esquecimentos do patrão sonhador.

Apolinário, quando tornou a circular pelo andar superior da casa, não o reconheceu entre os afrescos pintados pelas mãos das três filhas, as contas de Xangô penduradas feito amuletos pelas portas e os gatos siameses que Rosa comprara na feira e que andavam a ronronar pelos cantos, enroscados nas folhagens ou desfiando os elegantes bordados das colchas. Pela primeira vez, sentiu-se habitando um cenário de loucuras, mas ainda assim nada disse à esposa. Rezou apenas que fosse aquela a sua última gravidez, porque temia que na próxima a sanha renovadora da mulher acabasse por invadir-lhe o

sacrossanto laboratório do fundo do quintal. Apolinário pediu, assim como quem pede um capricho, esquecendo-o segundos após tê-lo ansiado, porque a memória ia-lhe tão ruim ou pior que antes; mas Deus acabou por ouvi-lo.

Rosa ainda não entrara no último mês de gestação, quando uma dor aguda trespassou-lhe as carnes e a bandeja que carregava foi espatifar-se nos ladrilhos da sala com um estrépito tão grande que era já um aviso de que alguma coisa de ruim iria suceder. Gardênia, ao ver a mãe caída num charco de água ensanguentada, desabou numa choradeira de pânico, à qual Macumba acudiu. A patroa, gemendo de dor e toda ensopada, fê-lo entender que entrara em trabalho de parto e que a criança ia nascer de oito meses. Macumba pegou Rosa no colo como quem alçava uma boneca, levou-a para o quarto e acomodou-a na cama com canções sussurradas em mandinga e rezando a todos os santos para que a protegessem, enquanto ele ia buscar algum socorro. Com umas poucas palavras, aquietou Gardênia e as outras. Depois, foi bater na porta do laboratório onde Apolinário, desligado do mundo, fervia uma infusão de pétalas de rosa de estufa com cravos da índia e hortelã.

– Senhor, a patroa vai ter a criança – gemeu o negro.

Apolinário largou seu preparo, fez uma conta rápida e disse:

– Mas como, se ainda falta um mês?

– Essa aí vem vindo com pressa – explicou Macumba, já puxando o patrão pelo braço.

Então Apolinário foi até o cofrezinho escondido atrás da sua mesa de trabalho e tirou dali o nome e o endereço da parteira que havia trazido ao mundo as três primeiras meninas. Fez um esforço enorme para falar em bom tom, tamanho era o nervosismo que se acumulava em sua alma:

– Vá buscar a parteira, Macumba. O nome dela é Caruena e mora na quinta rua depois da pracinha do Rosário, na última casa da quadra, do lado esquerdo de quem vai. E diga-lhe que é um caso de urgência.

O negro tirou do pescoço um último colar de contas brancas e entregou-o ao patrão:

– É de Oxalá, o Pai – disse ele. – Segura, seu Apolinário, até que eu volte com a parteira. É pra proteger dona Rosa.

Depois desapareceu pelo caminho.

Apolinário meteu o colar no bolso e foi ver a mulher. Encontrou-a delirando na cama, os olhos opacos e suando uns suores frios de gente morta. Tentou falar-lhe umas palavras de amor para consolá-la em seus pesares; mas ela não pôde ouvi-lo, perdida que estava nos labirintos de sua dor. Cafungou-lhe o pescoço suado e mal pôde perceber o odor amendoado que ela exalava desde sempre. Assustou-se, então. Tirou do bolso o colar de Macumba e agarrou-se às contas brancas com um fervor que, mais tarde, haveria de duvidar que houvesse sido mesmo seu.

Quando Caruena chegou, já a esperava uma tina de água fervente que Violeta se lembrara de

preparar, acostumada que estava com os partos da mãe. Das outras vezes, não ouvira aqueles gritos, nem vira o pai cozinhando em fogo brando numa poça de lágrimas ardentes, mas, ainda assim, os sete anos de que dispunha não puderam dar-lhe a gravidade exata da situação. Mal Caruena pôs seus olhos em Rosa, percebeu que a criança estava sentada na barriga e que iria gastá-la em esforços antes de conseguir posição boa para nascer. Muito calma, a mulher lavou as mãos na tina fervente, iniciou uma oração muito sussurrada para Nossa Senhora do Bom Parto e tratou de ajudar a trazer ao mundo o ser enganchado naquele ventre. Apesar dos esforços da parteira, três horas mais tarde, Rosa ainda não pudera libertar-se do filho, e nadava num charco de sangue e suor, os olhos vítreos e tão opacos que pareciam já contemplar o mundo das almas desencarnadas. Caruena, exausta, viu que nada mais podia fazer. Saiu para o corredor onde Apolinário, as filhas e Macumba esperavam.

– Não quer nascer... – anunciou, cheia de pena. – Eu mesma não posso fazer mais nada, só rezar pra que a Nossa Senhora do Bom Parto ilumine essa casa.

Apolinário desesperou-se. Ia começar a gritar de pavor, quando Macumba disse:

– Nos tempos que eu era escravo, fiz os partos de pra lá de quinhentas éguas parideiras, e de muita negra também...

O perfumista nem titubeou. Do quarto mergulhado em sombras, a voz chorosa da esposa quase nem mais podia ser ouvida. O perfumista pediu, então, de joelhos, que Macumba tentasse de tudo, qualquer coisa, que invocasse o santo de sua preferência, que invocasse o desalmado, qualquer deus ou qualquer besta, mas que salvasse sua Rosa e o bebê. Macumba levantou o patrão como quem levantava uma criança que caíra um tombo, ajeitou-lhe o casaco com cuidado, secou seu rosto molhado de lágrimas e disse que daria até a vida pela dona Rosa, se Deus do Céu ou o Capeta aceitassem uma reles alma de um negro em troca da pureza da patroa. Depois, tomou o colar de Oxalá e foi haver-se com sua tarefa.

Caruena pegou as três meninas e tirou-as dali; achava que não era justo elas saberem que o nascimento de um filho podia vir à custa de tamanha dor, para que quando fossem adultas não lhes secasse o ventre por culpa de algum medo recôndito. Apolinário ficou só, rezando umas rezas recuperadas à última hora, sentado no chão do corredor como se estivesse na antessala do Inferno.

Passaram-se mais duas horas e meia, e lá fora já escurecia. Do quarto, não se ouvia um ai. Apolinário Flores recostou-se na parede, tentando em vão recordar um sorriso iluminado da esposa, quando cafungou o ar e encontrou-o vazio do cheiro de Rosa. Alarmado, aspirou mais uma vez feito um cachorro farejador, mas novamente não achou a fragrância de amêndoas celestes. Amoleceu como um boneco de pano e, estirado no chão da sala, anunciou para o corredor vazio:

– Pro caralho o mundo inteiro. Rosa morreu.

Um minuto mais tarde, um choro esganiçado de criança invadia o corredor, e Macumba, suado e ensanguentado, surgiu trazendo nas mãos uma menina, que se debatia na agonia extrema de vir ter com o mundo num caso tão trágico como aquele. Apolinário, derrubado pela descoberta terrível da perda de Rosa, mal levantou os olhos para o negro. Mas quando viu o ser indefeso que vinha naquele berço de mãos nodosas, encontrou em sua alma ainda um resto de amor, e começou a chorar de emoção. Macumba

entregou-lhe a filha e contou:

– A menina não nascia e não nascia. E então dona Rosinha abriu seu olho de santa e pediu pra mim que eu cortasse a carne dela, pra tirar dali a criancinha antes que fosse tarde...

Explicou que obedecera a patroa, porque mãe era sempre mãe. E que Rosa esperara até ter nos braços a filha, tomara tento de sua perfeição, e depois partira de mão com algum anjo de Nosso Senhor.

– Morreu feliz, seu Apolinário – sentenciou o negro.

E os dois choraram abraçados no corredor da casa da Praça das Amoreiras, segurando juntos aquela criança que chegara neste mundo no justo instante em que partia dele a alma da mãe.

Parte 2

Rosa Flores foi sepultada no dia vinte e quatro de dezembro de 1907, véspera de um Natal sem ceia nem alegria, enquanto a filha mais nova chorava no berço de brocados a fome de um peito que nunca haveria de conhecer. Foi enterrada com um sorriso de júbilo no rosto de querubim, e Apolinário não permitiu que nenhuma das filhas visse a mãe no caixão de cedro branco, porque queria que elas a levassem na alma como o vento de alegria que sempre tinha sido na vida de todos. Despediu-se da esposa debaixo de uma chuva miúda e fria, sem mais consolo do que o braço forte de Macumba, e sem lágrimas, porque com a mulher ia-lhe para a terra também todo o resto de sentimento que havia habitado sua alma.

Quando baixaram Rosa à terra, Apolinário Flores ainda lembrou-se da desconfiança que sempre tivera de um Deus que, no final das contas, havia-lhe comprovado a natureza de seus horrores. Roubaralhe a única criatura que despertara o seu amor, deixando-o viúvo, com quatro filhas pequenas para criar, e sem o cheiro doce que ainda ardia-lhe nas narinas à mais leve lembrança da esposa defunta.

Em casa, a primeira coisa que fez foi correr à alcova e fechar a ferro todas as janelas para que o resto do odor misterioso de Rosa não lhe fugisse à traição e fosse se perder nas ruas numa ida sem volta. Mas quando Apolinário saía do quarto, deparou-se com Violeta, Margarida e Gardênia, pequeninas e apavoradas, procurando pela mãe que sumira-se sem avisos nem despedidas. Então chorou como se fosse ele o órfão.

No meio da madrugada, já metido na solidão de suas cobertas frias, Apolinário ouviu o pranto da filha recém-nascida, e atrás dele a voz mansa de Macumba, acalmando-a com umas canções africanas que trouxeram lágrimas aos seus olhos doloridos. Levantou-se, desceu pelas escadas recobertas de folhagens, tentando não tropeçar nos gatos à procura de sua dona e, na sala, deparou-se com Rebecca e Reniana, sentadas gravemente no sofá bordado, esperando por ele.

Por mais de dois anos, as duas não haviam entrado na casa do irmão, desde a briga por causa de Macumba. E, em verdade, era a contragosto que estavam ali naquele momento. Mas falaram e falaram, enchendo os ouvidos de Apolinário e, de tudo que disseram, ele compreendeu que estavam ali dispostas a ajudá-lo a criar as quatro meninas órfãs de mãe.

– Afinal, não temos filhos – concluiu Reniana. – Cada uma de nós pode encarregar-se de duas das meninas.

Apolinário teve de esforçar-se ao máximo para não expulsar as duas a vassouradas. Então, que mal Rosa morria, já queriam tomar-lhe as filhas, únicas lembranças que ela lhe deixara?

– Sumam daqui agora, suas loucas de sacristia! – bradou ele, com um alvoroço que fez despertar as araras no pátio. – Minhas filhas crio eu!

Rebecca não se deu por achada e argumentou:

– E se viéssemos aqui diariamente para cuidá-las e educá-las? Assim não ficaríamos à mercê de um negro e de um pai que, apesar de bom, não entende nada de filhos. Além disso, receberiam todos os ensinamentos da Santa Igreja, e modos de senhoritas e tudo o mais.

Apolinário recordou-se do choro de Macumba ao narrar-lhe o parto da filha, do amor de Rosa pelo negro alforriado, e tornou a mandá-las embora.

– Vão daqui, vocês duas. De mulheres nessa casa, me bastam as quatro que já tenho.

Passaram-se dez dias até Apolinário lembrar-se que a filha mais nova não tinha nome. Era noite, e ele foi tateando pelos corredores mudos, as gaiolas do pássaros cobertas feito fantasmas que levitavam pelas salas, as meninas dormindo cada uma em seu quarto. Macumba havia descoberto em si qualidades de uma mãe, e era dele e de Violeta a tarefa de engrossar o leite com amido, de ferver a mamadeira de vidro para livrar a menina de infecções e de vermes, de dar-lhe a comida nas horas certas e pingadas que era como comiam todos os bebês de colo. Entrou no quartinho iluminado pela luz difusa do candeeiro – porque Macumba achava que as crianças temiam os espíritos escondidos no escuro – e deparou-se com a criança dormindo. Só então Apolinário descobriu como a filha era parecida com Rosa. Tinha as mesmas madeixas de ébano, a boca feito flor desabrochada e a pele alva e lisa. Num desvario de saudades, tirou a menina do refúgio das cobertas e cheirou-a. Mas ela não possuía o odor indescritível e absurdo da mãe; tinha, isso sim, um suave perfume de leite de rosas, morno e tão calmante que era quase um consolo; e Apolinário, então, entregou-se ao pranto, e desatou a chorar umas lágrimas grossas de saudade e solidão.

A menina, acordada no meio das horas noturnas pelo pai farejador, abriu os mesmos olhos negros da mãe e fitou-o com calma, de modo que o choro de Apolinário era o único que ecoava pelo quarto. Aos poucos, o perfumista acalmou seus ânimos de viúvo desconsolado e decidiu: a filha iria chamar-se Rosa Arcádia Flores. Rosa, por causa da esposa de quem herdara tudo o mais, Arcádia, porque Apolinário achou-a suave como um poema e perfumada como as colinas gregas que havia estudado no colégio, e Flores, porque era-lhe o sobrenome de direito. Assim, no primeiro dia do ano de 1908, Rosa Arcádia Flores foi batizada na Igreja Maior da Nossa Senhora da Anunciação, numa cerimônia de poucos convidados. Mais tarde, entregue aos cuidados de Macumba, tornou a ser abençoada, só que desta feita por Oxalá, Ogum, Iemanjá e Iansã, porque Macumba queria-a cercada de toda a proteção, já que de desgraças bastava-lhe a dor de crescer órfã de mãe.

Recobrados os antigos hábitos da casa da Praça das Amoreiras, Apolinário tornou a meter-se entre seus tubos de ensaio, mas agora com dedicação redobrada. Fazia tudo o que tinha de fazer numas horas roubadas à saudade de Rosa e depois, como um rito de reencontro diário, metia-se a desvendar os cheiros que ainda iam-lhe pela alma, com medo que a memória falha levasse dele até mesmo aquele último refúgio de consolo. Mas nada obtinha. Uma vez, achou ter arranhado de leve a brisa de amêndoas celestes que ventava em torno de Rosa; mas depois, mais calmo, descobriu seu engano. Depois disso, desesperou-se. Não comia mais, esquecia-se do banho, virava as noites inteiras entre os frascos coloridos, sem voltar para cama por puro medo de deparar-se com a alcova vazia. Emagreceu e seus olhos de vidro azul tornaram-se opacos e fugidios.

Macumba preocupou-se. Amava o patrão com todas as fibras de sua carne. Sabia que Apolinário se acabava num charco de saudades perfumadas e que iria logo, se não se desse um jeito no caso, fazer companhia à dona Rosa. O negro tratou de juntar-se com seus santos, orando e cantando em línguas africanas as mais diversas, pedindo proteção de Oxalá para o patrão que se enterrava vivo em recordações e esquecia das quatro filhas. Depois, fez Apolinário sorver uma beberagem que, se curava até ferida de açoite, haveria de curar ferida de amor. Pouco adiantou. Apolinário Flores continuou seguindo os seus horários dementes, comendo quando queria, tomando banho na fonte, fazendo o que lhe desse bem pela veneta. A única coisa que o tirava de seu torpor eram as filhas. Aí sim, quando via Margarida cantarolando pelo jardim ou Gardênia despindo-se às escondidas para aliviar as carnes presas, ou ainda Violeta conversando com os animais ou fitando o eterno mural que Rosa mandara pintar no corredor, então voltava-lhe a razão e tomava seu banho, jantava com apetite e brincava com as raparigas. Mas, de todas, a que mais lhe tocava o coração era Rosa Arcádia, a pequenina. Em seus momentos de calma, quando largava os afazeres do laboratório, Apolinário deleitava-se com a menina. Era bela e suave como um gatinho siamês e tinha todos os ares de Rosa, embora mais amansados. Rosa Arcádia andava por essa época com uns seis meses, e na casa ninguém recordava-se de um único

choro seu.

– Sua mãe teria orgulho de você... – resmungava Apolinário, satisfeito. Depois, alheio ao pouco entendimento da menina, tratava de contar-lhe a história da noz-moscada.

Macumba andava de olho no patrão. Certa tarde, viu-o mastigando as samambaias do corredor com uma avidez de cavalo, e alarmou-se. Indagado, Apolinário assegurou ao negro que a planta, por ter sido cuidada por Rosa, tinha o cheiro da esposa morta e que ele não resistiu, comendo-a inteira de pura saudade. Macumba pensou que era hora de dar cabo daquela estranha situação, antes que a situação desse cabo do próprio Apolinário. Como não tinha com quem falar, foi procurar Violeta, que andava então com quase nove anos. Encontrou-a dando comida aos pássaros, com seus cabelos de fada e seu riso de água de poço. Só então reparou – porque na correria de criar quatro meninas e de cuidar do patrão e da casa perdera-se no tempo – como ela estava crescida e como era bela. Vestia uma saia branca de babados e uma camisa rosada, e parecia, desde os cabelos improvavelmente lilases até o rosto de quase mocinha, um ser meio etéreo, como se fosse uma estátua de jardim avivada por alguma misteriosa feitiçaria.

Violeta, ao ver o negro que amava quase como pai, sorriu feliz.

– Florinha Violeta, Macumba anda muito preocupado com o patrão – contou o negro.

E desatou a falar-lhe dos banhos noturnos na fonte, das madrugadas em que buscava Apolinário no laboratório para que fosse deitar um pouco, e na tal samambaia que ele tinha comido de pura saudade.

– Vai se acabar, o coitado.

Violeta soube que Macumba estava certo. Nunca tinha notado a estranheza absurda do pai, porque, para ela, Apolinário sempre fora aquele metido em camisas, óculos de míope, cabeça de vento e coração de mundo inteiro que andava a cheirar tudo quanto tivesse um cheiro. Lembrava da força da mãe e, quando esta faltara, Macumba passou a assumir-lhe a tarefa. Além do mais, Violeta andava por essa época a perseguir uns espíritos que se metiam pelas pregas de suas saias, enrolavam-se nas samambaias do corredor ou faziam troça dos gatos. Era uma avoadada e muito já era para ela cuidar de Rosa Arcádia. Mas lembrou-se bem do pai, das suas olheiras azuladas, da magreza dos últimos dias, da tristeza aprisionada atrás dos óculos, e então soube que devia fazer alguma coisa por ele. Assegurou que daria um jeito em Apolinário. Assim, mais tarde, quando terminou de alimentar as araras, Violeta foi entrever-se com o pai no laboratório do fundo do quintal.

Ele recebeu-a com um susto; era raro uma das filhas aparecer naquele recanto de fragrâncias exóticas. Levantou os olhos do frasco onde macerava umas pétalas e indagou-lhe o motivo de tão boa visita.

– Vim ajudá-lo a salvar-se, papai – respondeu Violeta simplesmente.

A mansidão da fala da menina soltou em seu íntimo a última comporta de um manancial de choros reprimidos. Apolinário fitou Violeta – seus longos cabelos absurdamente coloridos, os olhos iguais aos seus próprios – e desatou a chorar umas lágrimas que foram misturar-se às pétalas despedaçadas do pote de vidro. Violeta afagou-lhe os fios ralos com um amor tão grande e com tanta doçura que, por um instante, Apolinário sentiu que a mão dela pesava igual à mão da esposa morta e seu choro aumentou.

– Não, papai... – sussurrou a menina. – Não se acabe assim, de tanto sofrer...

– Às vezes, quero morrer, minha filha.

Violeta enterneceu-se com tamanha dor:

– Não, você não pode nos abandonar. O que seria de mim e das irmãs? E a pequena Rosa Arcádia?

– Eu sei – fungou Apolinário, tristemente. – Mas sem Rosa, sem ver o seu rosto e nem sentir seu cheiro de paraíso, não tenho forças para viver essa vida.

Foi então que aconteceu o milagre. Violeta começou a consolar o pai com tanta ternura e tão apiedada de seus quebrantos, que passou a contar-lhe da mãe, e tanto e tanto que descobriu-a entre as estantes de cheiros do laboratório, materializada e fragrante numa nuvem diáfana. Como Apolinário não a visse, teve dúvida se a tal aparição era fruto de sua imaginação ou da vontade além-túmulo de Rosa, sempre intempestiva. Continuou falando e falando, de como eram lindos seus cabelos de ébano, de seus grandes olhos de noite sem lua, da noz-moscada provincial, das músicas que ela tocava no piano e de tudo que lhe veio na cabeça. Enquanto a filha falava, Rosa começou a sorrir, muito suave e ondulante, e veio mais e mais perto até que Violeta teve a certeza de que não sonhava, de que a mãe estava ali dividindo aquela saudade com eles, e tão bela como um sonho bom.

Apolinário cessou o choro e começou a farejar, assustado.

– Sinto o cheiro dela, Violeta – gemeu. – Sinto o cheiro de Rosa.

Violeta arrepiou-se. Andava a ver umas alminhas escondidas pelas cortinas, apenas isso. A mãe ali, sorrindo para ela, era muito mais que podia imaginar. Mas se acalmou e disse:

– É porque ela está aqui, papai. Preocupa-se com o senhor e conosco.

Apolinário levantou de um supetão, ansioso por ver, nem que fosse muito de longe, o rosto amado de sua Rosa. Mas, mal ele fez menção de ir-lhe ao encontro, Rosa mergulhou na porta invisível dos mundos e desapareceu no ar, sorrindo e acenando feito um passageiro em férias de navio.

– Eu a vi, Violeta... – disse ele, num suspiro.

E Apolinário Flores ficou ali, repetindo e repetindo que vira Rosa e que ela estava bela e perfumada, e que isso e que aquilo e que outra coisa mais, até que o sol se pôs, e a noite pesou sobre o pequeno laboratório da Praça das Amoreiras.

Violeta escutou o pai com a paciência de um santo juramentado. Depois, quando o pobre esgotou seu repertório de elogios e lamentações, pediu-lhe que aquele fosse um segredo dos dois, que não convinha que contassem a mais ninguém sobre o acontecido, sob pena de Rosa assustar-se e não voltar à casa nunca mais. Apolinário concordou com a filha.

– E você promete que fará as refeições todas? – pediu ela. – Você promete que dormirá as madrugadas inteiras, e que tomará banho na banheira e não na fonte do jardim?

Apolinário pensou nas quantas vezes que poderia rever a esposa e prometeu que sim com o júbilo mesmo do dia em que pediu-a para a Santa Igreja Católica.

Foi um segredo apenas dos dois, e mesmo quando Macumba procurou Violeta para dizer-lhe que via o vulto de Rosa colhendo flores no jardim nas noites enluaradas, a menina não disse nada. Limitou-se

a escutá-lo com os olhos mareados, recordando as muitas tardes em que ela mesma ajudara a mãe a fazer vasos para alegrar a casa. E foi só. Rosa Flores tornou a aparecer umas poucas vezes mais, com os mesmos ares fragrantes que tinha em vida e com os mesmos olhos de noite escura, mas nunca interferiu em nada da casa, e nem nunca disse uma palavra para ninguém, satisfeita em ser um fantasma raro e silencioso. Voltou ainda uma última vez quando Apolinário morreu, cinquenta e um anos depois, para guiar-lhe a alma míope pelos tortuosos caminhos do céu.

Macumba respirou aliviado quando percebeu que as cores voltavam ao rosto encovado do patrão. Depois, tornou a meter-se nos afazeres caseiros, costurando e ensinando as raparigas a cerzirem seus vestidos, ajudando Violeta com a cozinha, ensinando a língua mandinga para Gardênia, ouvindo as poesias adocicadas de Margarida e amparando os passos ainda incertos de Rosa Arcádia, a sua preferida.

Apesar de todas as meninas terem de trabalhar para o bom andamento da casa, dividindo tarefas quase impossíveis para raparigas tão novas, elas preferiam isso a ter de obedecer qualquer adulto. Bastava-lhes o pai com seus gracejos esquecidos e seus perfumes de jasmim e cânfora, e Macumba com suas rezas e suas mãos grossas de carinhos fartos. No mais, faziam o que bem queriam e eram donas absolutas de suas vidas. Se acordavam com vontade de pintar o teto da sala de amarelo, pintavam-no, se desejavam comer bolinhos de chocolate à meia-noite, iam às panelas. Cuidavam da irmã pequena como se fosse filha de todos, de modo que Rosa Arcádia nunca sentiu falta da mãe falecida, porque para substituí-la em seus carinhos tinha três mães e dois pais.

Todas tinham aulas com um professor mirrado e levemente calvo chamado Neputeno das Boas Novas. Vinha ele, com sua pastinha atolada de lições e cantilenas, todas as terças, quartas e sextas pela manhã, ensinar a Violeta, Margarida e Gardênia os segredos das letras e dos números, os mistérios do Egito e da Europa, as leis da química e da física e os poemas românticos que ele declamava todas as noites, enfarado de cachaça, nos fundos da escola secundária da cidade com mais uns dois ou três literatos esquecidos por aquelas bandas. Apesar dos horários marcados e de ser um homem de rigor, Neputeno ensinava-as quando tinham vontade de aprender ou, se não era o caso, metia-se com elas pelos corredores pintados de zebras e galinhas, cheios de gatos e canários, e contava umas histórias duvidosas sobre Galileu Galilei, Homero, Ramsés e todos os outros personagens das eras passadas que lhe assomavam pela cabeça ainda dolorida da ressaca da noite anterior. Como as meninas eram muito inteligentes e ensinavam-se mutuamente tudo o que aprendiam, Neputeno das Boas Novas acabou mais por dissertar fábulas históricas pelos corredores do que ensinar-lhes os pretéritos e futuros de uma língua que tinham nascido sabendo.

Violeta era a mais bela de todas e a mais etérea também. Por vezes, olhava-se no espelho de toucador e não acreditava que pudesse mesmo ter aqueles ares de anjo travesso, de fada, de figura de cera que tinha. Aos oito anos, viu os primeiros fantasmas enredarem-se pelos rabos dos gatos, mas não lhes fez muito caso. Aos onze, despontavam-lhe os peitos e arredondava-lhe o quadril. Os cabelos tinham vida própria, crescendo da noite para o dia até cinco dedos, de modo que Violeta vivia a apará-los com medo que, por qualquer descuido, tropeçasse neles e rolasse de alguma das escadas da casa. De todas, era a mais sábia e era sempre quem aplacava as brigas poucas, fazia cessar o choro das doentes ou adoçava o chá na medida certa. Era Violeta a quem todos procuravam para resolver uma contenda, e ela, por sua vez, procurava os espíritos do corredor da selva e junto com eles chegava sempre a uma decisão acertada. De quando em quando, dava com Rosa pelos quartos do andar superior, cintilante e perfumada, mas se limitava a fitá-la com saudades, sem nunca perguntar nada e nem acuá-la, porque sabia que a mãe era um fantasma dos mais arredios. Macumba ensinou-lhe todas as rezas e disse que era filha de Iemanjá, a mãe do mar, por isso tinha os cabelos daquela cor de Caribe. Quando começou a crescer, Violeta mostrou que haveria de ser muito bela e, de fato, foi sempre a mais formosa das irmãs Flores. Por ela, caíram de amor muitos mancebos, mas Violeta resistiu-lhes estoicamente, primeiro por não amar a ninguém e, mais tarde, por não conseguir apagar de sua alma uma paixão impossível e malograda.

Margarida, a segunda filha, era a mais calma e sonhadora. Tinha uma beleza pacata de olhos acastanhados e cabelos cor de avelã; e nunca se conformara com a perda da mãe, porque, em verdade, não entendia a morte. De todas, era a mais católica, mas com igual fervor ao que rezava o terço, acreditava nos preceitos de Macumba e cantava com ele suas músicas em mandinga. Era quem mais atendia Rosa Arcádia, dando-lhe o banho vespertino e rezando à sua cama antes de dormir. Depois da ida ao laboratório, quando ainda era quase um bebê, deixou de entrar lá por muito tempo, mas cuidava do jardim fronteiro com o zelo de uma mãe que cuida o filho. Aos dez anos, Margarida cresceu oito centímetros e virou mocinha de uma noite para outra, delgada e fugidia, mas com a mesma voz de soprano da mãe morta.

Gardênia era ferosa, coisa que os cabelos crespos deixavam já declarada num primeiro olhar. Risonha e falante, a primeira curiosidade que teve foi saber como nasciam os bebês. Muitos espantos e rubores causou ao pobre professor Neputeno, com seus ares de frade beneditino, por ter instintos tão fortes que lhe vieram à tona antes mesmo da puberdade. Sabia que os homens eram diferentes das mulheres e apreciava isso. Mas era doce e bem-humorada, apesar de seus desejos ferosos de virar mulher de uma vez. Amou tantos rapazes quantos pôde deitar os olhos e, se ia à missa com Margarida, era para observar as pessoas e seus modos, porque o que Gardênia mais gostava era de gente. Ainda aos dez anos, pelava-se por qualquer mormaço, mas nesse tempo, com os peitos despontando, aprendera a fazê-lo entre as paredes do quarto, e ficava lá se abanando feito uma cortesã, até que vinha Violeta arrancá-la de seus enlevos para que jantasse, assistisse à aula ou preparasse um bolo de caramelo.

Quando Gardênia andava pelos dez anos, a caçula tinha cinco. Rosa Arcádia era uma menina de olhos negros e pestanas longas e lentas que ela fazia dançar de um modo lânguido e comovente a cada vez que piscava. Apolinário Flores nunca pôde olhar a filha menor sem que um arrepio lhe rasgasse as entranhas, porque via em Rosa Arcádia a mesma Rosa menina que haveria de ter sido a sua esposa. Rosa, a filha, cresceu sem nunca entender os laços intrincados que uniam os que habitavam daquela casa. Em sua mente de menina órfã, confundia as três irmãs com uma mãe que nunca conhecera e tratava-as como tal, ora a uma, ora a outra, dependendo do desejo do momento. Do pai, que via apenas na hora da ceia, guardava uma vaga ideia de que fosse algo assim como um meio fantasma, perfumado e esquivo, com uns olhos de cristal opaco onde ela via derramar-se uma tristeza que sempre a contagiava. Das irmãs, levava uns risos e uma alegria constante e barulhenta de banhos conjuntos na banheira maior da casa, das reformas de roupas que faziam usando os velhos vestidos de Rosa ou das cantigas infantis misturadas com o mandinga que Macumba lhes havia ensinado. Rosa Arcádia sabia que tivera uma mãe, muito bela e alegre, e que lhe levava o nome por lembrança, já que ela morrera por um descuido de Deus. Sabia que Macumba era um negro alforriado que viera habitar com eles aquela casa de desvários, mas confundia-o – mais por prazer do que por qualquer outra coisa – com um anjo de piche que Deus mandara para fazê-la feliz. E era mesmo assim que Macumba agia para com Rosa Arcádia. Amava-a mais do que a qualquer outra criatura sob o céu, em qualquer terra ou em qualquer tempo, amava-a mais do que a negra franzina que recordava como mãe, mais do que a finada patroa, mais do que todas as outras três florinhas, embora tivesse por elas um carinho ilimitado. Por Rosa Arcádia foi que Macumba aprendeu a cozinhar, por ela foi que aprendeu a costurar umas bonecas de pano que cerzia por mais de mês, e que Rosa desmantelava em duas tardes de brincadeiras ensandecidas no jardim. Macumba nunca haveria de se esquecer do instante em que a sequestrara das carnes da mãe, salvando-a no último minuto de morrer afogada em sanguinolências. Nunca lhe escaparia o choro fino e sentido dela ao ser enrolada no xale feito um bichinho solitário. Desde que nascera Rosa Arcádia, no dia 23 de dezembro de 1907, às onze horas e dezoito minutos passados do meio-dia, para ela devotara cada pensamento seu, jurando protegê-la de tudo e de todos, fazê-la feliz para que tivesse valido o sacrifício supremo da mãe, que lhe cedera a vez de viver.

Macumba era a alma e a força da família Flores, e por eles era capaz de tudo e um pouco mais ainda, talvez. Foi por isso que, certa noite, quando andava pelas ruelas vindo dos caminhos do porto, arrancou com um único e certo soco todos os dentes de um borracho que berrava maledicências pela rua. Caía uma chuva fina e tudo estava deserto, Macumba subia a ladeira para a Praça das Amoreiras, quando um homem cortou-lhe a frente em passos trôpegos e resmungando:

– Eu vi a menina Flores como veio ao mundo, esparramada na sacada. Eu vi, eu vi a diabinha...

Macumba não precisou de um segundo para compreender que o bêbado referia-se a Gardênia. Mas não perdoou-lhe a língua. Tacou de um braço, envolvendo-lhe o pescoço com um nó, e com a outra mão tratou de desbaratar-lhe a dentadura para que aprendesse a não usar a boca contra raparigas de boa família. Com um soco certo, deixou o malfadado colhendo os dentes no chão e foi-se embora para

casa, porque era hora de pôr as meninas na cama.

No outro dia, o borracho procurou o delegado com uma história estranha. Disse que um negro havia-lhe arrancado todos os dentes numa ladeira da cidade, embora não soubesse como e nem por quê. Enquanto contava as poucas coisas que guardara na memória afogada em álcool, ainda um último molar pipocou pela mesa, resto das desforras da noite anterior. O delegado sabia que Macumba era o único negro, dos poucos que andavam por ali, que cabia na descrição enrolada do homem. Dispensou-o sem mais, prometendo que haveria de averiguar a tal desdita. Na mesma tarde, enquanto o delegado tomava um café na Confeitaria dos Arcos, Macumba passou pela rua acompanhado das quatro belas meninas Flores. O homem viu-o tão solícito, cuidando das raparigas perfumadas com tanto desvelo, que duvidou da história do borracho.

– Que foi esse negro aí que deu-lhe uma boa sova, disso eu tenho certeza. Mas deve ter feito por merecer – disse o delegado ao policial de plantão.

E desde aquela tarde, Macumba caiu nas graças do delegado Amião Barreirinho.

Certa noite, quando Violeta tinha quatorze anos, acordou banhada em sangue. A menina ficou apavorada, porque não imaginava que se esvaía pelo meio das pernas a primeira menstruação de sua vida. Seu primeiro instinto foi berrar por Macumba, que era por quem sempre berravam as raparigas em qualquer situação de emergência; mas, quando deu-se conta da origem daquela sanguinolência, Violeta teve vergonha de sua intimidade e ficou ali, chorando na cama.

Foi a única vez que Rosa veio ter com a filha clarividente. Violeta meteu a cabeça na fronha, tentando afogar no travesseiro as lágrimas de pânico que lhe nasciam na alma, mas sentiu então um cheiro de flor e deu de cara com a mãe, etérea e fluida, sorrindo-lhe com a brandura de um anjo de afresco. E Rosa falou:

– Não se assuste, Violeta, que isso é um sinal de que você é mulher.

Depois, em poucas palavras, explicou à filha as regras femininas, os filhos e os casamentos, porque mesmo morta deu um jeito de acabar-lhes a educação que ficara pendente. Falou tudo numas palavras sussurrantes e, por fim, arrematou:

– Digo isso, mas a tarefa de ensinar tudo que lhe contei é sua, quando for a hora das outras três suas irmãs.

Violeta concordou. Rosa sorriu um riso lânguido de além-túmulo e foi desvanecendo-se nos ares feito uma sombra inundada pela luz. Por fim, restou ali apenas um morno cheiro de amêndoas, suficiente para despertar Apolinário, deitado no quarto contíguo, e que imaginou estar vivendo apenas um sonho bom que se prolongara um pouco além do sono.

Margarida Flores começou a ter aulas de piano aos onze anos, e aos treze tocava Chopin com o virtuosismo de um catedrático de música. Neputeno das Boas Novas empolgou-se com os talentos musicais da rapariga. Tratou de fazer uns contatos com a Capital, e da Capital, fê-los com o Rio de Janeiro. Assim, mexendo daqui e dali, arranjou uma bolsa de estudos na Faculdade de Música para a pupila que tanto adorava. Margarida, que se dedicava ao piano com o mesmo amor com que escrevia seus poemas e que rezava para os deuses de Macumba no quintal, assustou-se com os planos de Neputeno. Não queria ir embora, porque não concebia a vida longe daquela casa, das três irmãs e de Macumba. Pensou em Apolinário também, mas pouco; o pai era-lhe apenas um tonto amado e amoroso que ganhava dinheiro sabia-se lá como. Mas Neputeno insistiu:

– Pense bem, senhorinha Margarida, porque a bolsa é para quando você completar dezenove anos, falta ainda. Pense bem.

Margarida prometeu pensar, enquanto continuava com seus serões vespertinos onde recebia umas poucas meninas que se espantavam com os cabelos vermelhos de Gardênia e com os bichos que andavam soltos pela casa. Prometeu pensar, mas anos depois se apaixonou tanto e de tal forma que procurou Neputeno com a negação formal de tal oferta, dizendo que de casa não se afastaria nunca, a não ser que estivesse louca, como de fato chegou a acontecer, mas por motivos muito diversos dos que imaginou na flor dos seus treze anos.

Gardênia chegou à puberdade antes de Margarida, porque os instintos que lhe floresceram era tantos e tão fortes que aceleraram seu organismo infantil. Era uma menina bela, grande para seus doze anos, com sardas douradas que lhe davam um ar maroto e sensual e que ela acentuava com chá de canela espalhado com algodão. Levava as melenas de fogo sempre soltas pelas costas, ria muito e tinha um bom humor inquebrantável. Depois do episódio do bêbado da ladeira, acabou por escutar os apelos de Macumba para que segurasse seus desejos ensandecidos de andar pela casa como tinha vindo ao mundo; fê-lo não por concordar com os argumentos que o negro apontou-lhe com a paciência de um missionário, mas apenas por puro medo que Macumba tivesse menos sorte de uma outra vez, e fosse parar na cadeia. Gardênia rolava pela casa em franca promiscuidade com as gatas e com os outros animais, dos quais tratava com um amor de mãe, e declamava as poesias de Margarida com tamanha paixão que punha a autora a imaginar onde, por Deus, a irmã encontrara tanta sedução e desejo nuns simples versos tímidos e pudicos de um amor inventado entre bolinhos de queijo. Mas não eram os versos, era Gardênia. Macumba sempre soube que aquela menina viria a ser uma mulher de instintos avassaladores e, enquanto crescia desordenadamente, tratava de meter-lhe uns chás de tília com hortelã que era para ver se suavizava as suas ânsias de pantera. Não conseguiu. Ao completar quatorze anos, Gardênia era mulher

até o último fio de cabelo e, quando ia à missa ou à venda, os homens torciam-se para acompanhá-la em seu andar de fêmea no cio. Mas, apesar de tudo, era doce e boa de coração como uma freira, zelando pelo pai com atenção e desvelo, levando-lhe a sopa quente todas as noites, tratando de obrigá-lo a fazer a barba e assear-se quando ele entrava nas épocas de querer esquecer do mundo.

Apolinário Flores acompanhou o crescimento das filhas como lhe permitiu o espírito atribulado. Nos últimos tempos, entregara-se à faina de engarrafar o perfume da esposa morta e não comia nem dormia para dar conta disso. Mas acabou por repetir o mesmo fracasso de todas as outras vezes. Certo dia, levantou a cabeça de sobre os vidros coloridos, deparou-se com Violeta moça e bela e começou a chorar. Mais tarde, descobriu que o mesmo sucedera também à Margarida e Gardênia. Não tinha mais crianças em casa, mas sim moças feitas e de diferentes belezas e cheiros. Acabou por confundir o pouco de memória que lhe sobrava, porque perdendo seus anos de mudanças descobriu-se sem mais saber quem das filhas era quem. A única que não lhe escapou do tênue fio das recordações foi Rosa Arcádia.

Um belo dia, Apolinário Flores encontrou-a já com treze anos bem-feitos, morena e linda como a mãe. Desesperou-se. Para onde, pensou, havia ido o tempo? Não sabia. Sabia apenas que entrara no laboratório dos fundos do quintal com quatro meninas de colo e saíra de lá com elas moças. Olhou Macumba, procurando no negro as marcas do tempo, mas não as encontrou: era todo ele o mesmo de quinze anos atrás, quando entrara no jardim pedindo um prato de comida. No entanto, naquela noite, ao fazer a barba, Apolinário deparou-se com um velho no espelho. Viu aquela imagem triste e pálida, de opacos olhos de um azul cor de céu, de barba rala e branca e com a magreza esquelética dos que passam dias sem se alimentar. Teve uns laivos de alívio ao pensar que Rosa não o veria assim, um velho decrépito e acabado que não sabia mais nada além de ferver e coar pétalas, misturando-as com álcool, em medidas de três para um ou de meio a meio. Depois chorou umas poucas lágrimas de saudade da esposa, porque chorava-as toda madrugada havia cinco mil seiscentos e dezesseis dias precisamente, desde a malograda noite em que Deus a roubara dele, e vestiu o pijama pelo avesso.

– Porra – gritou, secando rosto encharcado – a droga do tempo passou.

Na manhã seguinte, Apolinário amanheceu com uma energia rara. Banhou-se com esmero, perfumou-se, vestiu seu melhor terno, e foi tomar o desjejum ao lado das filhas.

Impressionou-se com a constatação redundante de que estavam mesmo moças e formosas, com seus vestidos de rendas e meias de seda, e que não fora o sono que lhe havia turvado a mente. Então, entre um café e outro, disse:

– Para fins de que eu me reorganize no tempo, me respondam umas perguntinhas.

As raparigas falaram que sim, que responderiam. Na verdade, estavam intrigadas com o súbito ataque de realidade do pai, porque nos últimos tempos andava ele a comer as folhas das trepadeiras e a dormir na estufa de flores.

– Bem, primeiro – disse ele – quem de vocês é Violeta?

Violeta sorriu com benevolência; conhecia os esquecimentos do pai.

– Sou eu – retrucou ela, levantando-se para que Apolinário pudesse vê-la melhor.

– E com quantos anos você está, minha filha?

Ela contou nos dedos e respondeu:

– Vou fazer vinte e dois no próximo setembro.

Apolinário tratou de anotar tudo numa cadernetinha.

– Obrigado – concluiu. – E Margarida, quem é?

Margarida também se levantou:

– Sou eu.

Ele tratou de anotar no caderno uns detalhes da filha:

– Idade?

– Se Violeta tem vinte e um, eu tenho vinte. Completei-os há cinco dias, pai.

Apolinário recordou-se vagamente do bolo com as vinte velinhas, e resmungou:

– Ah, é mesmo. E a próxima?

Gardênia riu seu riso de cortesã. Ergueu-se, cheia de trejeitos, e respondeu:

– Sou eu, Gardênia.

E Apolinário tratou de fazer uns rabiscos de orientação. Depois, perguntou-lhe a idade.

– Farei dezenove daqui a alguns dias.

– Muito bem.

Por fim, virou-se para Rosa Arcádia, e disse:

– Se uma é Violeta, e a outra é Margarida, e a terceira é Gardênia, e conquanto você é mesmo a cara escrita de sua mãe, diga-me, Rosa Arcádia, com que idade você está?

Rosa riu.

– Eu vou fazer quatorze anos, pai.

– Puta que pariu, se todas vocês já são mulheres, eu devo ter pra lá de sessenta.

E encerrou o assunto.

Parte 3

Foi batizado pela Santa Igreja Católica com o nome do avô morto em guerra: Benedito Inácio OuroFino, mas por caprichos de ordem sexual e social acabou sendo conhecido como Bento Vendaval. Não que fosse homem de maus princípios, não que fosse homem de pouco caráter. Era, como costumava dizer a mãe, apenas um rapaz arrastado pelos ventos do desejo, herança que ficara de seu avô, de quem diziam ter sido pai de oito filhos legítimos e vinte e nove bastardos. Era, como o próprio Bento costumava definir-se, um homem de amores loucos, açoitado por paixões avassaladoras que varriam sua alma feito vendaval; e de tanto se definir assim nos salões de suas muitas e muito longas noites de pândega, foi que passou a ser chamado de Bento Vendaval.

Bento tinha vinte e nove anos quando chegou à distante e desconhecida localidade de Águas Claras de São Tomé, fugido de um coronel furioso e disposto a tudo para apagar a mácula de uma criança sem pai da vida da única filha. Bento Vendaval, por considerar-se inocente da acusação de seduzir uma jovem que nada tinha de ingênua, resolvera fazer as malas e partir do Rio de Janeiro antes que acabasse ali, e por um simples azar biológico, sua vida doce de madrugadas em festa. Foi-se no escuro da noite e com a bênção da mãe viúva, dona Leucádia OuroFino, que enchera o bolso do filho com moedas suficientes para que pudesse sobreviver longe dela pelo tempo necessário ao esquecimento de tão grave deslize do coitado. Foi satisfeito da vida, com o pulmão cheio de ar novo e com a cabeça maquinando outras maneiras de se divertir, longe dos salões conhecidos e das moças já cortejadas quase todas, e com bons

êxitos.

Bento Vendaval era um rapaz garboso, de um charme modelado à custa de muitos saraus. De bom berço, educado, um sem-vergonha de alta envergadura, um rabo de saia incurável. Falava umas frases em francês cujo significado nem ele conhecia – porque sempre dormira na aula –, mas que nunca ninguém lhe indagou, pois dizia-as com tanta classe que era impossível duvidar de seus conhecimentos no idioma. Usava sempre ternos de linho branco e camisas engomadas; tinha uns olhos de gato, verdes como as samambaias de jardim, que sabiam perscrutar um rosto de mulher como quase ninguém sabia no seu tempo. Era o terror das moças, arrasando corações com uma facilidade que lhe parecia até cansativa. Dizia sempre, quando indagavam o motivo de tantos amores e escândalos, que não era ele quem procurava as mulheres, e sim elas que lhe viviam no encaicho. E tinha mesmo razão. Fora desvirginado aos quatorze anos por uma professora de História, bonita e viúva de tempos, que vira em Bento algo mais que um pupilo desatento e brincalhão. Cansada de ensinar-lhe coisas que ele nunca aprendia, no torpor de uma tarde calorenta de dezembro, derrubou-o no chão da biblioteca e tratou de ministrar-lhe a única lição na qual Bento teve louvor: a lição dos amores. Depois daquela tarde, aperfeiçoaram mais e mais o aprendizado com uma dedicação primorosa, até o dia em que dona Leucádia encontrou-os nus no chão da biblioteca, expulsando a professora sem pagar pela lição ensinada. Perdoou o filho, achando que tudo fora mesmo culpa da tal professora, e disso sempre dizia:

– Se Bento saiu-me o que saiu, foi culpa daquela ingrata que o desvirtuou quando ainda era uma criança.

A ingrata desapareceu enxotada pela rua, mas se foi embora feliz, porque em toda a vida, e morreu dizendo isso, nunca encontrou homem mais bem-dotado e talentoso para os jogos de alcova do que seu querido e inesquecível pupilo Bento Vendaval.

Depois da professora de História, nenhuma mulher escapou-lhe impune. Cuidadoso e organizado, Bento anotou num caderninho os amores de sua juventude e, quando chegou na cidade dos Flores, contabilizava já duzentos casos onde tinha ido até o fim sem medir consequências, com senhoras casadas e moças solteiras, viúvas desconsoladas e umas poucas meretrizes ocasionais. Tinha também mais sessenta amores platônicos que cortejava frequentemente com flores e bombons de confeitaria, mas dos quais nunca roubou mais que uns poucos beijos escondidos – esses amores eram também os mais dispendiosos, porque custava muito caro convencer jovens senhoritas a denegrir suas virtudes, mesmo com alguém belo e elegante como ele.

Bento Vendaval foi-se embora do Rio de Janeiro para montar a filial de um armazém que pertencia ao seu tio. Não entendia nada de comércio, porque não entendia nada de coisa nenhuma, a não ser do amor, mas era esperto e rápido de raciocínio, de modo que não haveria problemas maiores. Quando o coronel meteu-lhe uma pistola na orelha para que casasse com sua filha, Bento viu-se obrigado a tomar uma atitude urgente, e a única ideia que dona Leucádia teve foi a de procurar o irmão. Aristênio Anfiouto disse ao sobrinho que podia ajudá-lo: tinha uma casa em Águas Claras de São Tomé, e pretendia abrir lá uma filial de seu armazém. Bento ouviu as ideias do tio. Pagar-lhe-ia um salário bom,

orientando-o no empreendimento porque tinha a experiência de uma vida, mandar-lhe-ia a mercadoria pelo trem e dividiriam, na proporção de sete para três, o lucro líquido do negócio. Era uma proposta tentadora, e além do mais a única que Bento tinha em vista. Mas perguntou ao tio onde ficava a tal cidade de Águas Claras de São Tomé, porque nunca ouvira sequer o nome e deveria ser um povoado de poucas casas perdido em algum lugar daquele país maior que um continente. O velho Aristênio Anfiouto brincou com os bigodes, fitou o sobrinho nos olhos e, com seu ar de raposa velha, respondeu:

– Não vem nem ao caso onde fica tal lugar, mas digo que é longe o bastante para que a bala do tal coronel não lhe alcance.

Bento Vendaval aceitou no mesmo momento.

A viagem de trem durou três dias, e Bento levou-os na mesma pândega com que levava tudo na vida. Não lhe faltou companhia de jovens senhoritas e rapazes que seguiam o mesmo caminho; mas, na Capital, Bento Vendaval viu-os se dispersarem e ele foi o único a tomar o trem para a cidade de Águas Claras. Foi então que ele sentiu o destino que o esperava. A viagem de seis horas foi gasta em ralhções consigo mesmo, porque por um estúpido deslize de seus apetites fizera um filho numa moça de boa família e agora, por esse pecadilho, enterrava-se vivo num povoado de ninguém, e pelo tempo infinito que durassem as angústias de um velho coronel desonrado e raivoso.

No dia 10 de agosto de 1921, enquanto Apolinário Flores tomava café com as quatro filhas e punha-se a par dos últimos anos de seu esquecimento de morto, Bento Vendaval descia na pequena estação de Águas Claras, de malas e bagagens e carregado das mercadorias que serviriam para abrir a tal venda no solar da Praça dos Evangelhos. Chegou causando o furor que causava qualquer forasteiro em uma cidade onde se sabia tudo de todos, e onde se tinha tão pouco a fazer que só restava mesmo falar dos fuxicos da vida alheia. Em dois tempos, Bento Vendaval instalou-se em seus domínios, arranjando os criados necessários, e contratou dois moleques para atender o balcão do armazém. Depois tratou de travar conhecimento com uns e outros, descobrindo que havia também ali, naquela terra esquecida pelas modas, mulheres capazes de alegrar o tempo de seu exílio do Rio de Janeiro. Mas Bento ainda não conhecera nenhuma das irmãs Flores.

Foi Gardênia quem trouxe a novidade do forasteiro para dentro da casa, porque era sempre ela a deambular pelas ruas a pretexto de visitar as tias que detestava ou de comprar um metro de tecido ou um pote de compota. Entrou na casa feito um sopro de vida, sacolejando os longos cabelos de fogo pelos corredores, olhando daqui, espiando dali, afastando os cachorros e calando o passaredo, mas não encontrou nenhuma das irmãs. Apenas Macumba escovava os ladrilhos da cozinha enquanto assobiava uma velha canção africana.

– Cantando em ioruba, Macumba?

O negro rasgou o rosto num sorriso:

– É pra Oxum que canto, florinha...

– E as irmãs, onde estão?

– Na estufa.

Gardênia foi ter com elas, então. Encontrou as três a selecionar mudas, risonhas e barulhentas como um bando de gralhas. Em um canto, um vaso destruído despejava pétalas rasgadas no chão. Gardênia entristeceu-se, porque ali cresciam os lisiantus lilases, que eram os seus preferidos. Violeta reparou os ares da irmã:

– O pai comeu-os ontem à noite num ataque de saudades – explicou.

– Mas ele tem estado tão bem – arriscou Gardênia.

Margarida riu:

– Talvez lisiantus sejam bons para a memória dos que sofrem de esquecimentos de amor.

Logo, Gardênia recordou-se das novidades que trazia.

Contou às irmãs que no mercado comentavam todos de um forasteiro que chegara ainda naquela semana, carregado de bagagens para ficar por muito tempo, e que montava um armário com os mais belos rendados e passamanarias do Rio de Janeiro, os mais belos cortes de tecidos e o melhor de tudo, e que ele mesmo, o tal homem, era o mais interessante da história, mais ainda que as passamanarias ou as rendas ou os brocados. Disse que ninguém havia ainda visto homem de tanto encanto e graça, e que era de bom nome e sorriso fácil, de olhos verdes e voz macia; e disse e disse até perder o fôlego com tantas novidades. As irmãs ouviram tudo de olhos arregalados e, por fim, Rosa Arcádia perguntou:

– Como se chama tal príncipe?

– Bento Vendaval – respondeu Gardênia, exultante.

Os pelos de Violeta Flores arrepiaram-se todos até a nuca de fios lilases. Nervosa, derrubou a sementeira no chão, espalhando terra por tudo e assustando as irmãs. Ao ouvir o nome que Gardênia falara, sentiu que um vento frio açoitava-lhe, não a carne, mas a alma, e naquela noite não dormiu, passou-a ardendo em febres.

Era tarde e, na cozinha, Macumba acabava de encerar o último ladrilho. Levantou-se, juntou o pano e o balde e foi para o jardim. Na porta, teve um choque. Um dos gatos siameses, o mais velho e mais querido, estava pendurado pelo rabo num gancho que usavam na casa para pingar o coalho. O gato tinha os olhos arregalados e fora das órbitas, e quando Macumba chegou mais perto, viu que lhe haviam torcido o pescoço.

– Gato morto é sinal de desgraça – sentenciou.

O negro tratou, então, de recolher o bicho para que nenhuma das florinhas o apanhasse ali, pendurado feito um mártir, por pura malvadeza de algum moleque. Enterrou o bichano no quintal, mas, mesmo depois de ter tapado a cova, ainda não pôde livrar-se da sensação de desgraça que impregnara seu corpo. Mas não disse nada às raparigas para que não sofressem. Quando elas deram por falta do gato, Macumba contou que o vira tomando o caminho da ladeira e que quando tivesse vontade de voltar, voltaria; as meninas aceitaram a desfeita do bicho porque nada mais podiam fazer. Macumba rezou para que todos esquecessem o acontecido e, no outro dia, trouxe da feira um gato persa todo branco para substituir a falta do que havia sido enforcado.

Quando Bento Vendaval abriu as portas da sua casa de comércio, Gardênia foi a primeira a ir até lá. Enfeitou-se de rendas e pôs um chapéu de flores azuis, que gritava em conjunto com seus cabelos de incêndio e sua boca de cereja madura. Foi bamboleando pela rua, satisfeita de ter novidades para encher o tempo, e arrancando suspiros maldisfarçados dos rapazes do Colégio da Anunciação que andavam de recreio àquela hora.

Bento Vendaval estava ajoelhado atrás do balcão, tentando dar ordem à imensa quantidade de rendas e coisas que antes só conhecia de penumbras, quando ouviu uma voz de hortelã:

– Bom dia.

Deparou-se então com Gardênia Flores. Foi um encanto instantâneo e mútuo, pois os dois eram feitos do mesmo barro e escravos dos mesmos desejos. Mas Bento não lhe acreditou os cabelos de fogo, nem as pintas do rosto perfeito, nem a boca carnuda e nem nada nela inteira. Num lampejo raro de reconhecimento, tratou de agradecer ao destino tamanho presente para seu exílio – nem nos salões do Rio encontrara tamanha beleza e nunca nenhuma mulher lhe parecera tão mulher como aquela. Perguntou-lhe o que desejava, e fê-lo numa voz de falar com passarinhos. Gardênia disse que queria um metro de fita azul, a mais azul que ele tivesse, e Bento apresentou-a num minuto.

– Como é macia... – disse a moça, alisando a fita.

Bento, perdido nas brumas de seu devaneio, respondeu:

– Ah, deve ser, deve ser...

– Como? – perguntou Gardênia, um tanto acabrunhada.

– Nada – retrucou ele. – Apenas pensava em voz alta. E depois baixou-a um tantinho e disse-lhe que era sua beleza de ninfa que o atordoava. Gardênia derreteu-se em alegrias. Pagou a fita, despediu-se com seus olhos brilhantes de esmeralda e partiu, mas jurando que voltava.

Em casa, tratou de assegurar às irmãs que o tal homem chamado Bento Vendaval era não apenas como havia ouvido, mas muito mais ainda. E a curiosidade das Flores se atizou feito um braseiro ao vento. Na manhã seguinte, Margarida tratou de ir conhecê-lo, e foi sozinha também.

Novamente Bento Vendaval foi surpreendido com a visão da moça que lhe pedia uma dúzia de botões perolados, dos pequeninos. Margarida vestira-se de uma renda marfim, que acentuava o seu ar doce de desamparo e os olhos de amêndoas graúdas.

– Aqui estão – indicou Bento. – Uma dúzia dos mais delicados botões para enfeitar uma moça tão suave quanto a senhorita...

– Margarida – acrescentou ela, depressa.

– Ah, um nome de flor... Nada mais apropriado para tamanho mimo.

Margarida ainda restou ali por uns minutos, envolvida pelas conversas de serpente de Bento Vendaval e por seus olhos de mar, mas depois foi embora.

– Prometo que volto – assegurou-lhe.

E Bento Vendaval teve certeza de que a moça voltaria. Foi assoviando para o fundo da loja, porque estava muito feliz com tantas surpresas do destino.

– Então que Deus esconde as melhores prendas nas últimas prateleiras do balcão, hein? – gritou, satisfeito. – Que sorte!

Margarida voltou para casa contagiada pelos mesmos amores da irmã mais nova, mas não fez caso de contar às raparigas o quanto ficara impressionada com o tal forasteiro. Chegou tão senhora de si como andava sempre, disse que sim, que era encantador e só o tal Bento Vendaval do Rio de Janeiro, que era educado e de boa família, que se via o bom berço nos modos dele; disse e disse para tentar esconder entre tantas palavras o aperto que lhe ia pelo coração. Depois, tratou de ir para o quarto com um pretexto qualquer, deitou-se na cama, tentou acalmar a respiração ofegante do primeiro amor, e pôs-se a escrever poemas ensandecidos. Naquela noite escreveu trinta e três, e todos eram para Bento Vendaval. Às cinco horas da madrugada, apagou o lampião e dormiu um sono exausto onde palavras perseguiram-na com a faina de moscas varejeiras, acordando pela manhã mais cansada do que quando fora dormir.

Macumba tinha o hábito de correr a casa inteira antes de recolher-se ao seu canto de quilombo; sabia que as florinhas se deitavam como bem queriam, sem fechar uma porta ou janela, e que Apolinário era bem capaz de dormir ao relento ou de passar as madrugadas comendo terra do jardim. Naquela noite, viu que a luz no quarto de Margarida permaneceu acesa e acertou, com um tino que lhe era nato, que a menina sofria de alguma paixão. Calou-se, mas passou a deitar-lhe um olhar mais longo sempre que a via não terminar o prato de comida ou perder os olhos pelas frestas da janela, mergulhando no mundo dos amantes silenciosos com um gosto que dava na vista.

Dias depois, foi Violeta Flores que não pôde resistir à curiosidade de conhecer o forasteiro. Ao ouvir da boca das irmãs as qualidades de homem garboso que ele possuía, tratou de concentrar-se em busca de alguma clarividência, mas não pôde vê-lo com a mente, de modos que teve mesmo de descobri-lo com os olhos. Não mentiu para as outras, arrumou-se com esmero, escovou os cabelos cor de violeta, meteu-se num vestido branco, e foi à venda comprar uns fios de seda que andava mesmo precisando para bordar uma camisa do pai.

Violeta amou Bento Vendaval com uma ânsia suave que era seu jeito de amar tudo que amara na vida. Mal pôs os olhos nele, percebeu, escondido entre os traços fortes de homem e o charme de conquistador, um caráter conturbado e confuso, mas que não era de todo mau. Violeta viu-o nu como era, sem os disfarces de uma vida inteira de festas, sem as cantilenas de amor decoradas às pressas para amolecer corações virginais em vãos de cortinas. Viu-o sozinho no balcão, viu-o cercado das muitas mulheres de sua vida, e compreendeu que amava o único homem que nunca haveria de poder fazê-la feliz. Pega em cheio pela tristeza desse destino, pediu-lhe uns fios de azul e amarelo e uns de rosa e violeta para bordar uns desenhos de gola de camisa, mas fê-lo com uma voz quase sumida, louca que estava para ir-se dali.

Bento Vendaval, por sua vez, sentiu uma angústia apertada que por engano tomou como sendo seu instinto de caçador vindo à tona; mas que era, na verdade, o primeiro suspiro de um amor que nunca

conhecera na vida, e que haveria de levar muito tempo ainda para ser reconhecido como amor que era; Bento Vendaval era esperto no jogo das conquistas, mas era virgem de todo dos verdadeiros amores de alma. Atendeu Violeta com uma atenção demasiada, encantado com os cabelos estranhos que ela tinha, que davam-lhe uns ares de fada, atormentado pelos profundos olhos azulados, e toda ela parecia ser e não ser, como se existisse apenas por uns segundos e aparecesse e tornasse a desaparecer feito um sopro ou uma brincadeira de anjos. Deu-lhe os fios de seda, tentando tocar-lhe a mãozinha fina escondida pela luva de pelica branca, tentando fixar seu olhar de pássaro, tentando tudo e tudo, com risos e palavretas, mas apenas lhe arrancou o nome de batismo. Mesmo depois de pagar-lhe a mercadoria, Violeta não tinha dito mais uma palavra que fosse, mas Bento Vendaval ainda arriscou:

– Pelo menos o nome, senhorita, para que eu saiba de você, se de você me falarem..

Ela olhou-o por um único e longo instante que serviu para comprovar-lhe que a vida metia-a numa arapuca sem saída, e respondeu:

– Violeta Flores.

Em casa, Violeta não comentou nada. As irmãs, já todas secretamente apaixonadas pelo galante forasteiro, trataram, a termo de curiosidade, de arrancar-lhe uma impressão que fosse do homem, mas ela apenas disse:

– Não me perguntem nem me falem desse Bento Vendaval, nem agora e nem nunca.

As irmãs estranharam-lhe o mistério e a angústia, porque Violeta era, das quatro, a mais acertada e tranquila, mas a deixaram em paz. Naquela noite, Violeta chorou uns prantos sem fim que quase lhe encharcaram o lençol, mas que com certeza encharcaram toda sua alma. No quarto ao lado, Margarida entregava-se à loucura de equacionar em palavras um amor que nascera já feito incêndio, e escrevia a vigésima poesia do dia. Gardênia, por sua vez, estava havia três dias inteiros pensando em Bento Vendaval, louca para ir ter com ele, mas esperando a oportunidade de vê-lo sem parecer uma moça oferecida em seus favores. De tanto pensar nele, aumentara-lhe o fogo de sempre e andava nua pelo quarto feito fera enjaulada, ardente e insone, fêmea em cada poro de sua pele. A única luz apagada era a do quarto de Rosa Arcádia, que ainda não sucumbira às loucuras das irmãs, porque não tinha conhecido o tal forasteiro, de modo que dormia o sono dos anjos.

Macumba pegou Apolinário pelos braços, bêbado que estava de cachaça, cuspidando umas últimas pétalas de rosa que havia comido do jardim, e tratou de pô-lo na cama, pois as sandices de amor tinham-lhe vindo todas naquela noite. Depois que deitou o patrão, acalmando-o com uma reza para Iemanjá, limpando-o das babas de rosa, dizendo que sim, que a esposa o esperava do outro lado, que ainda era bela e perfumada e que estava triste de vê-lo delirando por ela sem piedade nem das filhas, foi que viu as três luzes acesas dos quartos. Alguma coisa estava acontecendo naquela casa e Macumba, estranhamente, recordou-se do mau agouro que era ter um gato morto pendurado numa porta. Invocou proteção numas rápidas palavras em mandinga e tratou de ir deitar de uma vez.

Bento Vendaval, comodamente instalado no andar de cima do armário, dormia a sono solto. Mas acordou suado e nervoso no meio da madrugada, sonhando com um negro de olhos vermelhos que o

perseguiu numa ânsia furiosa e assassina; depois disso não pôde mais conciliar o sono. Ficou se revirando nas cobertas, recordando as três raparigas que conhecera, e tratando de escolher uns poemas para cada uma, uns agradados para amansar-lhes um pouco, rezando para que uma não conhecesse a outra. Estranhamente, veio-lhe o rosto absurdo e belo de Violeta, a dos cabelos de sereia e, com a imagem dela inteira, Bento dormiu o resto da noite e sem pesadelos.

Rosa Arcádia vinha da aula de piano que tinha todas as segundas e quartas com Clemência Lazares, uma senhora gorda e mãe de sete filhos homens, todos dedicados ao sacerdócio e estudando na Capital. Clemência ensinava piano e flauta para uns poucos alunos desatentos e sem dons. Rosa Arcádia era de todos a mais jeitosa para o piano, qualidade que herdara, junto com tantas outras, da mãe. Clemência Lazares esperava com alegria os dias de ensinar a menina Flores, e fazia sonhos de creme e bem-casados e merengues moles com ovos, e fazia tanto que passavam as duas mais a comer do que tocando piano. Naquela tarde de quarta-feira, Rosa Arcádia atravessava a praça com o estômago mais cheio do que de costume, porque Clemência Lazares lhe havia esperado com brioques de doce-de-leite e pãezinhos de queijo, e fizera chocolate quente, espesso e delicioso. Comera demais e o sol inclemente das três horas batia em sua cabeça; além de tudo, esquecera em casa a sombrinha. O corpete apertava-lhe a carne e os panos da saia retardavam seus passos. O sol, o calor e os pães de queijo... e num minuto Rosa Arcádia não viu mais nada.

Estava Bento Vendaval recostado na porta do seu estabelecimento, pensando a quantas andaria a vida na sua terra, pensando nas raparigas que vinham ver-lhe e deixavam na sua loja muitos cobres, pensando em qualquer coisa que o afastasse da pasmeira das três horas, quando notou a menina que atravessava a praça. Viu que era bela e doce, ainda desabrochando para a vida, e pôde sentir-lhe o aroma suave de rosa recém-colhida, quando a moça tropeçou no nada. Bento Vendaval, com seu instinto ligeiro de predador, deu um bote e agarrou-a, cinco metros à frente, no instante em que ela ia esparramar-se no chão. Foi o começo de um amor desesperado. Rosa Arcádia, quando abriu os olhos, imaginou-se ainda desmaiada e pediu por favor que nunca mais a acordassem: se desmaiar era perder-se naquele rosto de homem, então que ficasse assim eternamente. Rosa amou Bento Vendaval com toda a força de seus quatorze anos, quase quinze, como ela lhe disse mais tarde, na esperança de encurtar a distância entre suas vidas. Bento, por sua vez, não pôde esquivar-se de tamanho ardor e mergulhou nele, ora com desespero, ora fugindo à superfície, depois tornando a mergulhar. E assim quedaram-se os dois, num jogo de gato e rato onde se revezavam os papéis, de forma que Bento fugia dela e mais tarde a perseguiu, e rolava em amores por Violeta e beijava a boca de Rosa, e declamava poesias no ouvido de Margarida, e acariciava a pele de Gardênia, mas pensava em Rosa. Por fim, no percurso acidentado de alguns meses, Bento Vendaval tinha a alma confusa e não sabia se amava uma ou se desejava outra, e enredou-se com tanta fúria nuns jogos com as irmãs Flores que andava ele mesmo desesperado e sem apetites. A única

que nunca lhe beijou a boca nem trocou com ele confidências de namorados foi Violeta, porque sabia que amava aquele homem com toda a força de sua alma, e nunca esquecera-se do arrepio gelado que sentira ao vê-lo pela primeira vez. Estranhamente, era nela que Bento mais pensava.

Mas naquela tarde em que socorreu Rosa Arcádia no meio da Praça dos Evangelhos, Bento Vendaval não imaginava a metade dos acontecimentos que viriam suceder-se no curto espaço de um verão. Tratou de levar a moça para a frescura de sua loja, molhou seu rosto com água de rosas, assoprou-lhe a boca seca e viu abrirem-se dois olhos negros de noite sem lua, que nunca vira antes, mas que, de certa forma, já vira em algum lugar. Rosa Arcádia amou-o ali no primeiro instante e não lhe negou nada, pois tinha o mesmo caráter da mãe.

Ficaram os dois em prosas por mais de uma hora, rindo e brincando, Rosa sorvendo um chá para o estômago, até se lembrar que devia voltar para casa. Bento Vendaval ofereceu-se para acompanhá-la.

– Eu aceito – lascou Rosa, sem perder tempo.

E foram-se os dois. Bento viu a casa da Praça das Amoreiras, grande e estranha feito um bicho de outro mundo, com seus jardins coloridos e suas janelas recobertas pelas cortinas rendadas. Viu os gatos passeando pelo gramado, os canários nas varandas, e ouviu a balbúrdia da passarada no quintal. A casa toda era uma profusão de vida e alegria, disposta sem ordem ou jeito, como vinha a vida pedindo passagem, mas que, no final de tudo, parecia agradável e perfeita. Macumba podava uma árvore e sorriu para Rosa com seu amor de mundo inteiro. Bento viu o negro forte e sem idade e recordou-se do sonho que tivera, mas lhe faltava a profundidade de alma necessária para que compreendesse que não havia tido um sonho ruim, e sim um aviso. Rosa Arcádia entrou em casa triunfante, Bento veio logo atrás. Na sala, Violeta, Gardênia e Margarida bordavam e conversavam. Foi uma confusão em partes e conjunta. Quando as viu reunidas, Bento Vendaval sentiu que o sangue lhe fervia e demorou uns bons minutos para compreender que todas as suas pretendidas eram irmãs, e todas belas e formosas, e foi então que descobriu de onde Rosa Arcádia lhe parecera conhecida.

Violeta mal viu Bento entrar. Furou o dedo com a agulha de bordado, mas o fez de propósito e com tanta raiva que a desculpa de ir para o quarto tratar o ferimento acabou por tornar-se premente, e ela fugiu pelos corredores com o dedo pingando grossas lágrimas de sangue que escorriam direto do seu coração. Margarida, Gardênia e Rosa Arcádia ficaram ali rodeando Bento, cercando-o com tantos amores e perfumes insinuados e escondidos de uma ou de outra que o deixaram tonto e com os pensamentos desordenados, tentando compreender o que fazer, como escapar da larva incandescente de uma, ou da candura de outra, ou do desespero adolescente da terceira. E, além de tudo isso, ainda tentava ele saber por que não descia a quarta e se estava bem, e se isso ou aquilo, de modo que se foi embora meio louco e decidido a ver todas, sem dúvida, mas uma de cada vez.

Jantaram naquela noite numa confusão de pôr loucos os loucos do hospício, de forma que Apolinário Flores era o mais tranquilo da mesa. Violeta nada disse e nem comeu, mas bastava fitar seu olho opaco para compreender que não era calma o que tinha, e sim um desespero tão grande que dera já tantas voltas em si, acabando por parecer calma. Mas ela não enganou Macumba. As outras três irmãs

revezavam-se em elogios para o mancebo, mergulhadas em tamanha loucura que nem notavam umas as palavras das outras, falando juntas as mesmas coisas e numa desordem alucinante.

– Chega! – berrou Apolinário, depois da sopa. – Parece que estou jantando com as araras, porra!

As raparigas calaram-se, e ele indagou:

– Afinal, quem são esses tais de quem tanto falam as três, e por que você está nessa pasmaceira, Violeta?

Foi Macumba quem respondeu:

– Não são eles, patrão, mas um só, e é o mesmo que fez a florinha Violeta se calar que nem um túmulo.

Apolinário não entendeu nada e nem quis. Levantou-se e foi para o jardim, onde comeu uma samambaia inteira, mas numa calma invejável à mesa de jantar.

Bento Vendaval passou dois dias tramando um modo de continuar a ver as raparigas todas sem que uma se incomodasse com os afetos da outra. Pensou, pensou e pensou, usando toda a sua prática das lides amorosas naquilo que ele considerava o seu teste de fogo. Por fim, elaborou um intrincado plano de dias e horas e frases ao gosto de cada uma, doces para Margarida, inocentes para Rosa Arcádia, picantes para Gardênia, puras para Violeta. Fez por aqui e raciocinou por ali, tratando de conhecer-lhes os hábitos diários, as aulas de piano, as missas vespertinas, a que ia ao mercado, a que ia ao correio, a que não gostava de sair do refresco da Praça das Amoreiras. Foi um plano de mestre, elaborado por um desses maiores amantes desalmados, que atiram suas redes tanto e tanto que acabam eles mesmos enredados até a alma. E com Bento Vendaval não foi diferente.

A primeira da lista foi Gardênia, não por uma questão de preferências, mas apenas por ser a mais rueira das quatro Flores. Em dois tempos, Bento descobriu que era ela a encarregada da feira, que visitava as tias todas as quintas à tarde, que vivia a deambular pela Praça dos Evangelhos; e tratou de meter-se em seu caminho. Fê-lo com tal graça que, por vezes, até mesmo o próprio Bento acreditava serem coincidências aqueles encontros casuais, quando escolhiam os mesmos morangos maduros ou topavam-se a ler um romance na mesma sombra da pracinha. Gardênia, afeita que era aos amores, não se fez de rogada e tratou de aproveitar tantos encontros fortuitos, tentando até mesmo premeditá-los, atrasando o passo para topar com Bento na esquina, imitando-lhe a hora da feira e saindo de casa sempre pela mesma porta, sem saber que, quando atrasava o passo, ele fazia-o ao mesmo tempo, e que não era ela a comandar tais encontros, e sim ele, que vigiava os seus movimentos numa tocaia de predador.

Quando beijaram-se pela primeira vez, metidos atrás de uma carroça de frutas que vinha do porto, Bento tratou de propor-lhe um trato de silêncio, porque não era bobo de deixá-la dar com a língua nos dentes. Enfeitiçada pela clandestinidade de tais encontros, Gardênia aceitou a proposta:

– Dessa minha boca ninguém haverá de saber nada, eu juro.

– O segredo é o tempero da vida, Gardênia – sussurrou Bento, entre beijos.

– Até quando? – indagou ela.

– Até a hora certa.

Gardênia achou que a hora certa seria a do noivado e alegrou-se ainda mais. De fato, cumpriu a promessa que fez a Bento Vendaval e os encontros dos dois arrastaram-se num silêncio sepulcral, repleto de madrugadas insones e calorentas, quando ela andava nua pelo quarto feito gata enjaulada que era.

Depois de Gardênia veio Rosa Arcádia. Bento descobriu-lhe as aulas de piano duas vezes por semana, da uma às três da tarde, descobriu também que ia à missa das cinco e sempre só, porque Margarida preferia a matinal. Foi fácil envolver-se com Rosa, porque também ela o procurava com um furioso amor adolescente e, mal saía da casa de Clemência Lazares, corria ao armário com o pretexto de comprar material para uma colcha que começara havia pouco e que não tinha prazo para acabar. Comprava cada dia uma coisa, uma fita um dia, uma dúzia de agulhas no outro, linha branca numa tarde e azul na seguinte, de modo que sempre tinha o que fazer na loja de Bento Vendaval. Ele, por sua vez, já a esperava sozinho, mandando o empregado ir buscar uma encomenda ou levar um recado, ou qualquer coisa que lhe desse na telha para pô-lo pelas costas às três horas em ponto. E assim os dois começaram um namoro que, se primeiro foi de balcão, pouco depois passou a acontecer no estoque e foi mais e mais, até que o fogo de Rosa Arcádia acabou por incendiá-lo sem dó nem piedade, e Bento Vendaval viu sua chama inocente virar um braseiro de inferno; mas então já estava chamosqueado até a alma.

Também foi fácil guardar o silêncio de Rosa Arcádia, porque a rapariga sabia ser perigoso brincar com a ira de Apolinário. Era a mais nova das quatro irmãs e não haveria de ser a primeira a se casar, por isso achou justo levar em silêncio o compromisso entre eles até que qualquer das irmãs abrisse-lhe o caminho com algum outro pretendente.

– Então você fará segredo, Rosinha? – pediu.

Rosa esfregou-se nele, sorrindo.

– Para mim é até melhor que seja assim, Bento. Pelo menos por enquanto.

– Por enquanto... – concordou ele.

E tornou a beijar-lhe a pele de pêssigo, sem reparar que embrenhava-se por um caminho sem volta, e que ia aos tropeções. Mas Bento Vendaval tinha por lema que a vida era curta e pouca e que precisava ser vivida aos goles, e goles grandes. Por isso, afogou-se naquela taça transbordante sem pensar nem por um átimo.

A mais esquiva de todas era Violeta, por isso se seguiu Margarida Flores a Rosa Arcádia, e Bento cativou-a inteira numa oração da missa das oito. Vendaval conhecia-lhe o hábito de ir à igreja todas as manhãs e numa delas meteu-se na missa junto com ela. Margarida viu, exultante, que Bento sentara-se às suas costas e nem prestou atenção a uma palavra que fosse do sermão, tamanha era a vontade de sentir-lhe o perfume de homem, de trocar as Aves por beijos, de ir-se dali, que Deus a perdoasse, para um lugar mais propício aos amores que o banco de uma igreja. Mas Bento Vendaval orou com fervor, repetiu o que era para ser repetido, cantou na hora de se cantar e foi um católico tão fervoroso que o padre achou ter

arrebanhado mais uma alma para o pasto do Senhor. Foi na hora da reza, quando Homero Piedade mandou que orassem de joelhos, que Bento deu sua cartada final. Ajoelhou-se bem atrás de Margarida, inclinando o corpo tanto que pôde sentir-lhe o perfume dos cabelos escondidos pela renda branca e, em vez de orar, declamou inteira uma poesia decorada havia muito, mas que servia perfeitamente para os propósitos de enamorá-la sem dó nem piedade.

Margarida começou sua reza sussurrada quando ouviu uma voz quase acariciando-lhe o pescoço. Bento dizia de seus lábios de fogo, de seu riso de deusa, mulher e menina de tantos amores, que isso e que aquilo e formosa donzela de fogosos olhares, e Margarida terminou a missa amando-o com o mesmo ardor das trezentas e vinte e oito poesias que para ele escrevera em suas noites insones de paixão acumulada. Da igreja, passaram a ver-se na Praça e depois das aulas de música do professor Neputeno, e os amores dos dois aumentaram junto com a pilha de poemas clandestinos de Margarida que, um mês depois, incentivados pela alegria dos ardores correspondidos, perfaziam mais de seiscentos sonetos.

Margarida Flores foi, de todas, a mais hesitante em aceitar o namoro disfarçado, porque achava que Deus a vigiava sempre e sempre e que, se não enganavam a Ele, não havia motivo para enganarem os outros. Mas Bento pediu-lhe em voz mansa, depois entre beijos, e pediu com rosas e fitas de seda, tanto e tanto que Margarida capitulou, mas apenas porque não queria vê-lo prostrado. No fundo, incomodava-se com os amores silenciosos dos dois, e muitas vezes pegou-se a ponto de contar a Violeta sobre tudo, mas se calava na hora certa com medo de desagradar seu amado.

Bento Vendaval embarcou por esses tempos numa louca faina de namoros secretos e cansou-se tanto, dividindo-se entre as três numa roda-viva de missas, aulas de música e poemas na praça, que até mesmo os lucros do armarinho chegaram a diminuir, mas ele ia feliz. A única coisa que incomodava Bento Vendaval era o sumiço de Violeta Flores. Nunca a via, nem na missa, nem na feira e nem em lugar nenhum, e quando tentava arrancar das irmãs alguma coisa sobre ela, conseguia apenas evasivas sobre seu caráter quieto e pouco católico. Passou a sonhar com ela quase todas as noites e sentia-lhe o perfume suave de anjo, mas achava ser aquilo apenas fruto da dificuldade, sem saber que era, isso sim, um amor compartilhado pela própria Violeta, que não conseguia arrancá-lo da cabeça.

Pois, Violeta Flores andava irritadiça e triste. O chá tinha gosto de Bento Vendaval, o sono era cheio dos olhos dele, e as almas dos corredores faziam apenas imitar-lhe o tom de voz. Por isso, ela deixou de sair de casa. Macumba notou o contraste das alegrias das outras raparigas com o desencanto de Violeta, mas nada podia fazer e nem perguntou os motivos de sua infelicidade. Numa tarde dessas em que ela bordava e desmanchava seu bordado, Bento Vendaval bateu-lhe à porta. Foi uma visita calculada em todos os detalhes: ele tratou de achar a hora e o dia em que Rosa Arcádia estivesse ao piano de Clemência Lazares, Margarida andasse às voltas com o padre Piedade e Gardênia tomasse chá com as tias. Bento esperou atocaiado atrás de uma das amoreiras da praça e quando viu que a última das irmãs abandonava a casa, tratou de meter-se por ali de uma vez. Foi Macumba quem o atendeu, e fez com que esperasse na saleta de bordados e passamanarias até que a senhorita viesse falar-lhe. Violeta foi receber a visita, mas de má vontade e nervosa, dizendo a todo instante que Bento não se demorasse porque tinha

compromissos, e que era a hora de atender as araras, e que tinha lições a estudar e o pai a esperava para sair. Bento ouviu uma a uma suas explicações e rechaçou-as também do mesmo modo, porque em verdade era de domínio público que Apolinário Flores nunca se ausentava e que vivia num mundo à parte de tudo mais. Quando viu que o negro desaparecera pelos corredores de samambaias, tratou de atirar-se sobre Violeta, cheirando-a com um desejo que acalentava havia muitas noites, acarinhando-lhe os cabelos de fada e dizendo que era de todas a mais bela e a mais doce. Bento Vendaval iniciou seu ataque com os ditos costumeiros de tantas outras sessões de sedução, mas logo notou que não mentia e que não repetia elogios memorizados, mas que lhe vinham todos novos e mais belos e cheios de uma verdade que, se não assustou Violeta, causou pânico nele mesmo.

Violeta, por sua vez, não pôde reter a paixão que aninhara no peito desde que o vira pelo primeiro instante, e deixou-se ser beijada e acarinhada, amando-o com um fervor que lhe pareceu quase pagão. Mas, ao fim da visita, escabelada e corada de tanto amar, proibiu-o que voltasse ali e pediu que não tentasse vê-la nem de perto e nem de longe, ordenando que a esquecesse de vez.

Bento Vendaval ficou atônito:

– Mas por quê, Violeta, se ainda há pouco você chorou no meu ombro?

– Por isso mesmo – disse ela – porque sinto que de você só me virão mais lágrimas.

Bento não deixou por pouco. Meteu sua mão pela cinturinha de arame, segurando-a com a força do desespero, e disse:

– Coisa nenhuma, Violeta Flores. Não lhe deixo nunca mais.

Ela olhou-o no fundo do olho, e arrematou:

– Se você vier me ver, digo que abro um talho no meu pescoço de orelha a orelha, e vai ser a sua última visita.

Bento Vendaval apavorou-se, mas no meio da conversa o relógio badalou quatro horas e ele sabia que estavam chegando as outras raparigas, que acabavam as aulas e que o chá terminara na casa das tias; por isso partiu sem discutir a ameaça da moça. Mas antes de ganhar a calçada, ainda disse:

– Sua ameaça não me assusta. Qualquer hora venho ver você.

Violeta olhou-o do alto da varanda florida e respondeu com um único gesto de quem degolava o próprio pescoço, rindo um riso manso que a Bento pareceu loucura, mas que era apenas tristeza.

Naquela noite, Violeta Flores não dormiu. A figura de Bento Vendaval cercou-a feito sombra, e junto com ela lhe vinha sempre um arrepio de quase morte. Violeta sabia que era um arrepio de mau agouro. Tratou de esquecer o amor com medo que o sofrimento de aceitá-lo fosse ainda maior e, no dia seguinte, deixou um pequeno punhal sobre a cristaleira da sala com a ordem de que ninguém o tirasse de lá.

– Mas para que isso, Violeta? – indagou Gardênia ao ver a faca de prata.

– É para uma emergência qualquer.

E as raparigas não mais discutiram o assunto. Mas, ainda naquela mesma tarde, quando Bento indagou a Rosa Arcádia como ia a irmã mais velha, ela respondeu:

– Vai muito bem, mas agora anda com um punhal sempre à mão.

E Bento Vendaval não teve dúvidas de que ela não fizera aquela ameaça em vão.

Com Violeta escondida em casa, Bento continuou seu intrincado relacionamento com as três irmãs disponíveis; iam num ritmo frenético de beijos e poemas, de suspiros e calores, que culminou numa tarde pasmamenta de domingo, quando Rosa Arcádia escapou pela sacada do quarto para vê-lo às escondidas.

Foi o primeiro encontro dos dois que não havia sido premeditado. Bento Vendaval estava deitado em sua cama sorvendo um cálice de vinho do Porto quando ouviu uma tímida batida no andar de baixo. Meteu-se dentro das calças e foi atender à porta. Era Rosa Arcádia. Vinha fulgurante e ardendo em chamas e beijou-o com tanto ardor que ele acabou por perder todas as estribeiras, esquecendo que ela tinha quinze anos, notando apenas que era mulher e que queria homem. Foram para o quarto, e logo caíram na cama num ataque de amores que acabou com a virgindade de Rosa e que, mais tarde, haveria de acabar com outras tantas coisas mais. Embaixo das cobertas, Bento livrou-a das roupas e rendas e tratou de fazer o mesmo consigo, revelando à Rosa o animal faminto que buscava o refúgio das carnes dela feito pássaro buscando o ninho. Rosa Arcádia deixou-se desvendar sem medo, e Bento virou-a do avesso e devolveu-a pelo lado certo, explorando recantos e grutas que Rosa nem ousava possuir no mistério que lhe era, até aquela tarde, o próprio corpo. E nunca foi tão feliz.

De tudo na vida, aquela tarde de amores foi a única coisa que Bento Vendaval não tramou, até mesmo porque não haveria de desvirginar logo a mais jovem de todas; mas assim aconteceu e ele não era homem de se esquivar desse tipo de situação. Quando Rosa Arcádia se deu conta do que havia ocorrido, começou a chorar de espanto e felicidade.

– Não chore, meu anjo – pediu Bento, entre beijos. – Isso acontece mais cedo ou mais tarde com todas as mulheres do mundo.

– Mas elas se casam na igreja, Bento. Assim, desse jeito, isso quase me parece um pecado.

Ele riu.

– Você também haverá de casar-se, Rosa.

– Mas com você?

Bento nem respondeu, tratando de beijá-la outra vez. Rosa interpretou-lhe os ardores como um sim, e foi para casa entre nuvens de felicidade, flutuando no resto dos gozos que sobraram do amor. Em casa, decidiu-se a manter segredo de tudo, como fizera com os encontros que já duravam seis meses. Na hora certa, quando resolvessem casar, ela contaria tudo ao pai; menos, é claro, que os dois haviam-se adiantado um pouquinho nas coisas. Achou que assim estava acertado e que tudo haveria de terminar muito bem. Mas apenas uma coisa: decidiu pedir a opinião de Gardênia. Sim, contaria a ela tudo que se havia passado, os namoros e a tarde de amor, e a irmã, tão alegre e esperta, haveria de ajudá-la a escolher a melhor hora de ir ter com Apolinário.

E Rosa Arcádia fez isso mesmo. Depois do jantar, enquanto Violeta e Macumba punham Apolinário na cama, Rosa foi ao quarto de Gardênia. Encontrou-a nua em pelo, que era como costumava passar suas noites. Gardênia estranhou a visita noturna:

– Irmãzinha, o que você quer comigo nas horas de dormir?

– Quero fazer uma confissão – disse Rosa.

Gardênia ficou excitada. Para ela todas as confissões deveriam ser coisas de amor, porque apenas os amores encontravam graça no segredo. Sentou-se na cama para ouvir o que tinha a contar Rosa, sem imaginar nem de longe o teor das declarações que iria escutar. E Rosa Arcádia desandou a falar. Disse que amara um homem desde o primeiro olhar que haviam trocado, que não o esquecia nem em sonhos e que o via quase todas as tardes depois das aulas de música, e isso e mais aquilo.

Gardênia, encantada com tantos encontros furtivos e beijos e ardores tão parecidos com os que ela mesma vivia, perguntou:

– Mas quem é esse, Rosa, que você ama e lhe ama com a mesma paixão?

Rosa respondeu simplesmente:

– Bento Vendaval.

Rosa Arcádia interpretou a cara de susto de Gardênia como se fosse a surpresa da revelação e nunca, nem de longe, pôde imaginar que a irmã quase desfaleceu de tristeza e horror enquanto escutava os detalhes daquele amor, os encontros na sacristia, nas sombras da praça e em qualquer lugar disfarçado aos olhares alheios. Rosa falou e falou, contando em pormenores a tarde daquele dia e como tinha perdido a virgindade na cama de Bento Vendaval. Por fim, terminou o relato dizendo:

– Pois pretendemos nos casar... Na hora certa, é claro.

Gardênia Flores buscou forças em lugares que nem imaginara possuir, mas manteve-se quieta e ativa, ouvindo cada palavra da irmã como se um punhal penetrasse sua carne, porque ela também amava Bento Vendaval e era claro que ele desdenhava tanto dela quanto de Rosa Arcádia. Mas nada disse à caçula; teve medo da mágoa que iria lhe infligir. Acalmou-a com umas poucas palavras, falando que as coisas encontrariam os lugares certos na hora propícia, e que fosse dormir sem preocupações, pois tudo haveria de arranjar-se a contento.

Rosa Arcádia tranquilizou-se com a compreensão de Gardênia, beijou-lhe a testa e foi para o quarto, flutuando na mesma nuvem de amor em que flutuava desde o início da tarde; Gardênia ficou ali, desesperada e sozinha. Ocorreu-lhe que Bento Vendaval era um crápula digno da força, que enganara duas irmãs sem o mínimo respeito, e que ela vira nele coisas que nem de longe existiam. Naquela noite, Gardênia Esmeralda Flores resolveu assumir uma posição que seria sua para todo o resto de seus anos: os homens serviriam apenas para os jogos de amor e nada mais. Por certo, nunca mais dedicou a nenhum outro os amores que dedicara inocentemente a Bento Vendaval, e foi sempre a cortesã de risos loucos e cabelos de fogo que fazia enlouquecer a todos, mas nunca deixava-se iludir por nenhum deles. Mas ainda assim, Gardênia queria uma vingança, para ela e para Rosa. Não sabia o que fazer, o que pensar sobre aquilo sem ter a opinião de mais ninguém, então decidiu-se por ir falar com Margarida.

Gardênia encontrou Margarida escrevendo os mesmos poemas ensandecidos que escrevia todas as noites. Ela recebeu-a ali, inquieta por ter de parar os amores que deitava em prantos caudalosos no papel, mas a irmã estava tão pálida que se preocupou:

– O que houve, Gardênia, que nunca lhe vi assim? Até seus cabelos parecem opacos!

Gardênia desatou a falar. Numa torrente de palavras confusas, despejou sobre a cama uma história de amor conjunta, dizendo que estava enamorada de um homem, que via-o todos os dias e que trocavam juras e beijos, mas que o mesmo homem iludira Rosa Arcádia, a coitadinha, a mais nova e inocente de todas. E iludira-a tanto que ainda naquela tarde haviam-se deitado os dois juntos e que Rosa perdera a virgindade por obra do mesmo crápula que cortejava-a às escondidas.

– E a pobrezinha veio falar comigo. Não sabe que o homem que a despojou da honra é um desalmado, que dividia os mesmos beijos comigo, e eu nada disse a ela, Margarida. – E finalizou: – Mas não sei o que fazer...

Margarida nunca escutara tamanha desfaçatez. Furiosa, tratou de perguntar o nome daquele que havia ousado desdenhar das duas, e Gardênia respondeu:

– Bento Vendaval.

Margarida achou que ia morrer.

– O quê? – bradou ela, confusa. – Você quer me dizer que o homem que iludiu você e Rosa foi Bento Vendaval, o dono do armarinho?

– Sim – respondeu Gardênia. – Foi esse o filho da puta.

E Margarida começou a chorar; chorou muito e com a mesma fúria que antes escrevera poemas. Gardênia precisou de duas horas para acalmar-lhe os prantos. Margarida então resumiu a situação numas poucas palavras molhadas de lágrimas:

– Esse Bento Vendaval merece que lhe arranquem as vergonhas, porque não iludiu apenas a vocês duas, mas a mim também. E com os mesmos beijos e encontros furtivos, só que em horas diferentes, porque nunca vi você por perto.

Assim, as duas descobriram-se a declamar os mesmos poemas – se uma sabia o começo, a outra sabia o fim. E tudo era sempre igual em tudo, de modo que Bento Vendaval repetia a mesma corte para todas.

– Cachorro! – bradou Gardênia. – Não se dava ao trabalho nem de mudar as rimas.

Margarida e Gardênia choraram juntas e juntas blasfemaram contra Bento; juntas também resolveram pedir a opinião de Violeta, que fora sempre a mais sábia de todas. Era madrugada quando bateram à sua porta, mas não encontraram Violeta dormindo. Havia muito que ela não dormia, e sim mergulhava nuns charcos de amor e desespero que duravam noites inteiras e ainda avançavam pelas primeiras horas da manhã. Violeta recebeu-as com os mesmos ares de criatura celeste e os cabelos lilases ressaltados pela luz difusa do lampião.

– Que houve? – indagou ela ao ver as duas ali, chorando umas lágrimas de tristeza e ira. Mas se arrependeu da pergunta tão logo a fez, porque se arrepiou tanto e com tamanha fúria que tremeu da cabeça

aos pés.

As irmãs não perderam tempo. Invadiram o quarto desferindo chispas de ódio que quase chamasquearam as paredes floridas. Numa torrente só, contaram a Violeta o que Bento Vendaval havia feito, e contaram também que Rosa Arcádia dormia em seu quarto, feliz e saciada de amores clandestinos.

– Se o pai sabe, mata os dois – arrematou Margarida.

– Não mata, não... – retrucou Gardênia. – Papai não mata nem mosca. Mas que comeria o jardim inteiro, isso ele faria sim. E morreria por uma indigestão de flores.

– Ou então ficaria louco de vez – finalizou Margarida.

Violeta compreendeu naquela madrugada o que significavam todos os seus pressentimentos de mau agouro, e compreendeu também que tudo não acabaria por ali, que viria ainda mais. Em todo caso, nada disse dos próprios amores para as duas, porque achou que a ira delas já ia na medida para Bento Vendaval. Tratou de engolir todas as lágrimas, uma a uma, e pediu-lhes que se acalmassem, que a vingança era sempre má e trazia mais desgraça. E também que Apolinário não deveria saber de nada sob pena de enlouquecer de vez e sem volta. Além disso, Rosa Arcádia deveria ser preservada da verdade para que não morresse num rio de desgostos de amor.

– Morrer de amor é a pior morte – concluiu.

Margarida e Gardênia concordaram com tudo, menos com uma coisa: Bento Vendaval devia, sim, sofrer uma retaliação, e das grandes.

– Mas o quê? – perguntou Violeta. – O que seria uma lição sem que nem o pai e nem Rosa pudessem desconfiar de nada?

Margarida teve uma ideia:

– Macumba.

– Que tem Macumba com isso? – perguntou Violeta.

– Macumba pode fazer algo – respondeu Margarida. – Ele pode entrar na casa de Bento Vendaval e dar-lhe uma coça como nunca antes ele levou, uma surra para que não se esqueça jamais que um homem não pode brincar com o sentimento de uma mulher, quanto mais de muitas.

E Violeta compreendeu que a desgraça já começara.

Macumba abriu os olhos e deparou-se com Violeta, Gardênia e Margarida. Achou que alguma desdita terrível havia acontecido para que as três invadissem seu quarto no meio da madrugada. De fato, ele não estava errado. Foi a sua vez de ouvir todo o relato das raparigas; Margarida e Gardênia tornaram a inflamar-se de ira, enquanto o negro tratava de examinar o rosto impávido e pálido de Violeta, que não dissera uma única palavra. Mas Macumba entendia bem de silêncios, e compreendeu que também ela fora vítima das cafajestagens do tal Bento Vendaval. Foi ali que descobriu o motivo de tantos choros

disfarçados, dos bordados feitos e desfeitos, do punhal sobre a cristaleira. Macumba ouviu e ouviu, recordou-se das juras que fizera à patroa Rosa, da menina Rosa Arcádia, a quem prometera cuidar por todos os anos que lhe durasse a vida, e teve um ódio tamanho que deixou-o ainda mais retinto de preto do que já era.

– Eu mato esse desgraçado! – bradou Macumba, com uma ira que fez tremer as redes do quarto.

As florinhas bateram palmas. Mas morte? Morte era demais; queriam ver Bento Vendaval arrastar-se pelas calçadas e pedir-lhes perdão publicamente.

– Matar, não mate – pediu Margarida – Mas arranque-lhe o couro e a língua, para que nunca mais minta para ninguém.

Violeta desesperou, mas nada disse. Voltou para o quarto e mergulhou num sono negro e espesso do qual só despertou na tarde do dia seguinte. Macumba, por sua vez, desenterrou as pinturas de guerra como as que vira tantas noites desenhadas nas peles dos negros da senzala, e meteu-se pelo breu noturno disposto a acertar todas as contas com o tal Bento Vendaval.

Macumba não teve dificuldade em entrar no sobrado, derrubando a porta dos fundos com um único pontapé. Depois, subiu as escadas pulando os degraus, topou-se com o quarto do sem-vergonha e com a grande cama onde ele dormia um sono de anjo, e onde também desgraçara Rosa Arcádia. Não teve piedade. Mal Bento Vendaval abriu os olhos, já o negro desferiu-lhe um soco que fez dois dentes pipocarem pelo chão. Bento ameaçou gritar e ele desferiu-lhe outro tapa, dessa vez no ouvido. Foi um inferno, e o diabo veio-lhe das sombras, feito sombra que era. Macumba arrastou-o da cama e levou Bento para a janela.

– Não escondo minha cara no escuro, seu sem-vergonha – cuspiu Macumba, enquanto ria uma risada de louco.

A lua iluminou seu rosto de príncipe de ébano, as narinas dilatadas, a baba branca escorrendo pelo canto da boca. Bento chorou umas lágrimas covardes; preferia mesmo morrer no escuro do que vendo aquela besta.

– Isso aqui é pra vingar a honra das minhas patroas. E é pra dividir a desgraça da menina Rosa. Pois lhe aviso que o quinhão maior é o seu. Pode ir encomendendo a alma, que chegou a sua vez!

Macumba incendiou-se no fogo da própria ira. Num surto de loucura, despiu Bento Vendaval e deixou-o nu como uma criança. Pelado, suando em pavores, Bento deixou-se revelar em toda a sua grandeza de macho bem-equipado, porque num ataque insano, rebelava-se-lhe o sexo, risonho, debochando da fúria do escravo alforriado. Quando Macumba viu a potência de Bento Vendaval, perdeu o pouco tino que já tinha, imaginando com ganas de pai aquele membro descomunal devastando Rosa Arcádia, alegrando-a e invadindo seu ventre. Então, cego pelas brumas de sua ira de cachorro louco, pegou a faca que trazia à cintura e arrancou o bicho pela raiz e de um único golpe. Bento deu um berro de horror, longo e sofrido como um adeus. Foi um grito pavoroso que ecoou pela cidade inteira, subindo as ladeiras e fazendo a volta nas esquinas, acordando as casas e espalhando o medo da morte, pois aquele era um grito de morte.

Mas Bento Vendaval não morreu; ficou ali, mergulhado nos charcos do próprio sangue, separado de sua melhor parte, desesperado, vomitando bile e dor, enquanto Macumba agarrava o bicho morto, metia-o no bolso e desaparecia no escuro da noite da mesma forma que tinha surgido. Na rua, Macumba deu-se conta que tinha chegado num precipício. Pesava em sua calça o membro encolhido e triste, e o negro soube que se tinha excedido. Mas fora por amor. Nenhuma vingança de amor era pouca, e ele sabia que Bento não daria um ai pela cidade, sob a pena de que a população terminasse o serviço que ele começara.

Macumba não se enganou, pois Bento Vendaval nunca, em sua mui longa vida, contou a ninguém que o negro havia sido o autor da desgraça que lhe acontecera, e nem o motivo de tamanha ira. Mas Macumba chegou em casa disposto a não deixar o desgraçado morrer. Porque a vingança para Bento não era a morte, e sim viver capado. O negro entrou pelos fundos da casa e foi para o quarto pisando mais leve que um anjo. Lá, tratou de juntar umas ervas disso e outras daquilo, e rezou umas rezas em mandinga, enquanto besuntava o bicho arrancado à faca com as misturas que preparara. E a tal reza surtiu efeito. Em casa, rolando num lençol de sangue por onde esvaía-lhe a vida, Bento Vendaval deu-se conta que estancava sua hemorragia. Pôs a mão no ventre inchado e viu que o sangue coagulava-se na imensa ferida. No meio de sua dor, encontrou força para sorrir, porque soube que não iria mais morrer. Quando Bento Vendaval pôde afastar o fantasma da morte, veio-lhe o fantasma da castração, e ele chorou feito uma bebê de colo. Desesperado, arrastou-se para a cama e ali ficou, sem comer nem beber e sem falar com ninguém por oito dias, que se não foi o tempo de curar-lhe a ferida, foi o de curar sua alma de predador violado.

O grito de Bento Vendaval surpreendeu Margarida enquanto ela queimava as setecentas e vinte e nove poesias completas e as dezoito que lhe iam inacabadas por falta de verbos que medissem seu amor. Na hora em que ouviu o berro de morte, Margarida viu que a chama se alteava com raiva, e achou que era um aviso. Um aviso de Deus. Achou que se havia perdido das palavras santas da Bíblia, ela e as irmãs, e por isso chegara-lhes a desgraça sob a forma insidiosa de Bento Vendaval. Daquela noite em diante, Margarida Flores nunca mais escreveu nem uma rima que fosse, esqueceu-se da poesia e do canto, do amor teve medo e pânico, escondeu os vestidos mais coloridos e as rendas que comprara quando enfeitava-se para Bento; e meteu-se de vez numa reza eterna e desesperada, que resmungava para purificar sua alma do grande pecado que cometera. Orou um pouco a mais pela vingança que planejara junto com a irmã, mas não se apiedou da surra que Macumba dera em Vendaval.

O grito chegou para Gardênia quando ela ia dormir. Ela teve a certeza de que era Bento quem urrava feito um bicho. Daquela noite em diante, Gardênia Esmeralda não sentiu mais pena dos homens. Vingada, descobriu que eram elas, as mulheres, que controlavam a vida. Passou a enamorar-se de quem lhe aprazia, a sair com uns e com outros, fossem solteiros ou comprometidos, mas fazia isso sem amar. Sim, porque o diabo não era o sexo, e sim o amor. Fora por amor que sofrera, e por amor não sofreria nunca mais. Gardênia Flores ouviu o grito de dor entrando pela seda das cortinas e sussurrou:

– Filho da puta, eu amava você.

Depois, fechou os olhos e dormiu um sono sem sonhos.

Rosa Arcádia escutou o berro, mas não identificou o dono daquela voz; e em verdade, andava tão feliz que nem se incomodou. Tratou de fechar melhor as janelas e dormiu outra vez. Violeta foi a última a escutar o grito de Bento Vendaval, porque o seu quarto era o mais distante de todos. Veio-lhe feito uma lâmina afiada que entrou em sua alma e lá restou. Violeta Maria Flores nunca mais em sua vida pôde deitar a cabeça no travesseiro sem que lhe viesse aos ouvidos o som fino da morte que escutara na noite do dia três de abril de 1922, que foi quando Macumba capou Bento Vendaval. Deitada na cama, sem conciliar o sono, Violeta enxergou Bento nadando numa poça de sangue, sozinho e ferido, e chorou muito e muito, porque foi a única a compreender a desgraça que sucedera naquela noite de terror.

Apolinário Flores não foi imune ao berro. Sua janela dava para a praça, e o grito horrível de Bento invadiu-lhe a alcova e agarrou-o pelo pescoço para matá-lo feito uma galinha. Acordou sufocado de pavores, pois aquele grito pareceu um chamado de alguma alma do além, e recordou-se de Rosa. Naquela noite, o boticário teve um dos seus maiores ataques de loucura. Desesperado pelo berro que se escondera em seus ouvidos, Apolinário Flores levantou-se de ceroulas e saiu do quarto, atravessando os corredores sem se preocupar com os gatos que se enrabichavam pelos tapetes, pisando nuns e noutros, fazendo cantar os canários e as araras do quintal. Furioso, abriu o armário da cozinha, pegou um facão e, no jardim, degolou uma por uma as seis araras coloridas, achando que eram elas que assustavam as almas dos defuntos.

– Pronto! – berrou, ensanguentado até as sobancelhas. – Seus bichos de merda, agora vocês não incomodam nem mais defunto!

E saiu andando pela casa, até que Macumba o encontrou, ao raiar do dia, coberto de sangue coagulado, roendo um pedaço de noz-moscada, e feliz da vida de ter-se livrado das araras que sempre odiara.

– Acabou, Macumba! Esses bichos vão cantar agora é nas gaiolas do inferno.

Margarida viu o pai andando de roupa de baixo pela casa, com os olhos fora das órbitas, ensanguentado e fedorento, e concluiu:

– Deus quer mesmo nos punir a todos. E já começou.

Quando Gardênia procurou Macumba para saber detalhes da surra, o negro contou que arrancara dois dentes do desgraçado e que havia transformado sua barriga numa massa de sovar, tanto e tanto que batera. Contou como entrara e como saíra da casa da Praça dos Evangelhos; contou tudo, menos que no auge de sua raiva havia capado o tal Bento Vendaval.

– Esse aí não incomoda mais – arrematou Macumba, pensativo.

E Gardênia saiu feliz da vida para a praça, sem entender o verdadeiro significado das palavras do negro. Foi-se rebolando e enrolada em sedas, buscar algum rapaz para aliviar seus impulsos. Encontrou

uns quatro e com eles deu boas risadas, sem desconfiar que, do outro lado da praça, Bento agonizava em pavores.

Bento Vendaval tentou, e conseguiu, manter segredo de seu estado. Chamou um empregado do armarinho e disse-lhe que estava acamado e com febre, ordenando que tocassem a venda do melhor modo até que se curasse. Deitado na cama por dias e dias, jurou que haveria de vingar-se, não do negro, a quem gostaria de matar com um talho só, mas das raparigas Flores, que haviam sido, com certeza, o motivo de tal desdita. Enquanto ele se recuperava da amputação, Rosa Arcádia faltava às aulas de música para encontrá-lo sob a sombra das amoreiras, fugia da feira para deparar-se com o esconderijo vazio e fazia isso e aquilo, mas nada de conseguir encontrar Bento Vendaval. Na casa de Constância Lazares, Rosa desafinava em todas as melodias e faltava-lhe o apetite para os quitutes da velha.

Alguns dias depois, mais saudosa que antes, vomitou uma bile esverdeada que para ela era apenas saudade. Nem dormindo encontrava umas réstias de paz para os sufocos de seu amor. Constância Lazares disse-lhe:

– Ninguém desafina assim, a não ser por amor. E amor malogrado.

Rosa Arcádia preocupou-se. Fazia três semanas que Bento Vendaval faltava aos encontros, e na venda nunca estava. Foi procurar Gardênia para pedir um outro conselho.

Gardênia ouviu-lhe os quebrantos um a um, ouviu as noites de choro e os bancos vazios, as notas desafinadas e a falta de apetite. Por fim, respondeu:

– Não se incomode, minha Rosinha... Se ele não for o seu amor, outro será. Só o tempo vai dizer.

– E o que eu faço?

– Espera – disse Gardênia.

Rosa angustiou-se:

– Mas se eu esperar muito, morro. Vomito todas as manhãs de tantas saudades que já me vão pela alma.

– Vomita?

– Vomito – respondeu Rosa, sem notar os ares de espanto de Gardênia.

– E você sente mais algum incômodo? – perguntou Gardênia, meio de pouco caso. – Tem tido pesadelos frequentes? Lhe vêm as regras?

Rosa Arcádia pensou um pouco e disse:

– Pesadelos eu não tenho. Mas a minha menstruação anda meio confusa. Deve ser o amor.

Na mesma tarde, Gardênia procurou a irmã mais velha. Ao ouvir a narrativa, Violeta espetou o dedo com a agulha de bordar.

– Grávida? Tem certeza? – disse Violeta.

Gardênia Esmeralda contou os dedos e concluiu:

– Tenho. Faz um mês, ela mesma me disse, e a menstruação não lhe vem.

Violeta assumiu as rédeas da situação. Fez um chá de canela bem curtido e mandou que Rosa Arcádia tomasse uma chávena de hora em hora por cinco dias seguidos. Não adiantou. Depois, procurou

Macumba para pedir-lhe uma reza bem forte. O negro entendeu o motivo num simples olhar, e tratou de rezar para cada santo que conhecia, terminando a oração com uma prece em conjunto para todos. Também não adiantou. Fizeram Rosa comer raiz-forte com leite, beber suco de uva verde com água de orvalho, dançar em torno de uma galinha morta, recitar de trás para frente os meses do ano sem respirar, pulando num pé só e descalço; mas nada resolveu o caso.

Certa tarde, quando Violeta dava de comer aos siameses, viu duas alminhas rindo dela e enrolando-se nos rabos dos bichanos; então soube que não havia mais nada a fazer. Buscou por Macumba e encontrou-o fazendo um cozido de lebre com folhas de cerejeira que ele achava ser a cura para a confusão menstrual de Rosa Arcádia.

– Não adianta, Macumba – sentenciou Violeta. – A irmã está grávida mesmo. E aborto é um pecado que não vamos cometer.

Macumba teve de concordar.

Novamente, Violeta foi a encarregada de falar com o pai. Nem a doçura da rapariga, nem seus ares de fada e nem o fantasma de Rosa conseguiram amenizar o ataque de fúria do qual foi acometido Apolinário Flores.

– Grávida? – berrou ele, virando o conteúdo do tubo de ensaio pelo chão.

– Sim, pai – disse Violeta. – Rosa Arcádia está grávida.

Apolinário irou-se mais ainda porque a memória era-lhe tão fraca que não conseguia recordar qual das filhas era Rosa. Violeta tornou a responder:

– Rosa Arcádia é a mais nova, pai.

– Puta que pariu! A mais nova me vem prenha! Era mesmo o que me faltava!

Apolinário Flores gastou duas horas e oito samambaias para remoer e aceitar o fato de que a caçula das raparigas estava grávida, e sem marido. Acabou por devorar metade do corredor de selva sem que ninguém na casa interrompesse-lhe os desvarios. Por fim, quando vomitava parte das folhagens que ingerira, sentenciou:

– Me escrevam num papel o nome e o endereço desse filho da puta, que vou lá acertar as contas com ele.

E todo mundo tratou de obedecer.

Quando Margarida soube que a irmã estava grávida de Bento Vendaval, passou dois dias andando pela casa a rezar o terço em voz alta, só parando para dormir e onde o sono lhe assaltasse. Estava certa que Deus se voltara contra eles e, na terceira noite de seus pavores, Rosa Arcádia despertou com Margarida fazendo-lhe o sinal da cruz na testa.

– Que é isso, irmã? – perguntou ela, morta de sono.

– Estou purificando você desse pecado – disse Margarida.

– Que pecado? Vai deitar, Margarida, que eu mesma vou muito feliz, obrigada.

E foi assim que todos na casa compreenderam que Rosa Arcádia não se sentia desesperada, que ia satisfeita da vida com sua gravidez. Porque ela sabia que assim Bento Vendaval teria de casar-se com

ela, sob pena de levar um tiro bem no meio da testa.

– Vão se casar? – perguntou Gardênia à Margarida.

– O Senhor é meu pastor, nada me faltará... Sim, vão se casar.

– Que coisa – gemeu Gardênia. – Era só o que me faltava: ter por cunhado o único homem que amei.

E Margarida tratou de fazer o sinal da cruz.

Bento Vendaval voltara ao trabalho fazia apenas dois dias, quando Apolinário Flores invadiu sua loja, armado de uma espingarda entupida e todo babado de folhas de samambaia.

– Vim acertar as contas contigo, seu pulha! – gritou Apolinário.

Bento não compreendeu a situação, mas depois foi reconhecendo no velho os olhos de vidro de Violeta, o que lhe trouxe uma saudade apertada. Reconheceu o nariz pequeno de Rosa Arcádia, e soube que era o pai das raparigas Flores quem lhe apontava a espingarda.

– Não temos nada para acertar, senhor Flores. E, em verdade, devia ser eu a meter-lhe essa arma na cara!

Apolinário não entendeu, mas enfureceu-se tanto que Bento só não tomou chumbo pela cabeça porque a arma não estava carregada. O perfumista disse que Bento merecia o tiro que não levava, porque a filha mais moça estava grávida e desonrada. Grávida dele, e esperando de dedo em riste por uma aliança bem grossa.

Vendaval começou a rir. Atrás do balcão, escondido, sentiu falta da companhia que lhe fora arrancada sem dó, e retrucou:

– Casar comigo? O senhor tem certeza?

– Certeza absoluta.

Bento compreendeu então que nem o velho nem Rosa sabiam o que lhe sucedera.

– Pois aceito – disse. – Não precisa me chumbar por isso, porque o prazer desse casamento será mais meu do que da sua filha Rosa.

Apolinário Flores não entendeu e nem quis. Tirou do dedo a própria aliança, metendo-a na mão de Bento como quem lhe metia um grilhão. E arrematou:

– A de Rosa já está no dedo dela, porque vai casar com a aliança da finada mãe. – Satisfeito consigo mesmo, completou: – Às quatro horas da tarde daqui a três dias na minha casa. E me venha de fraque.

Enquanto Apolinário atravessava solenemente a Praça dos Evangelhos, Bento Vendaval ficou rindo atrás do balcão. Estava começando a vingar-se: a pobre Rosa iria casar com um marido capado, e bem feito para ela.

Enquanto, na sala, Rosa Arcádia tornava-se a senhora Benedito Inácio OuroFino, no quarto dos

fundos Macumba se enforcava, desesperado por impor um sofrimento a mais à doce Rosa, porque era ele o único a saber que Bento Vendaval não mais prestava para nenhum jogo de alcova.

Macumba matou-se sem alarido; não queria atrapalhar as cerimônias no andar de baixo. Antes de se recolher para a desdita, ainda percorreu os rostos das meninas, um por um, comprovando que eram já mulheres feitas, e de fibras muito diferentes. Depois, subiu para seu quarto de negro alforriado, amarrou a grossa corda que escolhera com tanto cuidado para que a tarefa terminasse com sucesso, rezou umas rezas para encomendar a própria alma, e pulou da cadeira num último gesto, levando frescas na memória as imagens das quatro raparigas e do patrão que amara como nunca antes soubera amar um homem.

Macumba deixou um bilhete escrito no parco alfabeto que aprendera, mas as meninas conheciam-no muito bem e por isso não tiveram dificuldade em decifrar seus garranchos. Deixou também os colares que usava ainda no pescoço e as guias dos santos de seu batismo como uma herança para as Flores. Escreveu um breve pedido de desculpas apenas para Rosa Arcádia ler, e depois da noite de núpcias. Deixou também, enrolados num saquinho, todos os salários dos seus quinze anos de bom serviço, os quais nunca gastara pelo simples motivo de não ter com o quê. Eram um presente para o filho que Rosa carregava no ventre. Por fim, anotou todas as recomendações para o caso de Apolinário Flores ter um de seus ataques de melancolia, ensinando a cantar-lhe baixinho se ele comia as folhagens, e a dar-lhe leite com mel se o seu apetite era de flores. E para pô-lo na cama, Macumba escreveu que se devia contar uma história de Rosa, a finada, pois então o patrão haveria de dormir feito um anjo. Macumba escreveu e escreveu, até se dar conta que estava mesmo era fazendo tempo para morrer; então cessou o bilhete ali mesmo e deu cabo de sua vida com a mesma ânsia com que capara Bento Vendaval.

Gardênia encontrou-o, mas foi Violeta quem adivinhou a sua morte. Estavam todos reunidos na grande sala com cortinas de renda, enquanto o padre falava uns últimos latins para os noivos, quando Violeta sentiu que alguém lhe tocava o ombro. No fundo de seu mar de angústias, porque via casar com a irmã o único homem de seus amores e esse também a fitava com uns olhos loucos de paixão, não sentiu que aquilo era mais do que um toque de dedos, era um sopro que vinha já dos portões do outro mundo. Virou-se para ver quem a chamava, quando notou uma luz clara e suave e viu o riso branco e quebrado de Macumba, mas o negro sequer estava ali. Por ter bons olhos para as coisas do além, Violeta soube: morrera aquele que lhe fora pai e mãe. Teve vontade de chorar, mas não conseguiu. Da ponta do altar improvisado, Bento olhava-a com uns olhares tão tristes que ela achou que desfaleceria, e de fato desfaleceu, mas antes sussurrou para Gardênia:

– Vá ver onde Macumba se pendurou. Ele está enforcado em algum lugar dessa casa.

Gardênia Esmeralda ficou pálida de susto, mas tratou de obedecer a irmã porque tinha confiança nas palavras dela. Dito e feito: encontrou o negro pendurado em uma viga do teto, a boca escancarada e o olho esbugalhado, nem tanto pela morte quanto pelo remorso.

Quando Violeta desmaiou, foi Bento Vendaval quem a segurou, pulando do altar feito um gato que salta do muro e pegando-a no momento em que ia dar no chão. Foi como se a lâmina de uma faca arrancasse o coração de Violeta.

– Não se desespere – sussurrou Bento Vendaval, com ares de anjo caído. – Casar comigo é a maior desgraça que uma mulher pode ter.

Violeta respondeu:

– Já era antes de Macumba ter feito o que fez.

Bento ficou nervoso. Enquanto a deitava no sofá, tornou a sussurrar:

– Como você sabe, o negro contou?

– Não, Bento, eu senti na minha carne. – E no desespero, arriscou: – Eu amo você mesmo assim, embora seja um amor de malogro. Para nós e para Macumba, porque ele acabou de se matar de remorsos.

Antes que Bento tornasse a perguntar como, por Deus, ela sabia tanto de tudo, o grito de Gardênia encerrou a conversa dos dois, e encerrou também a cerimônia. Correram todos e depararam-se com a terrível cena de Macumba pendurado pela corda. Na sala, ficou apenas Violeta, porque já sabia bem o que tinha acontecido. Rosa Arcádia começou a chorar, mas foi acalmada pela tia, porque dava azar a noiva chorar no dia do casamento. Margarida, ao ver o espetáculo fúnebre do grande preto que amara como um pai, pendurado por uma corda de atar lenha, bradou:

– Deus abandonou essa casa, Deus abandonou essa casa... – pôs-se a rezar vinte terços, andando de um lado para outro, dez para encomendar a alma de Macumba, e mais dez para os que estavam vivos para ver o resto da desgraça que ela adivinhava.

Gardênia leu os últimos recados do morto, tarefa providencial, porque Apolinário Flores sentiu tanto a perda do escravo alforriado que desmantelou todo o canteiro de margaridas e todo o canteiro de amores-perfeitos, comendo-os com uma voracidade que fez Rosa Arcádia vomitar até os pensamentos. Como mandara Macumba, Gardênia ferveu leite com mel e fez o pai beber mais de quatro copos. Só assim acalmaram seus rancores, e era já dia alto quando ela pôs Apolinário para dormir, enquanto ele ainda falava:

– Puta merda, morreu o único homem que me entendia nessa terra do caralho!

Gardênia ouviu-lhe o lamento malcriado, e resmungou:

– Caralho é ter tido por único amor o cunhado.

– Quê? – indagou o velho, já meio dormindo.

– Nada, papai. Vá dormir.

Rosa Arcádia esqueceu a morte do negro apenas quando se recordou que ia para a cama com o marido que amava mais que qualquer coisa no mundo. Pesou daqui e dali e decidiu que prantearia Macumba no dia seguinte, porque não queria perder os folguedos da alcova. Bento Vendaval, cego de uma raiva rançosa e suave, incitou-a com beijos e sussurros e fê-la despir-se e arquejar de desejo, mas não tirou a própria roupa.

– Dispa-se – pediu Rosa, com uma nova coragem na voz.

– Faça para mim – pediu Bento, sussurrando.

Rosa não deixou por menos. O berro que deu ao descobrir as faltas do esposo repercutiu pela casa feito um grito de inferno. Violeta, deitada na cama, pensou: “Soube que se casou com um garanhão

capado, a coitadinha...” E chorou de pena, sem saber se a pena era de Rosa, de Bento ou dela mesma. Gardênia interpretou o berro como sendo a comprovação da boa trepada de Bento, mas se conformou pensando que não valia trepar com alguém que ela já tinha amado, sob o risco de cair na desgraça de voltar a amar. De modos que se remexeu um pouco na cama vazia e voltou a dormir. Margarida foi pega no décimo sexto terço de sua reza e, apavorada com o grito, tratou de rezar mais uns oito, apenas por garantia. Apolinário Flores despertou com uns vômitos de amor-perfeito, e o grito da filha ardeu-lhe tanto na alma que abriu a porta do quarto, pegou o primeiro gato que viu pela frente e torceu o seu pescoço sem dó, que era para ver se desafogava do peito aquela angústia de azar.

Rosa ficou deitada na cama das núpcias, intocada pelo marido, chorando uns choros de frustração e pena, sem carinhos e sem nada, pois Bento Vendaval acabou por lhe dirigir toda a raiva que tinha pelo seu destino de capado.

Na manhã seguinte, Rosa Arcádia, abatida, tratou de explicar às irmãs o que tinha acontecido:

– Caparam o Bento – resumiu ela, sem rodeios.

As raparigas olharam-se, apavoradas. Apenas Violeta manteve a calma, porque sabia de tudo. Ficaram ali ouvindo as queixas de Rosa até que ela foi despedir-se do esposo, que ia trabalhar. Então Gardênia disse:

– Macumba capou-o, de puro ódio.

Violeta corrigiu-a:

– Capou-o sim, mas foi por amor.

– Por culpa nossa, essa é a verdade – lamentou Margarida. – E agora vamos pagar todo esse desastre. Macumba já está pagando, porque os suicidas não vão ter com Deus – e recomeçou a ladainha: – Ó Pai, tende piedade de nós...

Gardênia balançou a cabeça, tristemente:

– Que horror isso tudo, que horror. E Rosa Arcádia, como ficará?

– Vai se haver com o marido que tem, mesmo que não lhe tenha vindo completo.

– O azar é que lhe faltou a melhor parte – retrucou Gardênia, recuperando o bom humor.

Assim, o casamento de Rosa Arcádia correu sem maiores alegrias nem tristezas. Tinham uma vidinha de irmãos, dormindo na mesma cama, dividindo o mesmo banheiro e o mesmo quarto, mas sem beijos e sem carinhos e sem mais nada que pudesse dar umas alegrias à pobre rapariga. Bento Vendaval mal despertava, vestia-se e corria para o trabalho, somente lá se sentia livre da opressão de ver todas as suas antigas namoradas reunidas sob o mesmo teto. Mas o pior era topar com Violeta. Bento compreendeu, tarde demais até para remorsos, que, de todas, a única que havia amado fora Violeta Maria Flores. Passou a ter uns desesperos por ela, e quando a via de longe pelos corredores com seus cabelos de sereia e sua aura de estrela, sentia um fogo correr suas entranhas e afogá-lo sem piedade. Foi por

Violeta que Bento chorou pela primeira vez, e por ela continuou chorando outras tantas, até que pranteá-la virou um cerimonial de suas madrugadas.

Rosa Arcádia, já com a barriga inchada, despertava ouvindo o esposo chorar, e dizia:

– Não chore, Bentinho. Não se deve chorar pelo que se perdeu.

– Choro é pelo que eu nunca tive, isso sim – retrucava ele, soluçando.

E Rosa não compreendia seu pranto.

Margarida passou a dividir seu tempo entre a igreja e os cuidados com Apolinário, mas o fazia mais por penitência do que por amor. A beleza suave de amêndoa e cânfora de outrora deu lugar a uma tristeza austera; e Margarida passou a temer o amor como o mais malvado dos demônios. Enrugou-lhe tanto o coração que até sua aparência pareceu desbotar, e ela envelheceu oito anos num único mês. Mas, mesmo as oitenta ave-marias diárias e os sem-número de terços e os jejuns e penitências não serviram para aquietar suas carnes; ao contrário, de modo que quando se enfogueiravam seus ânimos de fêmea, ela rezava com o fervor de uma possuída, mas seus ardores aumentavam ainda mais, e Margarida seguia assim, dando voltas em torno dela mesma, sem saber mais se rezava para apagar seu fogo, ou se o fogo é que vinha com a reza.

Gardênia Esmeralda atirou-se de vez nos amores sem amor, que foram o consolo e a alegria de todos os seus dias. Por esse tempo, tinha uns quantos namorados furtivos, aos quais distribuía seus beijos ou muito mais, dependendo do bom ânimo para os favores. Ia e vinha da casa como bem lhe aprazia, porque o pai enlouquecera desde que torcera o pescoço do gato siamês, e desde aquele dia já torcera o pescoço de mais dois. Gardênia era feliz, apesar de tudo. Quando dava para estar em casa, incendiava as peças com seus cabelos de fogo e seu riso de mulher, tratando Bento igual a um coitado e com tanta solicitude que ele se sentia o pior dos mutilados, como se em vez de ter perdido o pinto, tivessem-lhe arrancado o cérebro. Gardênia tratava-o feito um menino e da mesma forma tratava Rosa Arcádia, cheia de carinhos e mimos, com pena da rapariga que tinha um esposo sem balas na agulha, e sem agulha também.

Violeta ocupou seu tempo com meditações e com os animais da casa. Era sua a tarefa de escondê-los da faina assassina que despertara em Apolinário, de modo que quando via o pai sair do laboratório, onde ainda tentava recriar o cheiro da esposa defunta, Violeta juntava todos os bichos, vigiando-os com o zelo de uma mãe. Certa tarde, quando reunia os gatos, deu por falta de um.

– O pai matou-o, malvado – disse ela para si mesma.

– Não Violeta, o gato está debaixo da cristaleira da sala de jantar – respondeu uma voz.

Era Macumba. No susto, Violeta perdeu todos os bichanos que já reunira e teve de recolhê-los às pressas, mas o gato desaparecido estava no lugar que o negro indicara. Depois desse episódio, Violeta passou a aceitar sua presença tanto e tão bem que era com ele que ela mais conversava. Macumba costumava chamá-la das claraboias que a mãe mandara construir para que se visse o sol e a lua, e o negro ficava lá, menos preto do que fora em vida, mas absolutamente real, com a corda ainda amarrada no pescoço e os olhos esbugalhados de um remorso que não o abandonara.

Sempre que Apolinário ia ter um de seus ataques, Macumba tratava de avisar Violeta para que ela ficasse atenta. Se era ataque de comer as samambaias, Violeta e Margarida já começavam a cantarolar baixinho antes que o pai se metesse pelo corredor de selva; se era vontade de comer os canteiros, já se fazia o leite com mel. Certa feita, numa ira de fim de mundo, Apolinário degolou todos os canários da casa. Foi uma sanguinolência pelos corredores e uma choradeira de todos, e nem Bento Vendaval escapou de limpar e de prantear a morte dos passarinhos.

Na manhã seguinte, Apolinário acordou com a casa mergulhada no silêncio. Abriu a porta do seu quarto e perguntou:

– Que deu nessa passarada? Perderam a língua?

Violeta compreendeu que o pai enlouquecera mesmo de vez e sem volta. À tarde, foi ao mercado e comprou onze canarinhos, mas os trancou nas gaiolas a cadeado e escondeu as chaves no corpete.

Bento Vendaval e Violeta viviam o martírio mudo de um amor impossível. Na mesa, quando sentavam juntos, mal tocavam na comida e nem levantavam os olhos da toalha sob a pena de caírem num pranto sem fim. Violeta vivia apenas por ser consolada pelo fantasma de Macumba, mas, certa vez, desesperada de amor, foi até a cristaleira para procurar o punhal com o qual jurara matar-se. Meteu a mão no alto do armário e encontrou-o, sujo, mas tão afiado como antes.

– Não vale esse tormento, florinha. Nem tente isso...

Era Macumba, espiando-a da claraboia.

– Sofro muito, Macumba.

– O morto que se matou não tem descanso, florinha. Se essa faca cortar o seu pescoço, então seremos dois a vagarear por essa casa. Não me faça isso.

E Violeta desistiu. Macumba abriu um sorriso embaçado, porque chovia lá fora, e disse que tinha uma coisa para ela, que eram as cartas de se ver o futuro. Falou que estavam ainda no quarto onde vivera seus anos, enterradas embaixo da quinta lajota depois da janela. Violeta devia pegá-las, porque tinha no sangue o dom de predizer o que vinha, e ele deixara as cartas para ela mesmo. Violeta obedeceu-o. Embaixo da tal lajota, encontrou um baralho grande, cheio de figuras aparentemente incompreensíveis, mas que para ela tinha significado simples e certo, e desde essa tarde passou a ler o futuro para quem quisesse e por umas poucas moedas.

A barriga de Rosa Arcádia cresceu, de um dia para o outro, tanto e tanto que parecia estourar.

– De ontem para hoje não me serve mais nenhum vestido – contou ela.

Bento Vendaval olhou a barriga da esposa, sentindo saudades do tempo em que fizera aquela obra, e disse com raiva:

– Vai ver que o fantasma do negro meteu-se aí pra dentro junto com a criança.

Gardênia retrucou:

– Cale a boca, Bento. Vai ver que o filho vai ser grande e nascerá antes do tempo.

– É um filho de pecado – retrucou Margarida. – Talvez Deus castigue vocês por isso.

Rosa Arcádia caiu em prantos. Violeta mandou Margarida calar-se. Foi até seu quarto e voltou trazendo as cartas de ver o futuro.

– Corte em três – pediu ela.

Rosa Arcádia obedeceu. Violeta examinou bem os arcanos espalhados sobre a mesa e disse:

– Não é nada disso. Nem fantasma, nem pecado e nem nada. A barriga está grande assim porque são dois, e não um.

Meses depois, numa noite quente de dezembro, Violeta Flores teve um pesadelo, no qual a mãe defunta andava pelos corredores da casa pedindo que alguém lhe desse a mão. Acordou mergulhada nuns suores viscosos, porque o sonho que tivera pareceu mais um aviso do que uma fantasia noturna. Levantou-se e foi para a janela tomar um ar, quando viu que a lua cheia era maior do que o céu, mas tão vermelha e tão vermelha, que parecia feita de sangue e não de prata. Violeta sentiu que o arrepio das desgraças corria-lhe pela pele e soube que o parto de Rosa Arcádia seria malogrado.

O dia ainda raiava quando o grito de Rosa cortou o ar da Praça das Amoreiras, feito uma faca de gume afiado. Todos despertaram. A essa altura, Bento Vendaval já andava desesperado pela casa, porque viu que a esposa se retorcia numas dores de morte e banhava-se num mar de suores frios. Violeta não precisou de um segundo para compreender que algo havia de errado. Mandou Gardênia ir buscar o médico, e sem demora.

Apolinário Flores era desde sempre muito sensível aos gritos noturnos, mas, nessa noite, Margarida trancou-o de ferrolho no quarto, porque a última coisa que precisavam era que ele tivesse um de seus ataques de melancolia.

Fazer nascer duas crianças de uma única barriga era tarefa difícil, mais ainda naquele dia que o sol tardava no céu, um amuleto de mau agouro, e o médico era temente dos mistérios de Deus.

– O Pai pegou no nosso pé – resmungou Margarida, debruçada na janela a contemplar o dia que não queria nascer. – Esse parto vai ser difícil.

– Puta merda! – berrou Gardênia. – Cala essa boca seu pássaro de sacristia. É nossa irmã que está lá dentro, vê se usa a sua reza agora que a hora é boa.

Margarida pôs-se a rezar umas aves sussurradas. Bento Vendaval era o único tranquilo na casa da Praça das Amoreiras, embora o sogro berrasse no quarto que, porra, o deixassem sair, porque, merda, queria ir pro laboratório, e que isso e que aquilo; mas ninguém deu-lhe atenção. Bento sentou-se na sala, pegou o jornal e ficou lendo sem ver, pensando em tudo, menos nas dores da pobre Rosa Arcádia. Quando viu que Violeta estava perto, perdeu de vez a pouca concentração e desistiu do jornal.

– Que cara de enterro é essa, cunhada? – perguntou ele, aproveitando para beber-lhe o rosto de querubim fantasiado.

Violeta olhou-o com seus grandes olhos de vidro azul, e respondeu:

– Rosa Arcádia vai morrer, eu sei.

Bento não pôde deixar de sentir uns laivos de alegria. Violeta percebeu:

– Deus nos perdoe pelo seu pensamento, cunhado. Esse nosso amor já nasceu morto. E você terá de cuidar dos seus filhos.

– Cuide deles comigo, pode ser que nasçam parecidos com você.

Violeta começou a chorar. Tirou do colete o baralho de ver o futuro e abriu-o sobre a mesa. Veio a carta da morte, e ela arrematou, triste:

– Não há jeito mesmo. Filha que faz mãe morrer no parto, morre de parto também. Bem que Macumba avisou.

Três horas mais tarde, nasceram as duas crianças. Rosa Arcádia, trespassada por dores de morte, aguentou o parto difícil com a mesma coragem que Rosa, a defunta, suportara os quatro que teve, mas partiu para o outro lado depois que o último dos rebentos abandonou o seu ventre. Nas portas do céu, encontrou ainda Macumba, que a esperava para um último adeus. Macumba beijou o rosto de anjo da rapariga que amara mais que a vida. Disse-lhe que vivesse bem os anos da eternidade, que haveriam ainda de topar-se em outras eras, mas não sabia quando. Rosa Arcádia indagou por que ele não adentrava com ela os portões, afinal ele era um defunto bem mais antigo. Macumba respondeu:

– Porque os mortos que se matam em vida não vão para o céu. Ficam vagando na terra até que purgam todo o seu erro.

Na casa da Praça das Amoreiras, foi um dia triste e feliz. Bento Vendaval não pôde e nem tentou chorar pela esposa morta. Despediu-se dela sem beijos nem nada, preocupado apenas em como, por Deus, haveria de criar aqueles dois bichinhos que tinham os mesmos olhos verdes que ardiam em seu rosto.

– São iguais. Como vou saber quem é um e quem é outro?

Violeta secou as lágrimas e fitou os sobrinhos. Eram gêmeos idênticos. Parecidos com Bento Vendaval tanto e tanto que nada tinham de mais ninguém, a não ser uns jeitos de fungar de cá e de lá que só podiam ter herdado de Apolinário.

O avô, liberto do quarto onde passara trancado todo o dia, sentenciou:

– Bom que Rosa Arcádia tenha ido, assim faz companhia para a mãe.

Margarida fez o sinal da cruz mas não rezou nada, porque sabia que o pai era louco e que Deus perdoava as asneiras daqueles que não tinham tino. Depois, Apolinário foi ver os netos, meio confuso. Esquecera-se por completo de que Rosa Arcádia, antes de morrer, estava grávida. No caminho, cruzou com Bento, e perguntou:

– Quem é esse, Gardênia?

– Papai, você ficou louco de vez. Esse é o marido de Rosa, Bento Vendaval.

– Tinha esquecido – respondeu Apolinário.

Quando o perfumista viu os dois netos, iguaizinhos, perguntou o que eram, se dois ou um dividido ao meio, se passarinhos de gaiola ou se cria dos gatos do corredor. Violeta respondeu que eram os filhos da finada Rosa Arcádia, a caçula, e que eram dois porque eram gêmeos e por isso também iguais.

Apolinário cheirou-os do avesso e do direito, e concluiu:

– Não têm cheiro de nada – e com isso, desinteressou-se dos netos de vez.

Naquele dia, o sol nasceu só depois das duas horas da tarde, sendo que o mundo inteiro ficou às escuras até esse horário. Com a luz, voltou a todos o tino de dar um jeito na vida, de velar e enterrar a pobre Rosa, e de dar nome para os gêmeos. Margarida sugeriu:

– O nome das crianças quem deve dar é Bento, porque ele é o pai.

Bento Vendaval absteve-se dizendo que nunca fora muito criativo. Escolher nomes era tarefa de mulheres. Violeta olhou os dois meninos, virou-os de lá e de cá, mediu-lhes a circunferência do crânio, o tamanho dos dedinhos indicadores, apertou-lhes o lóbulos das orelhas, desenhou as palminhas de suas mãos, e sentenciou:

– Esses dois têm uns ares angelicais, merecem nomes de anjo. – E arrematou: – Vão chamar-se Ariel e Emanuel.

– Mas quem será o Ariel e quem será o Emanuel? – indagou Gardênia, confusa. – E como vamos saber quem é um e quem é o outro?

Violeta resolveu a questão com duas fitas onde bordou os nomes que escolhera. Ao acaso, amarrou a fita verde, onde estava escrito Ariel, no pulso de um, e a vermelha, com o nome de Emanuel, no pulso do outro. Assim cada um dos gêmeos ganhou um nome. Anos mais tarde, souberam que Apolinário, por pura gazeta de velho louco, foi ao quarto dos gêmeos numa das madrugadas e trocou-lhes as fitinhas dos pulsos, de modo que Ariel passou a chamar-se Emanuel e vice-versa, mas nunca isso fez a menor diferença para ninguém.

O enterro de Rosa Arcádia foi triste. Clemência Lazares, gorda e decrépita, tocou órgão para despedir-se da melhor aluna de toda sua vida. As tias, irmãs de Apolinário, foram também, mas apenas para recriminá-lo por tantas desgraças seguidas e, mais ainda, pela sua loucura. Apolinário não fez caso, expulsou-as do enterro da filha com uma vassoura em riste e um facão de cortar carne que, ninguém tinha dúvida, ele não hesitaria em usar. Saiu berrando atrás das irmãs, correndo pela Praça das Amoreiras:

– Suas putas, venham cá, que lhes corto a língua! Onde já se viu pregar sermão em pai que perde filha! Venham cá, que isso não é coisa de louco não, é coisa de macho!

Nenhuma das filhas recriminou-o quando voltou para casa, suado mas satisfeito, porque lhe deram razão em sua ira. E assim Rosa Arcádia ganhou descanso na cova ao lado da mãe, enquanto Emanuel e Ariel choravam, clamando por um peito que já não existia mais.

Parte 4

A vida voltou ao normal na casa dos Flores, e os gêmeos acabaram acostumando-se com as mamadeiras de leite e gema que as tias se revezavam para lhes dar. Choravam pouco e cresciam rápido, com uns ares boreais que Violeta sabia não serem ares falsos, mas muito verdadeiros. O mais celeste dos dois era Emanuel. Certa noite, quando andava lá pelos dois meses de idade, o menino desatou numa choradeira sem fim que despertou no avô o desejo de empanturrar-se de samambaias, e ele comeu duas. Bento Vendaval, cansado de não dormir e de não conseguir nem chorar seu amor por Violeta, foi pedir ajuda às cunhadas.

– Deve ser um dente que está nascendo – arriscou Gardênia.

– É muito cedo – retorquiu Violeta.

No quarto, Violeta pegou Emanuel, roxo de tanto chorar, e examinou-o. O menino não tinha nenhum dente crescendo, mas tinha uma asa. Violeta assustou-se:

– Ele chora porque lhe cresce a asa.

– Asa? – perguntou Bento. – Desde quando crianças têm asas?

Violeta riu.

– Essa tem. Eu tinha dito que eram meio celestes.

Ficou então decidido que iriam cortar as asas do menino para que ele não se machucasse tentando voar, até mesmo porque, se era um anjo caído, melhor que ficasse aqui embaixo.

– O que os outros vão dizer? – perguntou Margarida. – O padre vai achar que isso é coisa do Demônio.

– Os outros não vão dizer nada, porque isso ficará entre nós – respondeu Gardênia. – Um homem só dá com a língua nos dentes por dois motivos: por fofoca ou por tesão. Fofoca nenhum de nós vai fazer; e tesão, tesão você não tem, e se tem, reza. Bento, coitado, não se presta mais pra esses luxos, e Violeta não faz nada. Sobro eu, que juro que não direi uma palavra disso a ninguém.

Violeta então cortou as penas recém-nascidas do sobrinho. Se fosse caso mesmo de Emanuel voar, quando ficasse maior deixariam de podar-lhe as benditas asas. Mas Bento Vendaval não esqueceu o caso, ainda na mesma noite bateu à porta de Violeta.

– Esse filho poderia ser meu e seu. Afinal, Violeta, é um anjo como você.

Violeta segurou o choro dentro dos olhos de vidro. Olhou Bento com um misto de paixão e raiva, e respondeu:

– Uma vez eu disse que cortaria meu pescoço se você tornasse a me procurar. Pois agora eu digo que o punhal continua na cristaleira e não tenho medo de me matar.

Depois, com medo de não resistir ao amor, deu com a porta na cara de Bento Vendaval. Mas ele não desistiu. Instigado pelas asas do filho e pelo carinho com que Violeta cuidava dos gêmeos, passou a persegui-la pela casa, louco por um amor que se derramava pelo chão. Escrevia poemas, cantarolava na janela, fazia isso e aquilo para estar ao seu lado. Quase nem ia mais ao armário, porque não queria se afastar da cunhada de seus amores. Andava perseguindo-a com os mesmos olhos verdes de outrora, cheios de riso e canto, e o mesmo charme que aposentara após o desatino de Macumba. Violeta viu-se num desespero sem fim. Não dormia mais, nem comia e, se usava a cabeça, era para pensar nele.

– Você devia era se casar, Violeta – sugeriu Gardênia. – Se você fosse como eu, então lhe aconselharia a procurar os amores sem amor, esses de poucas horas e uma cama, porque são os mais simples. Nessa cidade faltam os bons partidos, mas você poderia viajar e encontrar um. Com a sua beleza será coisa fácil.

Mas Violeta não queria partir. A mesma ânsia que a matava fazia-a viver e ela andava cheia de desespero, enlameada de pranto por um amor ao qual não conseguia renunciar, mas que tampouco podia aceitar.

– Pense bem – retrucou Gardênia. – Bento Vendaval serve pouco agora. O máximo que poderá fazer para aplacar-lhe o calor será uns abanos de leque, porque não funciona mais pra coisa nenhuma.

Mesmo assim Violeta não quis outro amor. Aguentou com garra todas as investidas de Bento Vendaval, rejeitando-o com classe, depois com ira; mais tarde, quando não mais pôde com nada, correu até a cristaleira tendo Bento em seu encalço, disposta a cortar a própria garganta e acabar de vez com seu suplício. Mas o punhal não estava mais lá.

– Sua boba – disse Bento. – Faz tempo que joguei fora o punhal. E além do mais, você não quer se matar.

– Quero sim, e se não me mato hoje, me mato amanhã.

Mas falou da boca para fora e desistiu de morrer. Naquela noite, Macumba chamou-a da claraboia e pediu que não cortasse a própria garganta, porque aquele não era o seu destino.

Foi na rua que Margarida ouviu o primeiro boato sobre os modos de Gardênia levar seus amores clandestinos. Ouviu que a irmã era de um fogo que não se apagava, que por uns poucos risos e nenhuma moeda, ia para a cama com qualquer macho que lhe aprouvesse. Entrou em casa com a fúria de um terremoto, berrando que não mais iria viver sob o mesmo teto que uma vagabunda, que deitava com todos os homens que lhe abanassem o rabo.

– Todos não – respondeu Gardênia, defendendo-se. – Apenas os que me agradam, na hora que me agrada e como eu quero.

Margarida teve um colapso que durou dois dias. Ficou sentada, com o terço em punho, sem comer e nem piscar, perdida nas trevas de sua raiva. Bento arriscou-se a dizer que ela herdara as loucuras do pai e que a preferia como antigamente, no tempo dos namoros, quando escrevia poesias e perfumava-se feito uma cortesã em dia de festa. Mas Margarida não enlouqueceu e nem fez nada, porque não tinha dinheiro para partir da Praça das Amoreiras. Depois, ficou decidido que Gardênia Esmeralda não seria expulsa da casa que também lhe pertencia.

Os gêmeos cresciam fortes, risonhos e satisfeitos da vida sem regras que levavam. As asas de Emanuel eram podadas a cada meio mês, e ele nunca conseguiu voar. Ariel era mais terreno e, em verdade, andava a cafungar todos os cantos, de modo que se descobriu que seria ele o futuro herdeiro do boticário do avô. Os dois eram iguais em tudo, desde os olhos de esmeralda até os cabelos negros de poucos cachos. Comiam no mesmo prato e dormiam juntos na mesma cama, acordavam-se ao mesmo tempo e tinham sono na mesma hora. Era como se um fosse a cópia do outro, e Bento punha-se louco, porque eles viviam a trocar as cordinhas dos pulsos e todos erravam seus nomes. Apenas Violeta sabia reconhecê-los bem, pois via em Ariel uma aura azul, e em Emanuel uma aura verde. Tinha com os sobrinhos um apego de mãe, e foi ela quem lhes ensinou as primeiras palavras. Bento Vendaval emocionava-se com isso, chorando as madrugadas inteiras pelo amor da cunhada que dormia no quarto ao lado, mas que se não lhe abria a porta nem do coração, quanto mais a da alcova.

Por esses tempos, Apolinário Flores andava meio catatônico, sem falar e nem ouvir ninguém. Sumia por dias, até que Margarida achava-o metido dentro da despensa das farinhas, ou embaixo da cama do defunto Macumba. Apolinário ia ao laboratório apenas para tentar reinventar o cheiro de Rosa, a esposa morta havia dezoito anos. Mas não conseguia mais nem fazer uma água de colônia. Numa tarde em que tentava arrancar um dos canários pelas grades da gaiola, chegou um carteiro trazendo um telegrama urgente da Capital. Foi Gardênia quem o recebeu. Depois de lê-lo mais de cinco vezes, reuniu a família na sala de jantar, e anunciou:

– Estamos na maior lama. A empresa do pai faliu.

O telegrama, que foi seguido de uma carta a punho do tio Jeremias, dizia que o boticário falira com muitas dívidas, e que as lojas da Capital haviam sido penhoradas para as despesas, de modo que eles agora tinham apenas a casa da Praça das Amoreiras e nada mais. Mas a carta de Jeremias era mais esclarecedora. Dizia que havia muito o pobre tio vivia apenas para o trabalho, sem nunca amar e nem se divertir, de modo que ele pegara o que havia sobrado nos cofres da empresa e partira para a Jamaica, para tentar ter uns restos de dias felizes. Dizia também que Apolinário havia perdido o olfato juntamente com a lucidez, por isso ninguém mais queria comprar os aromas dele. O tio terminava contando que na Jamaica tudo era festa, que todos se cuidassem bem, mas que fossem à puta que os pariu, porque ele não estava nem aí e não ia devolver uma moeda das que tinha roubado e ponto final.

Violeta nem se incomodou:

– Ainda temos o armarinho de Bento, podemos trabalhar todos lá.

Bento Vendaval começou a rir. Fazia tempo que o armarinho não dava nem para pagar a comida do mês, porque ele não era inclinado aos negócios. Além do mais, o tio Aristênio Anfiouto morrera havia muito, e ele não tinha mais fornecedor que o atendesse.

– Por quê? – indagou Gardênia.

– Porque eu não tenho dinheiro para custear o pedido.

Violeta lembrou-se dos muitos salários que Macumba deixara enrolados num pano de cozinha. Eram para os gêmeos, mas, de qualquer modo, botar o armarinho em funcionamento também era para o bem deles. E, depois que tudo se houvesse resolvido, devolveriam tudo para os meninos. Violeta buscou o dinheiro e esparramou as notas pela mesa.

– Você acha que isso é suficiente para começar?

Bento olhou-a com uma seriedade que descobrira ali, em parte porque estavam na miséria, e em parte porque não queria decepcionar sua amada.

– Para começar dá.

Gardênia ofereceu-se para ajudar nas despesas cobrando de seus amigos eventuais umas poucas prendas por seus agrados; afinal, fazia aquilo com tanto gosto que eles não iriam se incomodar em pagá-la. Violeta aceitou; também ela dispôs-se a ler o futuro para quem quisesse e mandou pendurar na frente de casa uma grande placa anunciando seus dons. Margarida, como não era boa nem de cama e nem de adivinhação, escolheu ajudar Bento Vendaval no armarinho. Assim, dividiram-se em turnos para trabalhar, descansar e atender Apolinário e os gêmeos. Com a necessidade, Bento Vendaval descobriu em si um talento latente para os negócios e, com as rezas de Margarida, o empório prosperou. Por esse tempo, Violeta ia no auge de seus poderes premonitórios, lendo as cartas para quem lhe aparecesse com umas moedas, e muitos apareciam. Nessas sessões clarividentes, Macumba ficava assoprando da claraboia as respostas certas naquilo que Violeta tinha alguma dúvida. Assim ela descobriu que a mulher do prefeito teria uma filha, e que iriam achar que fosse muda, mas que mais tarde descobririam que sabia falar, só que num dialeto incompreensível que era a língua que se falara no Egito dos faraós. Contou ao irmão do padre que este tinha uns casos espaçados com a cunhada, mas uns casos rápidos e guiados pela

necessidade da carne, e que a esposa aceitava-o apenas por ser muito temente a Deus. Violeta viu também uma menina de cabelos muito brancos e risos de porcelana andando pelos corredores a brincar com os gatos. Foi logo avisando Gardênia:

– Se cuide, irmã, porque vi uma filha sua puxando o rabo de um dos gatos.

Foi assim também que Violeta soube que não poderia escapar do destino, e que o destino dela era Bento Vendaval. Porque sonhara uma noite que dormia abraçada ao cunhado e que estava muito feliz, dividindo com ele a cama, os dois nus e risonhos. Acordou-se nuns suores de inferno, mas o sonho não passou. Ao contrário, continuou desenvolvendo-se à sua frente, ainda mais real do que antes, e Violeta percebeu então que não sonhara, mas que vira, isso sim, um arremedo de futuro que se metera entre as fibras de seu sono.

Mas isso seria ainda muito depois, de forma que aqueles foram uns tempos de trabalho árduo, e Bento voltava para casa tão cansado da labuta que dormia antes de derramar uma lágrima por Violeta. Envolvidos com os novos afazeres, esqueceram-se de cortar as asinhas de Emanuel, e por isso uma noite acordaram com um estrondo de vidro quebrado. Era ele que atravessara uma claraboia na tentativa de voar sobre o telhado da casa. Caiu na porta do quarto de Gardênia que, no momento, recebia uma visita noturna e estava por demais atarefada, mas o alarido cortou-lhe o trabalho ao meio, de modo que saiu pelada pelo corredor para ver o que se sucedia. Deu de cara com o sobrinho de quatro anos espatifado no chão e com as asas ainda batendo, porque queria fugir da surra que o esperava. Gardênia chegou na hora certa; logo Apolinário surgiu no corredor empunhando uma tesoura de podar e berrando:

– Deixa comigo esse canário de merda, que lhe corto a asa e não foge nunca mais da gaiola.

Gardênia trancou o quarto a ferrolho para que o cliente não visse que tinham um anjo na família, e depois deu umas sovas bem divididas entre Apolinário e Emanuel. Desse tombo, o menino guardou uma fratura que o obrigou a mancar da perna direita pelo resto da vida, o que só fez acentuar-lhe os ares de anjo caído.

Dois meses depois, Gardênia anunciou que estava grávida.

– Um filho sem pai, Deus nos acuda – reclamou Margarida.

– Pai ele tem sim, eu é que não sei quem é – respondeu Gardênia, sem fazer caso.

E meteu-se nos prazeres da gravidez com afinco, sentindo que o corpo mudava, que os apetites aumentavam e que isso e que aquilo. Gostou tanto que anunciou:

– A única coisa melhor que trepar é estar grávida.

– Sendo que uma coisa leva à outra – retrucou Violeta – então você é uma mulher de sorte.

Ariel começou a frequentar o laboratório junto com o avô. Em verdade, o menino foi o único que conseguiu meter-se entre as brumas da loucura de Apolinário e com ele travava conversas de longas horas. Os dois descobriram-se grandes amigos. Apolinário encontrou no neto o olfato que lhe faltava e meteram-se a elaborar perfumes para um boticário que nem existia mais. Ariel era doce e manso como Rosa Arcádia, mas tinha nos olhos a vivacidade do pai e a beleza dele também. Não tinha asas como o irmão gêmeo, mas enxergava os defuntos com muito mais clareza do que Violeta, de modo que passou a

ser o elo de Rosa com Apolinário. Rosa, a defunta, que sempre fora um fantasma arredio e que só uma vez falara com Violeta, encantou-se com o neto meio-anjo, e seguia seus passos feito uma sombra celestial. Apolinário distinguia um neto de outro, pois sabia que Emanuel mancava de uma perna por ter fugido da gaiola. Nesses tempos, Apolinário amansou-se e deixou de comer as folhagens e de esganar os gatos nas esquinas da casa. Mas, se tinha um ataque de melancolia, era Ariel quem o acalmava.

Emanuel tinha uma ânsia por voar. Gostava era dos pássaros e vivia abrindo todas as gaiolas, pois descobriu onde Violeta guardava a chave dos cadeados. Uma tarde, perguntou-lhe:

– Por que você e o pai não se casam?

Violeta enrubesceu até a alma. Disse que estava enganado, que se casavam os que tinham amor, e que ela e o cunhado não se amavam.

– Amam-se sim, porque vocês têm a mesma cor.

E foi assim que Violeta descobriu que Emanuel podia ver a aura das pessoas. Quando chegava algum cliente eventual de Gardênia, antes que a gravidez adiantada a colocasse de férias, Emanuel passava a dizer-lhe: esse presta, esse não presta, esse sofre de cólicas noturnas, esse lhe ama com loucura, esse roubou dinheiro de um banco. Gardênia acatava seus avisos ao pé da letra e por isso livrou-os todos da morte, porque certa vez chegou em casa de braço dado com um forasteiro, e Emanuel sentenciou:

– Tem a cor da morte esse aí. Mande-o embora.

Ela nem pestanejou. Desculpou-se dizendo que tinha tido um mal-estar de grávida, que voltasse uma hora depois. O homem saiu da casa e teve um ataque de loucura bem no meio da praça, matando um carroceiro que passava por ali com um único golpe de machado.

– Eu avisei – disse Emanuel. – Ele tinha aura de assassino.

E ninguém nunca mais duvidou de seus poderes.

Na noite do dia 3 de maio de 1927, nasceu Afrodite Flores, filha natural de Gardênia Esmeralda Flores. Veio ela com uns ares de estátua de cera e com umas melenas muito brancas de neve. Nem parecia filha daquela mulher de cabelos de incêndio e ardores de incêndio também. Quando Gardênia viu a menina, declarou:

– É filha de um marinheiro que passou por aqui com esses mesmos cabelos de prata e esse mesmo nariz arrebitado de quem acha que é príncipe.

E meteu-se a despi-la para que acostumassem a aceitar-se sem vergonhas, porque não queria criar mulher infeliz.

– Para essa aí, trepar não vai ser pecado.

Violeta tratou de acalmar-lhe os instintos. Afrodite devia crescer como qualquer outra criança, pois ter uma infância comum não fazia mal a ninguém.

Por esse tempo, as finanças da casa já andavam sanadas, e Bento Vendaval tratou de resolver seus amores inacabados. Não mais podia viver sem Violeta, ainda mais vendo-a todo dia com seus ares de querubim e seus olhos de vidro. Numa noite de lua cheia, quando o ar era tão doce que cheirava a lírios, invadiu seu quarto sem senão e nem porquê, com uma doçura nos olhos de mar caribenho e um amor tão grande em todo ele que Violeta não teve a coragem de mandá-lo embora dessa vez.

– Vim pedir você em casamento, embora com um atraso de quase sete anos – disse ele, com um botão de rosa branca na mão e usando o pijama das núpcias.

Violeta Maria Flores não se deu ao trabalho de vestir algo além da camisola fina que usava – era já tão unida ao cunhado que nem se incomodava mais com isso. Ficou sentada na cama olhando-o, os longos cabelos lilases cintilando à luz da lua que entrava pela sacada aberta, sem dizer nada. Depois do que pareceu a Bento uma eternidade de olhares de vidro, ela respondeu:

– Há sete anos atrás, Bento, antes que casássemos, eu cortaria meu pescoço.

– Por quê? – indagou ele, confuso.

– Para não lhe dar o prazer de matar-me de desgosto.

Ele riu, recordando-se dos tempos em que era um garanhão sempre no cio, e respondeu:

– Mas antes eu tinha mais para dar.

Violeta levantou-se da cama, foi até ele e tomou-o pela mão com o mesmo carinho que usava com os sobrinhos, e muito baixinho respondeu:

– Engana-se. Hoje você me vem completo, isso sim.

Depois beijou-o na boca, enquanto rememorava o único beijo que haviam trocado, havia exatos três mil seiscentos e vinte e sete dias, quando Bento Vendaval interpelou-a na sala da casa, na tarde em que viera vê-la.

Não foi preciso que se dissesse mais nada, e o dia colheu-os ali, ainda cheirando aos lírios da noite, felizes e tão completos de seus amores de alma, que pareciam mais jovens do que no dia em que se conheceram, por causa de dois carretéis de linha. Bento Vendaval escolheu as palavras de modo muito cuidadoso para contar a Violeta o que lhe havia sucedido. Foi falando dali, acarinhando daqui, e isso e mais aquilo. Quando chegou na malfazeja noite de seus azares, Violeta silenciou-o:

– Eu sempre soube da sua desgraça, Bento. Mas fique sossegado, porque nunca lhe quis por isso.

Bento Vendaval amou-a naquele instante com mais ardor do que imaginara sentir, agradando-a como pôde e com talento, de modo que foram tantos beijos e façanhas que Violeta saciou-se inteira, porque o que faltava em carne, ele completava em imaginação.

Quando o dia amanheceu, Bento disse:

– Tenho uma coisa para você – e entregou o punhal de prata que ela havia escondido na cristaleira para o dia em que quisesse cortar o pescoço. – Agora posso devolvê-lo.

Violeta sorriu. Pegou o punhal, convidou Bento, e juntos foram ao jardim da fonte, que continuava o mesmo de outros tempos; lá enterraram até o cabo o objeto de seus azares. O punhal de prata ficou esquecido no jardim por mais de quinze anos, quando então Afrodite haveria de encontrá-lo e, num

arremedo de amores desesperados, cortaria a própria garganta com as mesmas ânsias que a tia ameaçara nos seus tempos de rapariga. Mas Violeta estava ela tão feliz, saciada de tanto amor, que naquela manhã ensolarada fez pouco do arrepio que correu sua carne; e foi-se embora com Bento para seguir o dia, deixando o mau agouro para mais tarde, mas tão tarde que quando o recordou já não adiantava de nada.

Emanuel caiu de encantos pela prima quando ela era ainda um bebê de colo. Foi por ela que esqueceu os passarinhos das gaiolas, e Violeta pôde deixar as chaves largadas na cristaleira sem que o sobrinho os soltasse todos. Foi por Afrodite que Emanuel deixou de querer voar, pois decidiu esperá-la crescer para que então pudessem passear juntos pelos céus. Ele tinha seis anos de diferença da menina, idade suficiente para que a ninasse e lhe desse de comer. Fazia isso com carinho e zelo; emocionada com as atenções do sobrinho, Gardênia passou a deixar-lhe a filha enquanto trabalhava. Assim, Afrodite cresceu cuidada pelo primo, que lhe dava o banho e a sopa das onze horas e trocava as suas fraldas. Na época de aprender a usar o banheiro, ensinou-a com uma paciência que só os anjos como ele haveriam de ter. Mais tarde, quando a menina ficou maiorzinha, os dois tomavam juntos o banho, com a desculpa de aproveitar a água da banheira.

Por esses tempos, Violeta e Bento Vendaval já haviam aceitado seus amores e dividiam o mesmo quarto. Margarida escandalizara-se ao saber que a irmã se amasiara com o cunhado e que, ainda por cima, não iriam casar na igreja.

– Já hão de falar mal pelo parentesco, pior se vocês não aceitarem a bênção da Santa Igreja.

Gardênia riu.

– A Igreja me parece uma boa porcaria.

Margarida tratou de rezar uma novena pelas almas da família, que andavam perdidas em pecado e fornicção. Por isso, não podia entender por que Deus lhes mandara Emanuel. Afinal, o que fazia um anjo no meio daquela loucura de ateus e prostitutas e loucos de melancolia, como Apolinário? Mas Margarida não ousou contar ao padre sobre as asas do sobrinho, pois Gardênia disse que o clero haveria de confiscar o menino para enfeitar o Vaticano. Calou-se, porque mais nada tinha a fazer, mas quanto mais rezava, mais parecia enlouquecer o mundo, de modo que Margarida andava numa roda-viva de rezas e pavores que não tinha nem começo e nem fim.

Ariel vivia de cochichos com as almas da avó e de Macumba. Foi o negro que indicou onde estavam escondidas as fórmulas do avô, pois Apolinário as guardara com tanto afinco que nem se recordava mais. Foi Macumba que, do além, instruiu-o a olhar nas claraboias os segredos do futuro. Lá Ariel viu a tia Margarida correndo nua pela Praça das Amoreiras, dando umas risadas tão felizes que mais pareciam as alegrias de Gardênia. Enquanto isso, Apolinário Flores andava decrépito e acabado, magro feito uma vela de novena e com os cabelos ralos e brancos. Apenas os grandes olhos de vidro ainda mantinham a luz azulada de outrora, mas agora viam só o que queriam e quando bem queriam.

Ninguém sabia ao certo a idade de Apolinário, mas Violeta procurou daqui e dali e chegou à conclusão que o pai andava com uns sessenta anos, mas que pareciam quase cem. A todas essas, Apolinário berrava:

– É a porra do amor que me envelheceu.

Quando Afrodite completou um ano de idade, já andava correndo pela casa, bem filha de Gardênia que era. E foi numa dessas andanças que encontrou o avô tentando caçar um gato. Encantou-se, não com o avô, que lhe pareceu louco e sujo, mas com as manias que o velho tinha de fazer coisas que mais ninguém fazia, e achou-o divertido. Onde ia Apolinário, Ariel ia atrás; então, quando Afrodite passou a seguir as loucuras do avô, Emanuel imitou-a. Assim, seguiam os quatro, um atrás do outro, correndo feito baratas pela casa. Apolinário puxava aquele cordão de netos sem ter muita consciência que o acompanhavam por gosto:

– Esses pirralhos estão sempre onde eu estou – reclamava ele, enquanto perseguia os gatos pelos corredores.

Apolinário continuava suas andanças e, quando se metia no laboratório, metiam-se os três atrás dele. Certa tarde, o avô teve um de seus ataques de melancolia, mas tão forte, que Ariel não pôde com ele. Apolinário atacou-se a comer o canteiro de jasmims, e Afrodite, curiosa, imitou-o até se fartar. Quando Gardênia chegou em casa, encontrou Emanuel segurando a testa da filha que vomitava um líquido viscoso e perfumado. O menino tratou de explicar à tia que Afrodite empanturrara-se do jardim, e Gardênia proferiu:

– Era o que me faltava, ter parido uma louca de amor.

Margarida continuava achando que o melhor lugar para um anjo era mesmo a igreja. Por isso, vestiu Emanuel com a melhor roupa, penteou-o e perfumou suas orelhas com água-de-colônia.

– Pra onde vamos, tia? – perguntou o menino.

– Vamos conhecer Deus – respondeu ela, exultante.

E foi para a igreja com o sobrinho pelo braço, sem se importar com a cara de deboche do cunhado, que achava que ela era meio louca de tanto rezar o terço. Emanuel achou tudo muito bonito, gostou do cheiro de incenso, dos vitrais coloridos por onde entrava a claridade fantasiada de cores. Achou o teto alto, o padre feio, e nada mais. Margarida decepcionou-se: imaginara que o menino cairia de joelhos ante a imagem do Cristo, que haveria de bater as asinhas de tanto contentamento. Pegou o sobrinho pela mão e indagou-lhe por que não chorava nem fazia um milagre, nem nada. Emanuel teve pena da tia e respondeu:

– Não se iluda, tia Margarida, Deus não mora aqui. No máximo, vem de visita.

– E mora onde, meu filho? – perguntou ela, ansiosa.

Emanuel que, apesar de anjo nunca tinha visto Deus, confundiu-o com o fantasma do pobre Macumba, que vira tantas vezes de conversas com Ariel, e respondeu:

– Mora na claraboia lá de casa. E é preto.

Margarida deu graças pelo padre não estar por ali e saiu de igreja com o menino arrastado pela rua, enquanto rezava mil pais-nossos pela blasfêmia do sobrinho. Mas, impressionada pelas asas que lhe cresciam sempre e sempre, ficou três dias vigiando a claraboia. Não viu Deus, nem preto e nem branco, e caiu numa depressão furiosa, da qual ninguém conseguiu arrancá-la. Passou um mês a pão e água, dizendo que só largaria do jejum se o próprio Cristo viesse ter com ela, e Ele, ocupado com o resto inteiro da humanidade, não veio. Margarida decepcionou-se brutalmente. Trancada no quarto, pegou um bloco de papel e começou a escrever uma poesia com a mesma faina desesperada com que escrevera na adolescência que lhe parecia tão distante, embora tivesse apenas vinte e nove anos. Mas a tristeza e o luto haviam-na envelhecido com suas garras frias, e era magra e pálida, desesperada porque Deus não lhe aparecia e, o pior, era preto. Escreveu e escreveu um poema que, acabado, tinha cento e oito páginas cheias de uma letra dura e triste. Quando terminou de rimar suas dores, ouviu soar a campainha da porta. Margarida foi ver quem era, porque teve medo que fosse Deus que lhe viesse feito um pedinte; no caminho não viu ninguém: Gardênia andava pela rua, Violeta e Bento estavam na loja e os sobrinhos haviam-se trancado no laboratório junto com o avô. Na porta, um homem alto de melancólicos olhos azuis sorriu encabulado e perguntou por Gardênia.

– Ela não está – retrucou Margarida, secamente. Mas ficou olhando o rosto doce do homem e suas mãos delicadas e suaves.

Ele insistiu:

– Sou um cliente. Sabe como é. Estou de passagem.

Margarida, confusa pelos muitos dias que passara a pão e água, viu os olhos profundos do estranho, seus ares suaves, e achou-o semelhante a Jesus. Então veio-lhe um torpor pelo corpo que foi ganhando espaço até que se abriu um sorriso no rosto gretado pelo marasma de tantos anos. E ela disse:

– Gardênia não está, mas entre. Eu mesma lhe atendo.

Levou o homem para o quarto e, sem nem lhe indagar o nome, despiu-se e despiu-o com uma ânsia acumulada à faca em suas entranhas. Fez com ele o que sempre sonhara fazer com Bento ou com qualquer outro que lhe tivesse pedido um pouco de amor. Foi uma hora inteira de loucos gozos e gritos que se perderam pelos corredores vazios, e Margarida virou-se do avesso e revirou-se outra vez em tantos suores esgotados e felizes que, no meio de tudo, quando abriu os olhos, deparou-se com o fantasma de Macumba olhando-a do alto da claraboia. Não o reconheceu, porque estava com os olhos e a mente embaçados pelo prazer, mas achou que tamanha graça e tanta paz em sua carne satisfeita só poderiam ter vindo mesmo de Deus. Quando o homem acabou, despediu-se dele com um beijo e meteu-lhe no bolso do paletó a poesia de cento e oito páginas para que ele nunca mais a esquecesse. Na porta, o homem sussurrou:

– Não hei nunca de esquecê-la. Essa foi a melhor trepada da minha vida.

Mal ele dobrou a esquina, Margarida sentiu que encontrara enfim a felicidade. Deu umas voltas pela casa, mas não encontrou ninguém; então resolveu partir sem despedidas.

Quando Bento e os outros retornaram, não acharam Margarida em lugar algum, mas repararam o quarto descomposto e pesado dos cheiros do amor. Chamaram Apolinário e as crianças, mas nenhum deles sabia do paradeiro da tia. No entanto, Violeta não pôde deixar de perceber a agonia de Emanuel, que se remexia de um lado para outro. Com a doçura que lhe era peculiar, Violeta perguntou se ele não sabia de nada, nadinha que pudesse explicar o desaparecimento da tia Margarida. Emanuel corou até a alma e disse que sim, que sabia de algo, mas que temia contar tudo e receber um castigo, porque tinha desobedecido as ordens do pai. Bento Vendaval acalmou-o, prometeu que perdoaria sua falta, fosse qual fosse, se Emanuel contasse o que sabia. O menino concordou. Voara pela rua, bem pouquinho, e já no escuro para que os vizinhos não o pegassem em pleno voo, por isso vira a tia.

– Eu vi a titia correndo ladeira acima, pelada como veio ao mundo e rindo de tão feliz, enquanto gritava que sim, que Deus tinha vindo estar com ela, que o tinha visto na claraboia do quarto e que ele era preto, retinto de preto que nem um carvão...

Foi assim que Margarida desapareceu da casa da Praça das Amoreiras, e desapareceu da cidade e do mundo. Por muito tempo não tiveram uma notícia dela que fosse, mas souberam que partira feliz. Muitos anos mais tarde, um vendedor ambulante que vinha de lá do outro lado do mar, contou que passara por uma cidade onde vivia uma Margarida que tinha três esposos e que já procurava um quarto, porque os três não lhe satisfaziam. Violeta perguntou ao homem se a mulher era católica e ele disse que não sabia; se tinha grandes olhos de avelã e ele disse que os pintava tanto que nunca lhes adivinhara a cor. Violeta ficou em dúvida se a tal esposa de três era Margarida, mas abriu as cartas de ver o futuro e encontrou-a ali, cercada pelo trio de homens e muito risonha, como não lembrava tê-la visto antes. Assim soube que apesar de partir sem um adeus, a irmã era feliz.

Apolinário nunca chegou a notar o sumiço da filha. Quando viu as fotografias onde Margarida aparecia, resmungou:

– O que a minha mãe faz aqui? A droga do tempo se misturou inteirinho!

Violeta achou melhor nem tentar explicar-lhe o engano.

Afrodite era uma rapariga loira de suaves olhos castanhos e uma boca de coração que vivia a sorrir. Mas, por trás de sua aparência doce de boneca de porcelana, tinha as vontades de um moleque e não parava quieta um minuto que fosse na louca ânsia de mexer em tudo e de imitar as manias do avô, a quem ela nunca considerou mais do que um boneco gasto e animado. Emanuel vivia em seu encaço, deixando de lado seu espírito de anjo pacato para imitá-la nos menores detalhes, ambicionando o amor da menina com umas loucuras quase nada angelicais.

Quando Emanuel tinha dez anos e ela tinha quatro, o rapazinho já ficava a examiná-la por cima e por baixo, disposto a descobrir todos os segredos daquela mulher ainda escondida, e as horas na banheira alongavam-se cada vez mais.

– O que é isso, Afrodite? – disse Emanuel certa vez.

– Também não sei – respondeu a menina. – Mas hoje pergunto para minha mãe.

Gardênia explodiu numa gargalhada ao ver as dúvidas da filha, mas tratou de explicar em seu bom palavreado que aquilo era a diferença entre os meninos e as meninas, que tinham dois troços que se encaixavam e se entendiam, mas era uma história para bem mais tarde. Por enquanto, devia usar seu segredo apenas para fazer xixi. Afrodite obedeceu. No banho seguinte, quando o primo indagou o que era afinal aquilo, ela respondeu:

– Vai cuidar do seu que eu cuido do meu, e feche esse olho.

Emanuel não tocou mais no assunto, mas daquele dia em diante criou-se uma barreira entre os dois; continuaram tomando banho juntos, só que num jogo de esconder e revelar, de longos olhares de canto de olho e de risos camuflados. Ariel quis participar das brincadeiras, mas o irmão rechaçou-o:

– Nessa banheira só cabem dois.

Ariel teve de se contentar em tomar banho com Apolinário, cuidando para que ele não escorregasse no sabonete e nem bebesse água com sabão só para falar em bolhas. Mas Afrodite teve pena do primo e passou a banhar-se com ele às escondidas de Emanuel, pela manhã. Depois, no fim da tarde, voltava para a banheira, mas desta vez com Emanuel. Ele lhe estranhava o eterno perfume, porque parecia que Afrodite estava sempre limpa e cheirosa, que vivia tomando banho, e isso apenas enfogueirou ainda mais os seus amores.

Um dia, Violeta abriu os olhos de vidro e viu que os gêmeos já tinham dez anos. Chamou Bento Vendaval e disse:

– Nos metemos tanto dentro de nós mesmos que esses meninos cresceram e não foram à escola.

Bento deu de ombros:

– Isso não tem muita importância, meu bem. A única lição que aprendi com um professor não estava na cartilha.

Mas Violeta insistiu e contratou uma professorinha da cidade para ensinar os dois meninos a desvendarem os segredos da cultura. Adelaide, a tal professora, perguntou o que eles sabiam e o que deixavam de saber, e Ariel respondeu:

– Ler e escrever e fazer contas de mais e de menos o avô me ensinou. Química eu aprendi sozinho nos livros da biblioteca, mas o resto não sei.

Adelaide Alaídes encantou-se com o menino. Reparou seus ares de garanhão novo, os grandes olhos verdes e o cabelo negro e lustroso, mas viu nele também uma doçura e uma calma que lhe davam gosto pela vida. Um pouco mais tarde, atrasado e ainda molhado do banho, chegou Emanuel, o anjo. Adelaide tornou a encantar-se, porque um era a réplica exata do outro. Mas, vendo o volume sob a camisa de Emanuel, perguntou:

– O que você tem aí, rapazinho?

– Minhas asas – respondeu ele, simplesmente.

Adelaide fez o sinal da cruz, mas o garoto tratou de explicar que era um anjo de pouca valia, quase

nem era anjo, e que ela não se importasse, porque apesar de tudo, ele não sabia fazer contas de multiplicar. Adelaide Alaídes aceitou o aluno divino sem contar nada a ninguém. Apenas uma vez, quando o noivo a abandonou um mês antes do casamento e ela virou uma garrafa de pinga inteira sozinha, foi que bradou aos sete ventos que tinha um aluno que era anjo e que iria falar com ele para que Deus, em pessoa, mandasse um raio no corno do noivo fujão. Mas ninguém a levou a sério, pois não sabiam se o que dizia era fruto do excesso de rancor ou do excesso de cachaça. Assim, o segredo de Emanuel continuou bem guardado.

Quando começaram as primeiras aulas, Apolinário apareceu na sala e, espiando daqui e dali, acabou arrastando uma cadeira para perto da mesa.

– A merda de viver é que a gente vai esquecendo o que já viveu – disse ele. – Professora, a senhora pode me refrescar a memória dizendo por que Galileu Galilei construiu aquela tal arca?

Adelaide teve pena do velho e aceitou-o nas aulas. Com o tempo, Afrodite juntou-se a eles, pois com os três estudando, nada lhe restava além de fazer o mesmo. Ficavam todos na sala por quatro tardes na semana, quando Adelaide Alaídes ensinava-lhes a física e a história, os países do mundo e suas guerras, e as eternas contas de multiplicar que Emanuel nunca conseguia entender.

– Os anjos não foram feitos pra estudar matemática – concluiu certa vez Adelaide, para acalmar Emanuel.

Adelaide Alaídes era uma órfã de vinte e sete anos, criada no Orfanato da Caridade Divina apenas porque, além de ter boa boca para engolir a horrível comida das freiras, tinha boa vontade para vencer na vida. Da mãe, ficara-lhe apenas uma fotografia sem rosto, e do pai nunca ouvira uma palavra. Aos dezoito anos, quando arranjou o primeiro aluno particular e pôde alugar uma peça de fundos para viver, conheceu Arnaldo Máximo, um carteiro magrelo e sorridente, que ficou noivo dela apenas porque Adelaide sabia fazer o melhor arroz com linguiça que ele havia provado em toda sua vida. Foi um noivado de muitos jantares, mas de pouco amor, pois Arnaldo Máximo tinha tantas namoradas em seus postos de entrega que chegava na casa da noiva com a barriga roncando, mas imprestável para qualquer outro brinquete que não o dos talheres.

Adelaide nunca faltava às aulas da Praça das Amoreiras e, com o tempo, descobriu que esperava ansiosa os dias de ensinar Ariel. Mal via o menino entrar, com seu riso de querubim e seus vidrinhos de água-de-cheiro, o sangue corria-lhe mais rápido dentro das veias. Adelaide descobriu que o amava quase tanto quanto amava Arnaldo Máximo, o noivo carteiro.

Violeta Maria nem precisou abrir as cartas de ver o futuro para descobrir o que andava se passando, porque Bento Vendaval a avisou:

– Essa professora enrabichou-se por algum dos gêmeos, mas não sei qual é.

Violeta preocupou-se, mas Gardênia, recostada no sofá e com os longos cabelos de incêndio ardendo soltos, retrucou:

– Então deixe-a lá, porque esses meninos precisam aprender mais do que biologia.

Bento deu razão à cunhada. Assim Adelaide Alaídes continuou a lecionar na casa, suspirando de

amores por um rapaz de onze anos que, por sua vez, suspirava de amores por uma prima de cinco, que tratava de idolatrar seu outro primo. E um seguia o outro e todos iam para cima e para baixo, bolinando os gatos persas e os siameses, soltando os passarinhos quando tinha sol, correndo atrás de Apolinário ou fugindo dele quando vinham seus ataques de ira, chamando o fantasma de Macumba e vivendo uma vida sem regras nem pudores.

Quando Afrodite completou seis anos, Gardênia anunciou solenemente que estava grávida outra vez.

– Mas quem é que lhe dá esses filhos, tia? – perguntou Ariel, confuso.

Bento largou suas anotações e respondeu, de bom humor:

– Não se preocupe com isso, meu filho. Nem ela sabe a resposta.

Gardênia meteu-se outra vez nas alegrias da maternidade. Decretou férias de seus amores de aluguel e foi preparar o enxoval do novo filho. Certa tarde, Violeta viu-a tricotando um vestidinho e disse:

– Não perca tempo com isso, irmã. Essa criança aí é um menino.

– Tem certeza, Violeta?

– Tenho sim. Macumba foi quem me contou.

Então, Gardênia Esmeralda tratou de se preparar para a chegada do menino que Violeta vira. Afrodite ajudou-a de bom grado, feliz com a nova presença luminosa da mãe pelos corredores da casa. Foi ela quem pintou o bercinho que lhe serviria de cama e fê-lo com talento e graça, porque não conhecia os ciúmes. Emanuel meteu-se a ajudá-la. Fazia de um tudo para estar perto da menina, que por esses tempos ia mais bela do que nunca. Afrodite herdara da mãe os longos olhares de fêmea, mas tinha em si uma suavidade que não era de Gardênia, mas do pai de muitos portos. Tinha uns modos de quem já tinha visto de tudo e contava para os primos umas histórias de muito longe, de deuses que conheciam e dominavam o raio e o trovão e de homens guerreiros que morriam queimados com os próprios navios.

– São os vikings – explicou Ariel. – Mas como Afrodite pode saber disso?

Gardênia largou o tricô e respondeu para o sobrinho:

– Deve ter-lhe vindo no sangue, porque o pai era bisneto de guerreiros.

Bento Vendaval sorriu.

– Mas como, cunhada, você sabe tanto de um homem com quem esteve por uma única noite?

Gardênia deu uma gargalhada e retrucou com os olhos ardentes:

– Ora, caro Bento, parece que você esqueceu dos seus bons tempos de alcova. Numa boa trepada, um homem deixa mais que o suor nos lençóis, deixa a alma.

E o pai de Afrodite, ela tinha certeza, nunca se deitara com mulher melhor do que ela. Prova daquilo era a filha linda que lhe havia feito.

Bento teve de dar-lhe razão.

Emanuel acordou-se no meio de uma madrugada de calor em que o ar cheirava a lavanda. Suava em bicas e o lençol estava ensopado, mas ainda tinha na boca o gosto doce de Afrodite. Viu que o corpo lhe desobedecia e estranhou, porque nunca antes havia tido uma ereção. O pai explicou que nem os anjos escapavam daquelas fogosas madrugadas, quando todos os rapazes acordavam nadando num charco de amores solitários e desesperados. Disse que era hora de conhecer as mulheres e que suas lindas asas de anjo fariam apenas deixá-lo mais atraente, porque não havia mulher no mundo que não quisesse se deitar com um auxiliar celestial.

– Não se preocupe, Emanuel, que eu lhe levo no lugar de se esgotar os amores.

O rapaz encolheu-se na cama:

– Mas não quero ir, pai.

– Por quê? – indagou Bento.

– Porque meu amor está dentro dessa casa, e é ela, e só ela, que me faz ficar assim.

Bento Vendaval não compreendeu o que dizia o filho. Sentou-se ao lado dele na cama ensopada e perguntou:

– Ela quem?

– Afrodite, pai.

Bento sentiu então o mesmo ar pesado e quente que cheirava a lavanda, porque não sabia o que dizer ao filho, e o suor começou a escorrer por suas costas. Tentou explicar que esses amores eram vedados aos primos, que para eles haviam outros jogos que não os da carne, que deviam ser amigos e que isso e que aquilo. Mas Emanuel permaneceu irredutível. Respondeu que só Afrodite o encantava, era com ela que haveria de afogar seus ardores.

– Ela não vai querer. Afrodite não vai amar um primo.

Emanuel deu de ombros:

– Na hora certa, vai querer. Eu sei bem disso.

Bento Vendaval arrepiou-se. Nem tentou discutir com o filho, porque não duvidava que os anjos, mesmo os caídos, tivessem dons premonitórios, mas de qualquer modo proibiu-o de dar os banhos diários em Afrodite que, com sete anos, era já grande o suficiente para haver-se sozinha. E proibiu-o de trancar-se com ela pelas tardes inteiras nos quartos do andar de cima, e de verem juntos as gatas no cio para não encontrarem inspirações perigosas. Emanuel não discutiu uma palavra, mas também não obedeceu nenhuma ordem.

A manhã seguinte apanhou Emanuel e Apolinário se empanturrando de margaridas no jardim. Gardênia encontrou os dois enredados entre os canteiros, sujos de pólen e com os olhos revirados de amor e indigestão.

– Puta merda! – bradou, enquanto os tirava dali. – Esse menino chegou na idade dos amores com as mesmas loucuras do avô.

Naquele dia, Emanuel não assistiu à aula de Adelaide Alaídes, pois estava de cama e de castigo,

mas tão feliz por amar e tão satisfeito de margaridas que ficou a tarde inteira cantarolando, porque confundia o perfume do próprio hálito com o cheiro da prima de seu coração.

A professora perguntou por que ele faltara, e Ariel respondeu:

– Porque está de cama. Teve uma indigestão de amor.

Adelaide não retrucou. Afinal, Emanuel era o primeiro anjo que tivera a graça de conhecer.

Gardênia teve o filho num parto sem dores e sem avisos. O menino nasceu no corredor de selva e apenas com a ajuda dos dois sobrinhos. Como Violeta previra, nasceu um menino forte e perfeito, mas tão preto como uma noite sem lua. Afrodite, Emanuel e Ariel estranharam que uma criança preta nascesse de um ventre de mulher branca, mas notaram que o menino tinha os traços delicados e suaves e o nariz fino e arrebitado.

– Não é só isso que faz ele diferente, tia – disse Ariel.

– E o que mais? – perguntaram os outros.

Ariel pegou o menino ainda nu, virou-o e revirou-o para comprovar o seu achado, e feliz da vida disse:

– Ele cheira a hortelã.

Gardênia Esmeralda pegou o filho e tratou de fungar-lhe as carnes. Era mesmo verdade. O menino exalava um cheiro forte e cálido de hortelãs, mas não era um cheiro pouco, era um cheiro tão bom e tão presente que era quase possível tocá-lo, como se o cheiro fosse a sombra do menino. Gardênia chegou à conclusão de que o filho era preto de tantas saudades que ela sentia de Macumba, porque contou e recontou seus eleitos e não pôde lembrar-se de um só, um único que tivesse aquela pele de ébano e aquele cheiro de hortelã.

– Houve um, havia muito tempo mesmo, que tinha uma cor de alabastro e uns olhos muito brancos e sábios. Disse-me ser um rei africano de muito longe, que fora expulso de seu país. – Ela riu, lembrando-se do rei que com o qual se deitara: – Mas fazem dois anos! Esse menino não poderia ter ficado escondido na minha carne esse tempo todo.

Por fim, aceitaram a criança, filha de um rei ou das saudades; e ele foi chamado de Naor. Quando Apolinário se apercebeu do cheiro do neto, tratou de examiná-lo até do avesso. Queria entender por que algumas pessoas nasciam com odores exalando de seus poros, como era o caso de Rosa, a defunta. Apolinário passou a roubar as fraldas de Naor e fervia-as numa infusão de álcool, mas não obtinha nada. Depois, roubou a merda do menino e fuçou-a de tudo que era jeito, comeu-a e cheirou-a, mas nada também. Por esses tempos, veio-lhe um desespero igual ao que sentira em suas bodas. Achava que o cheiro do neto era mais uma arapuca de Deus para irritá-lo e mostrar a sua incompetência olfativa. De tão agoniado, tombou no jardim, atacado por uma febre que quase ferveu o resto dos miolos que tinha na cabeça. Bento Vendaval chamou um médico para examinar o sogro, enquanto Ariel e Emanuel seguravam-

no na cama para que não fugisse. O médico não deixou pedaço sem exame, mas não soube especificar a razão de uma febre tão alta e tão terrível. Furioso, atado à cama feito um cachorro, Apolinário Flores revirava os olhos e berrava:

– Seu doutor de merda, isso aqui é a febre da curiosidade.

O médico mandou que o soltassem e o deixassem em paz; era claro que o problema do velho era caduquice. Bento soltou-o e mandou que Ariel o vigiasse para que ele não comesse nem uma samambaia ou degolasse todos os gatos do andar de cima. Ariel pôs-se de guarda do avô por uma semana, durante a qual não pregou o olho e nem comeu, a não ser nas horas em que o próprio Apolinário resolvia fazê-lo. Mas o boticário não se esquecera do cheiro do neto e andava encafifado com tamanha fragrância, porque imaginava que Rosa poderia estar escondida entre as tripas do menino, esperando que alguém a libertasse dali. Quando Ariel se descuidou pela primeira vez e deixou o avô sozinho para ir ao banheiro, Apolinário pegou uma faca da cozinha e correu para o quarto de Gardênia, onde Naor dormia feito um príncipe em seu bercinho.

Foi Violeta quem salvou o menino de ser estripado pelo próprio avô. Ela saía do banho quando teve um tremor tão forte que derrubou todo o vidro de perfume pelo chão. Bento, deitado na cama, perguntou:

– O que foi, meu amor?

Violeta viu o brilho da lâmina ante seus olhos e respondeu:

– O pai vai abrir o Naor pelo meio. Corre, Bentinho, que ainda dá tempo.

Bento Vendaval não pensou duas vezes. Chegou no quarto na hora exata em que o sogro demente levantava o punhal, e Naor ressonava no bercinho, alheio à tragédia iminente, com a camisetinha aberta no peito. Atrás de Bento, vieram Ariel e Violeta, e os três precipitaram-se sobre Apolinário e roubaram-lhe a faca. O velho começou a chorar:

– Caralho! Será que vocês não me esquecem...

Violeta compreendeu que o pai ficara louco de vez e pegou-o pela mão para tirá-lo dali. Explicou que o neto não tinha roubado a alma de Rosa, até porque os dois cheiravam diferente. Pediu que esquecesse as degolas e as loucuras que lhe vinham, porque um dia ainda haveria de arrancar o pescoço de uma das filhas e que, se não pudesse jurar que se acalmaria, haveriam de mandá-lo para o Hospício da Virgem Aparecida, onde os loucos não tinham nem um pano para tapar suas vergonhas, dormiam sob o céu aberto e bebiam a água da chuva, e só quando chovia. Apolinário chorou a noite inteira, pois teve consciência de sua loucura. Disse a Violeta que não estava apenas louco, mas totalmente esquecido de tudo, menos de Rosa, e pediu que lhe escrevesse os nomes de todos, principalmente dos netos, e suas idades e jeitos para que tentasse memorá-los antes de dormir. Depois, Ariel e Bento meteram cadeados em todas as gavetas da cozinha para que o velho nunca mais pudesse pegar um facão. E Naor continuou dormindo feito um anjo de ébano, alheio às loucuras da casa.

Emanuel e Afrodite só tomaram tento do acontecido à hora do jantar, porque estavam os dois fugidos no banheiro, tomando um banho que lhes durou uma tarde inteira de risos e segredos virginais,

mas que, se não era ainda o sexo, era o princípio de um amor que haveria de enlouquecê-los tanto quanto enlouquecera seu avô. Ficaram todos tão atarantados com a choradeira de Gardênia, acalmando-a com chás e compressas de leite morno, que a ninguém ocorreu perguntar-lhes onde andaram por todo o tempo da quase tragédia.

Foi nesse verão que Adelaide Alaídes encontrou Arnaldo Máximo fugindo sem calças de uma casa onde fora entregar o correio, mas acabara encontrando um amor. Era um amor de terças-feiras à tarde, quando o esposo de Rovina Aparecida saía para jogar buraco com seus amigos. Pela comodidade da situação, e por Rovina ter em si um fogo de vulcão, enquanto o marido jogava buraco com mais dois colegas, Arnaldo jogava buraco com ela. Foi um acordo tácito que durou por dois anos e oito meses. Mas, naquela terça-feira, duas coincidências reunidas acabaram, não só com o buraco, mas com o noivado de Adelaide.

O caso foi que Adelaide terminou mais cedo a aula, porque Apolinário teve uma crise de desgosto que o fez vomitar por sobre todos os livros, e ela saiu uma hora antes da Praça das Amoreiras do que sempre saía. Quando dobrou no alto da ladeira pela rua dos Esquecidos de Deus, ainda viu, ao longe, um homem de quase dois metros de altura que entrava por um portãozinho azul. Minutos depois, Adelaide Alaídes viu sair pelo mesmo portão Arnaldo Máximo, com as calças arriadas até os joelhos e deixando as vergonhas balançarem, enquanto tentava salvar a cabeça do chumbo que o homem cuspiu de uma espingarda. Arnaldo Máximo escapou do marido corno, mas não de Adelaide. Em casa, a noiva o surrou com a bolsa tanto e tanto que lhe deixou a cabeça sangrando. Mas foi um desespero vão, porque depois que Adelaide lhe descarregou todo o ódio, tratou de ferver um leite para fazer-lhe compressas nas feridas. Arnaldo Máximo rechaçou-a:

– Está tudo acabado entre nós! – berrou ele, vestindo as calças.

Adelaide, esquecendo que fora ela a atingida em sua honra, choramingou:

– Mas, por quê, Nonô?

Arnaldo Máximo, que já não aguentava mais aquela cara de passarinha de gaiola, retrucou:

– Porque não aguento mais comer arroz com linguiça! Estou cheio dessa merda de arroz com linguiça!

– Mas eu juro que nunca mais faço isso para você comer – disse ela, chorosa.

– Não adianta, Adelaide. O caso é que você tem cara de arroz com linguiça.

E o noivado deles terminou ali.

Adelaide ainda foi consolada pelos vizinhos, que falaram que ela era uma grande cozinheira e que Arnaldo Máximo é que era um péssimo carteiro, pois perdia meia tarde na casa de cada destinatário. Mesmo assim, Adelaide Alaídes tomou um porre de uma garrafa de cachaça e berrou pela rua, e para quem quisesse ouvir, que não só fazia o melhor arroz com linguiça da cidade, como estava disposta a

cozinhar para qualquer um e sem compromisso. Adelaide bebeu tanto e berrou tanto que, quando viu, mais pela força do hábito do que por qualquer outro motivo de ordem racional, chorava na frente da casa dos Flores. Estava ali pensando que talvez um anjo pudesse interceder junto a Deus para vingá-la, estraçalhando Arnaldo Máximo pela boca de um cachorro bem furioso. Mas não foi o anjo quem a escutou, porque Emanuel passava as noites mergulhado nuns ardores de sonhar com a prima. Foi Ariel.

Quando Adelaide começou a vomitar toda a cachaça que lhe ia pela alma, foi Ariel quem segurou sua testa. E quando ela chorou, dizendo que tinha cara de arroz com linguiça, foi também ele quem respondeu:

– Não, nada disso. Pra mim você tem cara de pudim de amoras.

E os dois começaram a rir, ela esquecendo do noivo corno, e ele esquecendo que beijava o rosto da professora. Acharam melhor entrar, pois na calçada os vizinhos poderiam interpretar mal tantos agrados. Na sala, também tiveram acordar os que dormiam e fazer chorar Naor, por isso foram para o quarto de Ariel. O sofá pareceu-lhes pequeno para que dois se acomodassem bem, de modo que, quando deram por si, estavam nus na cama desarrumada e tinham acabado de fazer amor.

– E agora? – perguntou Ariel, confuso.

– Agora, eu vou para cozinha lhe preparar um agrado.

Adelaide enrolou-se num lençol e foi fazer um lanche para seu bem-amado. No caminho, esbarrou com Apolinário, que andava sem rumo pelos corredores escuros. O velho, ao ver aquela mulher toda enrolada em panos, achou que via um fantasma e entusiasmou-se:

– É você, Rosa?

Adelaide, com medo de ser reconhecida, tapou o rosto e respondeu:

– Não, o senhor não me conhece.

Apolinário Flores ficou furioso com a invasão e tratou de ir para o quarto, resmungando:

– Porra! Essa casa virou um entreposto de almas penadas!

Adelaide meteu-se na cozinha e voltou, meia hora mais tarde, com uma bandeja de pães de queijo; e era a primeira vez em quase dez anos que não saciava sua fome de amor com arroz e linguiça.

Foi o começo de uma paixão de madrugadas e segredos. Ariel encantou-se com o mundo novo que Adelaide descortinara e não se importou com o fato de ser ela a sua professora, nem com a diferença de quatorze anos que os separava. Não se importou com nada, e só a achava mais formosa e ardente, e acabou descobrindo em si mesmo os talentos que outrora Bento Vendaval revelara. Mas Ariel era diferente do pai, porque amava a professora com a alma. Para ela, preparou um perfume que mereceu elogios até do avô; para ela, escreveu uma canção que cantava depois do amor e ao pé do ouvido, não tanto para evitar de acordar os da casa, como para que Adelaide não percebesse seus desafinos. Adelaide Aláides também caiu de vez nos ardores de amar um rapazinho muito mais novo, mas tão belo e fogofo que a galopava feito um garanhão alado. Certa vez, até jurou ter visto um par de asas no meio do amor. Adelaide passou a vestir roupas mais coloridas, a pentear os cabelos como eram as novas modas e a ser feliz. Todas as madrugadas, escalava a trepadeira que dava na janela de Ariel, porque gostavam de

se amar naquela casa de loucos, ouvindo os gatos em guerra pela noite afora, ou os pios dos canários nas gaiolas. Amaram-se no corredor de selva sob o olhar de todas as feras, amaram-se no jardim da fonte com Apolinário espiando-os da janela e se matando de rir, amaram-se na biblioteca enquanto Adelaide fingia ministrar-lhe a lição. Amaram-se em todos os cantos e sem nunca encontrar ninguém, nem tanto por sorte como por conchavo geral de Bento, Violeta e Gardênia, que era quem mais se deliciava com tantos ardores noturnos.

Enquanto todos viviam a espreitar os amores de Ariel, Afrodite e Emanuel puderam descobrir seu próprio mundo sem que ninguém surgisse para incomodá-los. Quando Afrodite tinha nove anos, era já uma rapariga alta e de ancas arredondadas; havia herdado da mãe a mesma pressa em virar mulher. Tinha os cabelos num tom de prata lunar e os olhos castanhos eram tão grandes que pareciam enxergar tudo ao mesmo tempo. Da meninice, quando Emanuel lhe dava as sopinhas e penteava seus cabelos, restaram os agrados nos banhos mornos, porque agora também ela atendia o primo e era quem lhe aparava as asas e passava suas camisas. Era um amor de devoção e tão forte que não saíam de casa a não ser juntos e cantavam as mesmas músicas e ao mesmo tempo, embora cada um estivesse em um canto diferente da casa.

Bento acabara por se esquecer os ardores do filho, de modo que via tanto amor apenas como um laço de sangue e nada mais. Mas Violeta sabia que tamanha devoção era apenas a ponta de um fio muito comprido. Nas cartas de ver o futuro, Violeta enxergou Emanuel voando pelos céus da cidade numa choradeira de fim de mundo, mas não entendeu o porquê. Assustada, chamou o sobrinho e pediu:

– Não me voe por aí, Emanuel. A cidade é de pouca cultura, e será mais fácil que lhe julguem um demônio do que um anjo.

Emanuel jurou. Mas nada disse à tia dos amores que lhe queimavam a carne, nem que ele e Afrodite haviam-se beijado atrás da cristaleira por tanto tempo e com tamanho ardor que sentira seu corpo formigando, e tal formigamento tocara até sua alma.

Quando Afrodite sentiu o fluxo morno que escorria por entre suas pernas, foi Emanuel a socorrê-la:

– Você virou mulher, Dite.

– E o que isso quer dizer? – perguntou a rapariga.

Emanuel sentou-a em seu colo e, acariciando-lhe as longas tranças de cetim, explicou:

– Quer dizer que o seu segredo agora não serve só pra fazer xixi.

E foi contando que um dia eles haveriam de se amar como faziam os gatos do corredor e que seriam mais unidos e felizes do que já eram. Ensinou-lhe que as regras viriam de mês em mês, e que isso e aquilo outro. Também disse que, um dia, quando ela quisesse, haveriam de ter um filho. Afrodite ouviu-o com toda atenção. Depois perguntou:

– Mas nós vamos gritar como os gatos?

– Não – respondeu Emanuel. – Nós vamos fazer tudo bem quietinhos.

E a partir daquele dia os dois passaram também a fantasiar os filhos que haveriam de ter, e pegavam Naor para brincar, como se ele fosse o filho que ainda não haviam feito.

Gardênia enganou-se pela primeira vez em sua vida quando resolveu perdoar os ardores do sobrinho, e fê-lo porque entendia muito pouco de anjos – Emanuel era o primeiro que conhecera.

– Deixem os dois, que são amigos – disse ela para Bento e Violeta.

Se Violeta argumentava que viviam demais juntos, que deitavam-se na mesma cama e que Afrodite era já mocinha, ela respondia:

– Os homens são uns desgraçados. Mas, os anjos? Um anjo não iria desavergonhar a própria prima!

E deixava os dois brincarem de amar, porque quando fosse a hora, Afrodite haveria de encontrar um bom marido ou, então, levaria a mesma vida de flauta que ela levava. E logo saía, porque a esperavam os machos de suas horas, e esperavam com ardor.

Naor permaneceu de olhos fechados até completar quase um ano, e todos acharam que era cego. Mas quando os abriu, mostrou que herdara os mesmos olhos de vidro de Apolinário, mas tão grandes e profundos que eram como uma janela para o mar. Do alto da claraboia, Macumba viu que o menino era filho de Oxalá e soube que haveria de ser muito feliz e um grande poeta. Ao completar dois anos, Naor falava tudo em rimas e sua voz ecoava doce feito uma flauta. Era preto como o breu e tão manso em suas falas e em seu sorriso que todos da casa queriam ficar perto dele; nas lições de Adelaide, Naor ficava na cadeirinha ouvindo, de modo que antes de falar já conhecia a vida de Napoleão e quando falou, sabia toda a história de Romeu e Julieta, e conhecia Camões mais que os dois primos adultos ou que Afrodite. Em verdade, a menina não gostava de estudar, mas ficava ali apenas para estar ao lado de Emanuel. Para ela, a vida se resumia no que se sentia e no que se fazia. O que se sabia era um detalhe tão pouco que nem ligava, mas ouvia as aulas com paciência e educação, embora no dia seguinte não pudesse recordar de uma palavra que Adelaide Alaídes havia dito na tarde anterior.

Violeta Maria Flores passou pela mocidade com seus ares de fada intocados e tornou-se uma mulher madura e ainda mais bela do que fora em rapariga. Na noite de seu aniversário de trinta e cinco anos, Bento Vendaval presenteou-a com uma pequena adaga de ouro cravejada de pequenos diamantes. Violeta prendeu ao pescoço a joia e beijou o marido com um amor que muitos casais loucos de cama não possuíam. Era uma mulher feliz, saciada por um amante caloroso e criativo, apesar do porém de ser ele capado. A única coisa que poderia ferir seu coração era o fato de não poderem ter filhos, mas para amar tinha os sobrinhos.

Bento olhou-a altiva e com os mesmos longos cabelos de ametista, e disse:

– Eu lhe amei no dia em que você ameaçou cortar o pescoço, porque vi que falava a sério.

Bento Vendaval também era feliz. Se, nos áureos tempos da sua juventude de conquistador, lhe

dissessem que haveria de viver capado e enamorado de uma única mulher sem sentir os azares de não ter mais o sexo, riria de tamanho absurdo. Mas a verdade era que sua desdita parecia-lhe pouca, porque ele aprendera a ser feliz como podia. Mas nunca deixava que a esposa dormisse sem estar completamente esgotada, e gostava de senti-la resfolegar com seus suspiros de borboleta. Podia ser capado, mas não era maricas. Bento virou um homem tão belo como fora em jovem, mas seus olhos tinham um brilho mais manso, que era o brilho do amor correspondido.

Apolinário Flores beirava os setenta anos, mas tantas loucuras e tantos vômitos florais e noites insones de amor acabaram por deixá-lo com o aspecto deplorável de um fantasma de cemitério. Era tão pálido quanto a morte e, quando ria, deixava entrever uma dentadura desfalcada e podre, mas os olhos ainda guardavam o mesmo fulgor de sua juventude. Apesar dos ares de morto-vivo, tinha ele a saúde de um meninote e nunca sofria de mal algum, a não ser os de amor. Depois das ameaças de ir viver no hospício, acabou por se conformar com os cheiros de hortelã de Naor, e de tanto cheirá-lo de cá e de lá afeiçoou-se ao menino com uns amores de avô são. Ariel, que por esses tempos já se gastava de tanto amar Adelaide, deixara Apolinário de lado, porque descobriu que a companhia da professora rendia-lhe muito mais do que a do avô caduco. Sendo assim, o mais velho da casa uniu-se ao mais novo, e Apolinário e Naor revezavam-se nos cuidados um com o outro. Naor segurando a mão trêmula do velho, Apolinário dando-lhe a papinha com um mau jeito que parecia quase brincadeira. Mas o menino aceitava as colheradas nas orelhas e o mingau derramado no chão, pois gostava realmente do avô. E para Apolinário, aos cinco anos, escreveu a primeira poesia e continuou escrevendo pelos anos afora, rimando e polindo e derramando-se em palavras. Quando Apolinário Flores morreu, vinte anos depois, foi enterrado com os poemas do neto, porque queria ter leitura para a eternidade.

Certa manhã, Emanuel acordou-se chorando. Sentou na cama confuso, tentando entender o que eram aquelas lágrimas que lhe haviam encharcado o travesseiro, e compreendeu que a tristeza que sentia não era dele, e sim de Afrodite. Anjo que era, arrastou-se sem um pio para o quarto da prima, e de fato encontrou-a mergulhada num choro terrível. Mas ao tentar acalmá-la, a rapariga desatou num pranto maior ainda.

– O que foi, minha linda? – perguntou Emanuel, desesperado.

– Nós vamos ter um filho de duas cabeças – disse a menina.

Ninguém tinha paciência tão grande como a dele, que a tirou dos lençóis alagados, abriu-lhe os botões da camisola para que pudesse respirar melhor, e afagou-a com um amor que não era mais de anjo, pois havia muito que a amava como homem. Afrodite acalmou-se e contou que a professora lhe falara que os primos e os irmãos não podiam casar entre si. Disso nasciam crianças filhas do demônio, com três olhos e duas cabeças e unhas de fogo e hálito de defunto. E Afrodite continuou chorando, porque se impressionara tanto com a descrição de Adelaide Alaídes que não conseguia afastá-la da cabeça e nem

podia dormir. Emanuel beijou-a muitas vezes, primeiro na testa alta e benfeita, depois nos olhos de amêndoa e por fim na boca, aí demorou-se muito mais, até que o fogo lhe incendiasse as entranhas e até que Afrodite arquejasse de um amor que ainda não podia entender. Depois, quando se soltaram daquele carinho de fogaréu, ele falou:

– Você se esquece que sou um anjo, me entendo bem com Deus.

– Mas a professora disse – retrucou a rapariga.

Emanuel calou-a com um beijo:

– A professora não sabe o que diz. Quando tivermos um filho, vai ser o mais lindo do mundo, porque eu vou pessoalmente pedir isso ao Senhor.

Mas Afrodite nunca se esqueceria do horror que Adelaide pintara e, tornando-se mulher nos braços do primo anjo, ainda assim não deixou de lado o temor de que andavam os dois na beira de um precipício escarpado.

Emanuel não deixou por menos. Quando Afrodite conciliou o sono, foi ao quarto de Ariel e invadiu-o sem mais porquês, arrancando Adelaide, nua e suarenta, da cama e do meio do amor, para meter-lhe o dedo na cara e berrar:

– Olha aqui, sua malvada, se você não desmentir o que disse a Afrodite, juro que lhe mostro a cara do diabo, porque voo com você pro mais profundo dos infernos!

Adelaide Alaídes apavorou-se. No auge da fúria de Emanuel, pôde até ouvir um leve rufar de asas. Berrou mais que um boi no abate, achando que ele a levaria direto da cama do amante para o trono da Besta. Por mais que tentasse, Ariel não conseguiu acalmá-la de seus pavores. E mesmo vendo-a no desespero total, não ousou brigar com Emanuel, pois eram a mesma carne e a mesma alma, apenas que divididos em dois.

Ariel beijou a mulher com toda a calma e quando ela cessou o pranto, disse-lhe:

– Perdoe Emanuel, Adelaide. A ira dos anjos é mesmo louca.

As aulas da biblioteca foram suspensas por duas semanas, devido a um completo e geral desentendimento entre professora e alunos; Afrodite chorava ao ver Adelaide, e essa, por sua vez, andava com medo de Emanuel, e assim decretaram férias até que os ânimos se acalmassem de vez.

Um mês após o retorno às aulas, aconteceu a explosão. Na biblioteca, as cadeiras tremeram e os livros caíram todos, indo parar no chão na mesma ordem em que estavam nas prateleiras. O lustre do teto furou o assoalho a um palmo da cabeça de Adelaide Alaídes, e ela não pôde deixar de imaginar se tal coincidência não era de fato uma réstia da ira de Emanuel. O rapaz, no entanto, assustou-se tanto quanto ela. Seu primeiro instinto foi buscar Afrodite, que estava ali, sã e salva.

– O que foi isso? – berrou Ariel, quando conseguiu levantar-se do chão.

– O mundo deve ter acabado – sugeriu Afrodite.

Mas não acabara, e a biblioteca, apesar da confusão de livros espalhados, estava inteira. Emanuel olhou para o lado e reparou que faltavam o avô e Naor.

– Eles não assistiram à aula de hoje – respondeu Adelaide. – Seu Apolinário nem apareceu.

Então, juntaram-se todos e tomaram coragem de abrir a porta, com medo que apenas ela os separasse do fim do mundo. Mas o corredor e o resto da casa estavam intactos.

– A explosão veio do jardim – concluiu Ariel.

De fato, quanto mais andavam para os fundos, mais o pó se levantava. No jardim, puderam divisar as chamas que lambiam as paredes do laboratório inteiro. Foi um deus nos acuda, porque o lugar era um amontoado de líquidos inflamáveis e ardia a céu aberto feito uma fogueira descomunal. Mas era um fogo bem comportado que não avançava sobre o jardim, queimando-se a si mesmo num eterno estouro de bombas que quase parecia uma festa. Atraídos pelo espocar do fogo, muitos moradores das redondezas apareceram para ver o incêndio. Com eles, vieram Bento e Violeta, que estavam no armário, e Gardênia, que largou um cliente nu no meio do serviço, mas apenas porque avisou-lhe o coração de mãe que algum dos filhos corria perigo. Emanuel explicou que haviam já corrido a casa toda, os quartos e despensas, e que o avô e Naor não estavam em lugar nenhum e só podiam estar no meio do laboratório em chamas. Gardênia desabou num choradeira estrondosa; só não invadiu o galpão porque Bento Vendaval segurou-a com todas as forças. Foi um desespero geral, e apagava-se o fogo com o que se encontrava pela frente, enchendo potes com a água do chafariz e jogando sobre as chamas. Duas horas ficaram todos naquele vaivém tresloucado, mas quase não tinham mais esperança de encontrar o velho Apolinário e nem Naor. Quando até mesmo Bento ia começar a chorar, Violeta falou:

– Naor está vivo... Sinto o cheiro de hortelã.

Era verdade. Misturado ao cheiro da madeira queimada e dos mil odores de alfazema e rosa, elevou-se no ar um cheiro forte e inconfundível de hortelã. Se Naor não estava vivo, então estava morrendo. Mas Violeta disse que não, que o sobrinho vivia. Pouco depois, do meio dos escombros saiu um velho manco e chamusqueado que mais parecia um fantasma carcomido pelos azares do fogo. Era Apolinário Flores que, com setenta e dois anos, escapara da morte com um sorriso de dois dentes na boca. Em seu colo, vinha o menino Naor, feliz como se ao invés de ter estado no inferno tivesse saído de uma festa. Apolinário entregou o neto para Gardênia e berrou:

– Puta que pariu, se não morri nessa, não morro mais.

Naquela noite, e nas dez posteriores ao incêndio, ninguém conseguiu dormir na casa, e Adelaide e Ariel não conseguiram ter um só amor sossegado que fosse, porque Apolinário reclamava as madrugadas inteiras, pranteando os escombros do único canto que recordava como lar em seus muitos anos de vida.

– Não é justo – berrava ele – que um velho como eu tenha que ver a ruína de uma vida inteira.

No princípio, nem lhe fizeram caso. O laboratório era mesmo um lugar esquecido, e Ariel, que era o único com o olfato mais aguçado, não tinha tempo para mais nada além de amar. Mas o velho berrou tanto e tanto, e disse tantos palavrões durante madrugadas inteirinhas, que depois de muitos caralhos e foda-se isso e foda-se aquilo, Bento Vendaval resolveu reerguer o laboratório, porque a vizinhança

ameaçava botar fogo no próprio Apolinário, tão cheios de merda andavam-lhe os ouvidos. Foi uma reforma digna dos tempos da finada Rosa. Apolinário acompanhou-a tão de perto que, muitas vezes, esteve mais próximo da morte durante a obra do que no incêndio. Metia-se em tudo, e incomodava tanto os pedreiros que aparecia surrado e cuspidor, mas ninguém da casa tomava-lhe as dores. Dois meses depois, enfim, o laboratório ficou pronto. Naor, com cinco anos, escreveu um poema que Afrodite declamou no dia da inauguração. Depois, o laboratório completo foi entregue a Apolinário, que não sabia mais nem segurar uma peneira, mas que se meteu lá por dias inteiros em que sonhava os tempos de seus amores com Rosa. E a casa da Praça das Amoreiras recobrou o seu ritmo normal.

Por esses tempos, Arnaldo Máximo voltou a procurar Adelaide Alaídes. Já o estômago sentia falta de suas paneladas de arroz com linguiça; mas Adelaide rechaçou-o sem mais senão. Correu-o a baldadas de água quente, mas nem as queimaduras nas costas arrefeceram no carteiro a vontade de reatar o noivado. Arnaldo Máximo voltou a chorar a amada numa cantoria triste e desafinada; só que cantava debaixo de uma janela vazia: nem desconfiava que havia muito Adelaide não dormia suas noites em casa, e sim na casa de seu pupilo e amante. De tanto incomodar os vizinhos com sua voz de alumínio, Arnaldo Máximo ouviu o que nunca imaginara ouvir. Certa feita, uma janela abriu-se na madrugada e alguém gritou:

– Cala boca que você além de desafinado é corno, seu filho da mãe. A sua noiva anda cansada de trepar com o filho do Vendaval.

Arnaldo Máximo encheu-se de vergonha e ira. Sem levar em conta que havia um ano não era mais noivo de Adelaide, tocou-se para a Praça das Amoreiras, babando que nem um cachorro louco, e derrubou a porta a pontapés.

A gritaria do andar de baixo acordou a todos, mas principalmente fez Adelaide endurecer de pavor no meio dos lençóis suados de Ariel. O carteiro berrou com sua voz de trovão, pedindo que aparecesse a puta, que haveria de fazer com ela um carreteiro. Retalharia também o tal desgraçado que a andava comendo, fazendo-o em pedaços miúdos, e se empanturraria da comilança até morrer de indigestão.

Apolinário Flores foi mais rápido do que qualquer um – havia muitos anos, esperava a chance de soltar a ira que lhe vinha dessas gritarias noturnas. Enquanto Ariel e Adelaide tentavam encontrar as roupas no meio da bagunça do amor, o velho desceu as escadas de dois em dois e, pelado, correu até a cozinha (que por esses tempos já andava sem cadeado), pegou um facão e meteu-o sem piedade na goela do carteiro descornado, berrando com a boca desdentada que era ele quem iria fazer um carreteiro de gente.

Bento, Violeta, Gardênia, Ariel e a professora, Emanuel, Afrodite e até Naor, chegaram juntos à porta da sala e juntos viram a carnificina que Apolinário cometera, porque ele ainda continuava cortando Arnaldo Máximo em pedacinhos, rindo de felicidade.

Ariel teve pena de Adelaide. Apesar de tudo, o morto fora seu noivo por quase dez anos. Mas ela respondeu:

– Que nada, nem se incomode. O que Seu Apolinário fez eu já queria ter feito há muito tempo, mas me faltou foi a coragem.

O delegado de polícia compreendeu que aquilo fora uma espécie de tragédia amorosa, agravada pelo fato de que o tal noivo corno topara-se com um velho louco. Além do mais, a vizinhança de Adelaide Alaídes confirmou que o carteiro incomodava havia muito. A polícia acabou aceitando o fato de que Apolinário Flores matara Arnaldo Máximo em legítima defesa, porque este invadira a sua casa pela madrugada, aos berros e ameaçador feito um demônio. Depois desse episódio, Bento Vendaval propôs que Adelaide Alaídes viesse morar com eles, pois não havia mais motivos para esconder um fato que era do conhecimento da cidade inteira.

Quando Afrodite tinha doze anos, os amores com Emanuel evoluíram até que ela ficou sem blusa, e ele meteu-se a desvendá-la como pôde, com uma ânsia que acumulara havia tantos anos que já perdera a conta.

Afrodite herdara o fogo da mãe e atirou-se à descoberta de seus sentidos com uma fome de afogado. Beijou-o e deixou-se ser beijada até que lhe veio à mente a eterna pergunta que nunca haveria de abandoná-la:

– Isso não é um pecado, Emanuel?

Emanuel, mergulhado nos morros e vales daquela pele de lírios, respondeu:

– Amar assim não pode ser pecado.

E tratou de enchê-la de beijos até quase se afogarem juntos naquele mar de amores silenciosos. Mas Afrodite nunca se esquecera do filho do diabo; temia que sua alma fosse queimar no inferno com o mesmo horror que se queimara o laboratório. Emanuel era um anjo, teria o perdão de Deus, mas ela era apenas uma moça de carne e osso que podia ser castigada.

Dias mais tarde, Violeta comeu uma torta de morangos estragados, caindo de cama com dores que quase lhe rasgaram a alma. Bento Vendaval enlouqueceu, não abandonando sua cabeceira nem por um minuto, de modo que foi Afrodite quem cuidou do armarinho nos tempos de convalescença da tia. Certa tarde, enquanto estava a enrolar umas fitas, veio ao estabelecimento um rapaz. Chamava-se André de Favio e era um estudante do Colégio da Anunciação. André não precisou de dois olhares para enamorar-se da rapariga de olhos de mundo inteiro e boca de coração, porque nunca vira tanta formosura junta e nem cabelos tão platinados. Sorrindo de feliz, André de Favio pediu meia dúzia de botões vermelhos. Afrodite contou-os e guardou-os num saquinho de papel, mas com o canto do olho reparou a beleza suave do rapaz. Achou-o garboso, sorridente e nada mais. Seu coração nem se incomodou, já que amava Emanuel desde os tempos da barriga da mãe.

– E que mais? – perguntou Afrodite.

– Um metro de fita azul.

A rapariga mediu e cortou a fita, enquanto André de Favio percorria seu perfil de flor de estufa.

– E mais alguma coisa? – tornou a perguntar.

– Um carretel de linha branca.

– Só?

– Não – disse o rapaz. – Uma agulha também.

Afrodite pegou tudo.

– Quer mais?

André contou o dinheiro que tinha.

– Quanto dá isso?

Afrodite somou tudo e respondeu:

– Onze contos.

– Então é só – disse o rapaz tristemente.

Mas, antes de sair, ainda perguntou:

– Como você se chama?

– Afrodite – respondeu ela, disfarçando um sorriso.

Em casa, contou tudo a Emanuel. Disse que um rapaz caíra de amores por ela e que comprara tanto quanto podia comprar, apenas para poder espiá-la por todo o tempo possível. Era um menino elegante e de olhos azuis. Emanuel foi consumido por um ciúme furioso, mas manteve o rosto calmo e perguntou:

– E você gostou de ser olhada?

– Gostei – retrucou a rapariga, com uma inocência medida.

Emanuel pegou-a pelo rosto e beijou-lhe a boca tanto e tanto até que ambos não pudessem mais respirar, mas não pôde se esquecer do acontecido e deitou na cama sem dormir. Três horas mais tarde, cansado e choroso, ele abriu a janela do quarto e resolveu voar para ver se refrescava seu coração de apaixonado.

O estrondo da queda de Emanuel arrancou Afrodite de um sono sem sonhos com a presteza que só o amor consegue, porque nem bem Emanuel se espatifou sobre o roseiral, a rapariga estava já enrolada nas cobertas e correndo ao jardim.

Encontraram Emanuel entre as flores do canteiro, todo arranhado pelos espinhos. Num absurdo surto de ciúmes, decidira voar até o fim do mundo, mas a noite era sem lua e ele deu de cara no telhado do laboratório. Cortou-se todo e ficou convalescente por duas semanas, durante as quais Afrodite rasgou-se em carinhos, jurando-lhe um amor eterno e desesperado, e dizendo que não, que não mais atenderia no armário, que nem se recordava do rosto de André de Favio, e que isso e que aquilo. Emanuel perdoou-a com toda sua alma e, quando se curou, trataram de festejar o acontecido com a primeira noite de amor de suas vidas.

Amaram-se numa madrugada de lua cheia que exalava um cheiro de flores, mas tão forte que quase

sufocava os pulmões. Afrodite descobriu que levava em si os mesmos talentos da mãe; por sua vez, Bento legara ao filho anjo um ardor nada celeste. Amaram-se tanto e com tamanha loucura que Apolinário tentou degolar todos os gatos, pois achava serem deles todos os gemidos que entravam pelo vão da porta; mas andava já tão velho que não pôde agarrar nenhum.

Saciados da fome de uma vida inteira, ficaram rindo e conversando com a liberdade de irmãos, e Afrodite declarou:

– Isso não pode mesmo ser pecado, Emanuel.

O rapaz acarinhou-a em silêncio, e ela ainda disse:

– Mas não devemos ter filhos, porque não quero ir para o inferno.

Emanuel concordou com ela. Haveriam de pensar nisso mais tarde, eram jovens demais para tanto; e o assunto acabou esquecido no meio dos lençóis.

Depois de anos de amores solitários, a vida preparou para Gardênia Esmeralda a única coisa que ela não estava preparada para encarar: a loucura de uma paixão verdadeira. Apenas uma vez batera-lhe o coração, e fora Bento Vendaval o autor dessa façanha. Mas, com a mesma mestria que lhe ensinou o amor, Bento fê-la descobrir que nada no mundo era mais perigoso do que se enredar nas linhas confusas da paixão. Por isso, Gardênia costumava declarar que fora o filho da puta do cunhado o homem que mais coisas lhe ensinara na vida sem que nunca tivessem se deitado juntos nem uma única vez. Mas Diego Rosários surgiu-lhe feito um vento inesperado que encontra uma janela aberta, meteu-se para dentro do peito de Gardênia e nunca mais saiu de lá. Ela estava no bar, conversando com um cliente de muito tempo, quando ele entrou. Mal o homem pisou no lugar, pareceu a Gardênia que ele roubava todo ar com seus olhos de falcão e com uma boca tão bem-delineada que se ficava pensando que um olhar de predador daqueles não poderia combinar com lábios feitos para dizer poemas.

Diego Rosários era um argentino que viajava pelo mundo a pintar tudo quanto lhe desse na veneta e que, sabe-se lá por quê, vendia seus quadros pelo preço que bem quisesse cobrar, pois nunca faltara cliente interessado em suas telas, fossem elas boas ou más. Uma vez, havia muito tempo, disseram-lhe que inventara um estilo. Diego Rosários estranhou, e respondeu:

– Não inventei coisa nenhuma. Esse é o meu jeito de pintar.

Desde então, tornara-se um artista de sucesso e passara a deambular pelo mundo escolhendo o que retratar, de acordo com o tal estilo que lhe atribuíram. Por vagar de porto em porto e de estação em estação foi que dera por ali. Ao ver a exuberância de Gardênia, com seus olhos de floresta e seus cabelos vermelhos, soube que não podia viver mais um minuto que fosse sem retratá-la inteira, e nua, criatura absoluta que roubava todos os olhares da taverna.

Quando se aproximou de Gardênia, ela riu com sua altivez costumeira e indagou:

– Me olha tanto por quê? Quer se deitar comigo?

Diego Rosários deu uma risada de cobra venenosa, analisou-a de alto a baixo com seus olhos de predador, e respondeu:

– Quero pintá-la, isso sim.

Foi a primeira vez na vida, desde o episódio com Bento Vendaval, que Gardênia Esmeralda ficou sem ter o que dizer a um homem. Chegou mesmo a corar, tomada por um sentimento que achou ser vergonha, mas que mais tarde descobriu que era amor. Não perdeu a compostura de anos de circo da vida, empertigou-se toda nos saltos e retrucou:

– Cobro para me retratarem o mesmo que cobro para deitar com um homem.

Diego nem se importou, sustentou seu olhar de gazela, abriu a carteira e despejou pela mesa um punhado de notas que perfaziam o total de muitos amores de Gardênia.

– Isso chega? – perguntou sarcástico, sabendo que oferecia uma pequena fortuna.

Gardênia, por sua vez, já havia percebido que travava uma luta com bom adversário; pegou as notas e contou-as uma a uma. No final, separou um bom punhado, guardou no abrigo do seio e devolveu o resto dizendo:

– Esse é o troco que lhe devo.

Diego Rosários riu, porque aquela era a primeira puta metida que encontrava na vida. Disse que fossem então para um lugar qualquer, podia ser o hotel onde ela atendia; e que tirasse toda a roupa, porque queria pintar um nu. Gardênia chispou-o com o olhar e emendou:

– Então devolva-me o troco. Nu é mais caro.

E foram-se os dois pelo caminho da Praça das Amoreiras. Iam rindo disfarçadamente, porque se reconheciam à mesma altura. Gardênia fê-lo entrar pelo portão e atravessar o jardim florido e bem cuidado. Diego estranhou. Mas, quando ela abriu a porta, e ele viu Naor brincando com carrinhos e os gêmeos jantando uma sopa feita por Adelaide, Diego disse, apavorado:

– Isso aqui não é um hotel, é uma casa de família.

Gardênia Esmeralda riu da confusão do homem. Era a primeira vez que o via perder o domínio da situação, e respondeu simplesmente:

– Isso mesmo. Não sou puta por necessidade, sou puta porque gosto.

A sessão durou umas três horas, nas quais Diego analisou Gardênia de alto a baixo, virou-a de tudo quanto foi lado, mandou-a rir, fazer cara de choro, cara de medo e cara de tesão. Mandou-a fazer tantas caras quantas soubesse; mas não tocou nela um dedo sequer. Depois, pintou-lhe um pedaço do tornozelo de vermelho e de azul e, mais tarde, de verde e violeta e de cinza-pérola, para escolher a cor que melhor assentava de fundo. Gardênia suportou cada minuto com a maior altivez que pôde reunir, mas a verdade é que, já na segunda meia hora, queria apenas que Diego Rosários largasse tudo e sentasse ao lado dela e lhe falasse onde havia nascido, quem era e o que mais gostava de comer, que tipo de amor era o seu predileto, o signo que o regia e tudo o mais que uma mulher sempre quer saber de um homem. Irritou-se ao sentir em si os mesmos sinais daquilo que mais condenava nos outros: a paixão. Mas Gardênia respeitava o amor como se respeita um vírus muito poderoso e fatal, e não o cutucou nem o incitou à luta;

ficou quieta, tentando pensar nos filhos, na sopa que tinham para o jantar, na cor do vestido de aniversário de Afrodite, em qualquer coisa que lhe fizesse esquecer o homem que a rodeava e rodeava e a analisava feito um perito. Mas não conseguiu.

Diego Rosários mediu-lhe a pele, decifrou seus cabelos de fogo, a curva da boca, a linha suave do seu nariz. Depois, desvendou-lhe os mamilos rosados, a cintura fina e o púbis de deusa; e a foi medindo como quem media um mapa, anotando-a como podia, fazendo com os olhos o que não fazia com as mãos. No meio de tudo, Diego foi sentindo que seu sangue se agitava e que a respiração ia ficando mais difícil. Teve raiva de si mesmo, mas a mulher que estava ali era algo que ele nunca conhecera. Do andar de baixo, pôde ouvir os ruídos familiares do final do dia e tentou fingir que os dois viviam ali, que não eram um pintor e uma puta paga a peso de ouro, mas sim amantes, esposos de uma vida.

Depois de Diego pesá-la e medi-la e catalogá-la em uma gama de cores, ele tratou de empurrar a tela vazia para um lugar onde não atrapalhasse e beijou-a com um fogo que Gardênia ainda não tinha encontrado. Foi um acordo tácito entre os dois. Quinze minutos mais tarde, Diego pôs-se tão nu quanto a modelo, e foi hora então de Gardênia conhecê-lo do seu jeito, com a mão e com a língua e com uma fome que lhe brotara das entranhas e que ela soube ser de amor. Os dois se amaram e trocaram confidências, rindo entre beijos como se fossem dois amantes de longa data. Diego contou que vivia a vagar pelo mundo e que era filho de mãe solteira e pai desconhecido. Não possuía família nenhuma, a não ser uma tia caduca que vivia num asilo para loucos. Tinha quarenta e dois anos, talvez quarenta e três, porque não era muito bom para datas. Nunca casara, mas amara uma única vez uma rapariga que havia entrado para um convento e deixara-o chorando umas lágrimas de desilusão.

Gardênia Esmeralda Flores contou de seu passado de boa moça que caíra na vida apenas por gosto, pois um amor malogrado a fizera ver as coisas com uns olhos de razão. Possuía dinheiro para uma vida tranquila e tinha dois filhos dos quais não sabia ao certo quem era o pai; mas era boa mãe e boa filha, porque ainda cuidava do pai caduco e doente de amores.

– Sou puta porque não tenho rodeios – disse ela. – Quero dizer que sei do amor o suficiente para entender que me apaixonei. Portanto, Diego Rosários, se o senhor sente o mesmo por mim, volte amanhã às dez horas; se não, faça-me o favor de ir para o caralho e nunca mais me apareça por aqui.

Diego lhe deu um beijo longo e demorado. Depois, foi-se embora sem dizer uma única palavra. Ela passou então a primeira noite em claro dos seus últimos vinte anos; mas, na manhã seguinte, e à hora combinada, Diego Rosários bateu-lhe à porta, cheio de sorrisos e com um presente para cada um dos seus filhos.

Casaram-se uma semana depois, porque não eram mesmo de rodeios. Foi uma festa de varar a madrugada. Apolinário tomou um porre tão grande de vinho que tiveram de recolhê-lo de dentro da fonte do jardim mais de cinco vezes.

– Deixem-me aqui – berrava ele. – Quando um pai casa uma filha puta, tem o direito de fazer o que lhe der na veneta.

Depois das bodas, meteram-se num navio para a lua de mel mais comprida que puderam conceber.

Foram alegres e satisfeitos, Gardênia com os cabelos mais vermelhos do que nunca se vira em seus muitos anos de incêndio. Mas a viagem, que devia durar para sempre, foi cortada ao meio pelos desvarios do destino; e os dois retornaram para a Praça das Amoreiras ainda sem ter dado nem uma das voltas ao mundo que pretendiam dar.

Quando Adelaide Alaídes achou por bem encerrar as aulas com os gêmeos, Naor tinha quase sete anos, de modo que somente restou ele na classe da biblioteca para aprender o pouco que ainda não sabia. Naor era um menino doce, de longos olhares e uma voz de querubim de ébano que fazia amolecer até as flores das estufas quando resolvia cantar. Bento Vendaval achava que o sobrinho tinha uma garganta de ouro. Um dia, Violeta viu Macumba no alto da claraboia, e o negro lhe confessou:

– Esse mulatinho vai fazer fortuna com a voz.

Logo, todos decidiram que era um bom investimento contratar para Naor um professor de canto, porque Macumba nunca errara uma predição que fosse. Adelaide, então, se encarregou de achar alguém para domesticar a garganta de leão do menino. Um mês depois chegou na casa Juvenal Cariri, de pastinha e bengala na mão e um riso tão frouxo pendurado na boca que Apolinário não deixou de dizer:

– Já não nos chega tudo, agora me vem um maricas.

Bento mandou o sogro para o quarto e desculpou-se com Juvenal. Mas o mestre nem fez caso, dizendo que era maricas mesmo e ninguém tinha nada a ver com isso. Em contrapartida, era o melhor professor de canto de todo o Atlântico, já cantara em tantos teatros e corais que nem lhe cabiam mais todos na memória. Bento Vendaval preocupou-se com a influência que Juvenal causaria no menino. Tinha um filho vivendo de caso com a professora e temia que um mestre desmunhecado pudesse arrastar o pupilo para o lado avesso da vida.

– Não há nada pra se preocupar, Bento – acalmou-o a esposa. – Naor tem jeito de macho. E, de qualquer forma, a única coisa que quer é cantar.

Mas Bento não se conformou e pediu a opinião de Emanuel.

– A aura do professor é de boa gente, pai. E Naor nasceu para a música.

Assim, Juvenal Cariri instalou-se num dos quartos do andar de cima, pendurou no teto o seu próprio canário belga, e infiltrou-se nos obtusos caminhos daquela casa como se tivesse vivido ali a sua vida inteira. Bento fez uns contatos com o Rio de Janeiro e descobriu que Juvenal Cariri era filho de uma italiana que trocava o corpo por comida. Quando engravidou, a mulher tratou de dar o filho para adoção. Juvenal foi criado por um velho viúvo de ares muito sérios, mas de hábitos nem tão sérios assim, de modo que o menino virou amante do pai adotivo tão logo teve idade para tanto. Mas Juvenal não tinha rancores do padrasto, ao contrário, lhe tinha muito amor e devoção. Quando morrera o doutor, Juvenal Cariri herdou o pouco que sobrara de uma vida inteira de pândegas e foi para a Europa estudar canto. Entre um amor e outro, cantou nos maiores teatros da Europa e nos corais mais bem cotados. Nos dias de

folga, cantou também em cabarés, vestido de melindrosa e de odalisca, usando trajes de plumas ou usando roupa nenhuma. Mas Juvenal tinha já uns bons cinquenta anos, que ninguém lhe dava, porque tantos cabarés deixaram-lhe o talento para a maquiagem, de forma que sabia disfarçar até dor de dente. Quando Juvenal Cariri viu que não tinha mais idade para tantas idas e vindas e nem para danças de maiô num tamborete de purpurina, resolveu dar aulas particulares para pupilos de boa voz. Era uma vida fácil e cômoda, que lhe dava casa e comida por um bom tempo, mas ele não ensinava qualquer um.

Naor fez um teste com o mestre e cantou alto quando lhe foi indicado, cantou no tom, cantou no ritmo, cantou chorando e cantou pulando num pé só. Terminou tudo recitando um poema de sua própria autoria. Juvenal Cariri aprovou-o num mar de lágrimas, pois percebeu que naquele negrinho estava sua chance de entrar para a história.

Juvenal e Naor passavam o dia fazendo exercícios para a voz, palmilhando a escala musical, cantando ópera, samba e tango, em lá menor, em mi maior, cantando da frente para trás e de trás para frente. Cantavam tanto que Apolinário meteu nos ouvidos um chumaço de algodão, porque não aguentava mais tanta cantoria. Quando se deitava na cama, o corpo o desobedecia e seguia dançando no ritmo da última aula.

– Porra! – berrava o velho. – Essa música já se enrolou na minha carne.

Mas as aulas continuaram. Naor revelou uma voz de barítono e andava tão feliz que todo ele cresceu. Juvenal dedicou-se de alma para o pupilo, porque sabia que ali, sim, estava o futuro. Além do mais, a cidade era tão pequena que não lhe restava mais nada a fazer do que lecionar. À noite, o único passatempo que sobrava era tentar distinguir o cio dos gatos dos gemidos atrás das portas. Por ter ouvido aguçado, Juvenal Cariri distinguia até o dono de cada gemido e de cada suspiro, e foi assim também que ficou a par dos amores proibidos de Afrodite e Emanuel.

Aos quatorze anos, Afrodite era mulher até a alma. Com a idade adulta veio-lhe também o apogeu do amor, e ela respirava Emanuel e deitava-se apenas para sonhar com ele; errava o tempero do almoço, deixava queimar as panelas – vivia apenas por ele. Mas Afrodite era uma rapariga de muitos encantos. Andava num passo calculado e suave, as pernas longas de gazela, o quadril encaixado, o rosto de boneca de porcelana e uns longos cabelos de prata. Desde o tempo de André de Favio, muitos outros rapazes se apaixonaram, e era frequente que o primeiro a abrir a porta pela manhã encontrasse um buquê de flores deixado para Afrodite por algum admirador secreto. Emanuel ardia no fogo do ciúmes, sem se dar conta que também ele era rapaz garboso, de profundos olhos verdes e rosto de bibelô. Vivia num desespero de amar às escondidas, e de amar tanto já pensara em ir-se embora para o inferno. Mesmo anjo, Deus não o havia de querer no céu. E mais; se envergonhava do seu andar levemente claudicante, fruto de um voo malogrado. De modo que viviam os dois um amor de penumbra e de sussurros. Nunca o sol pôde apanhá-los juntos na mesma cama: mal o céu clareava, o amor se interrompia como dava e Emanuel tratava de

voltar para o quarto antes que alguém os pegasse em pecado.

Juvenal Cariri já conhecia o barulho dos dois amantes e, na hora de sempre, olhava o relógio e pensava: “Ele deve estar vestindo as calças. Agora saiu para o corredor”. E, depois disso, ouvia um leve rufar de asas que não podia compreender. Foram tantas as madrugadas repetidas, que Juvenal já se habituara com o cerimonial das despedidas dos amantes, torcendo por eles, pois era ele mesmo um perito nos azares do amor clandestino. Mas, antes de tudo era um curioso, e aquele bater de asas passou a ser o pior dos calvários. Pensou tanto e tanto que, em certa madrugada, resolveu abrir a porta na hora de sempre, quando sabia que Emanuel voltava para seu próprio quarto, apenas para ver de onde vinha aquele barulho suave de paraíso.

Quando o relógio do corredor soou a quinta badalada, Juvenal Cariri remexeu-se na cama, contando os minutos para o fim dos amores do quarto vizinho. Depois, quando achou que era o momento certo, meteu-se no robe vermelho e abriu a porta, fingindo que ia tomar um ar no corredor. Não imaginava muito bem o que haveria de encontrar que desse a explicação para sua angústia, mas nunca – nem na quimera mais absurda de suas noites de pândega – suspeitou do que veria naquela madrugada. Juvenal deu de cara com Emanuel, esplendoroso na sua nudez de anjo pecador, as carnes brilhando no escuro, os olhos embaçados dos amores de há pouco, e as grandes asas dançando ao sabor de alguma aragem celeste. O pobre professor soltou um gritinho, não tanto pelo susto de topar com um anjo, como pela beleza fulgurante do rapaz. Emanuel também se apavorou. Num repente, pego no maior dos delitos de sua vida, tratou de se enrolar nas próprias asas, tentando tapar suas vergonhas do olhar de espanto e cobiça do velho professor. Cariri deu-se conta do sorriso bobo que lhe ficara pendurado no rosto, tratou de recompor-se como pôde e disse para Emanuel, no maior dos conchavos:

– Não se preocupe, meu filho, que sou partidário dos amores clandestinos.

E meteu-se outra vez dentro do quarto e debaixo das cobertas; fechou os olhos e fingiu nunca ter visto o anjo nu e pecador, belo e absurdo, que vira ainda havia pouco no corredor.

Emanuel não contou o acontecido nem mesmo para Afrodite, mas tomou-o como um aviso de que alguma desgraça estava na iminência de acontecer. Passou a ser mais cauteloso com as madrugadas, espiando o corredor antes de seguir para o quarto da rapariga e também na hora de fazer o caminho inverso. Afrodite vivia num marasmo de esperar as alvoradas, deixando o dia passar de qualquer modo, sem mais a fazer do que gastar as horas à espera do amor noturno. Quando andava pelas ruas, via os muitos olhares dos rapazes da cidade, e pedia a Deus que a fizesse enamorar-se de um deles, um que não fosse nada seu, que não lhe tivesse nenhum laço de sangue para que pudesse esquecer Emanuel, o anjo, e ser feliz como todas as raparigas de quinze anos deviam ser. O fato é que Deus não ouviu seus rogos, e quis o destino que as celebrações de amores noturnos dos dois acabasse com a primavera.

Em meados de setembro, Afrodite viu, com um pavor crescente, que sua menstruação havia

falhado. Por não ter com quem falar, procurou Adelaide Alaídes, que a essas alturas vivia já com Ariel. Chegou-se a ela e indagou, como quem não queria nada, o porquê daquele atraso.

Adelaide ouviu-a sem fazer muito caso, e respondeu:

– Não se atente com isso. Deve ser um atraso da idade.

Mas Afrodite insistiu:

– E se fosse com você?

– Comigo? – retrucou Adelaide, sem desconfiar de nada. – Eu tenho motivos para tomar mais cuidado. Você sabe que divido minha cama com Ariel, seu primo. Se fosse comigo, eu imaginaria que estava grávida, meu bem.

Afrodite sentiu o sangue gelar nas veias, mas aguentou firme, fingiu um sorriso e tratou de perguntar a Adelaide o que se fazia para o caso de cortar uma gravidez ao meio. Adelaide tentou recordar-se de tudo que já ouvira. Enumerou uma série de chás, desde canela até teia de aranha, e disse que se devia jejuar, e que isso e que aquilo, e comer a carne de um cordeiro todo preto pulando de um pé só em noite de lua cheia. Adelaide falou e falou, enquanto Afrodite anotava mentalmente todas as opções que tinha para livrar-se da fogueira eterna do inferno.

As angústias da bela Afrodite não passaram despercebidas a Juvenal Cariri, porque tinha ele a percepção aguçada dos efeminados. O mestre tratou de agradá-la com bombons e pequenas prendas para ver se lhe voltava o mesmo riso de aurora de outros tempos, mas a menstruação da rapariga não dava mostras de vir, e Juvenal conseguiu nada mais que uns poucos sorrisos de boa educação.

Afrodite tomou o chá de canela, quente e frio, depois colheu teias de aranhas e ferveu-as como indicara Adelaide. Tomou a mistura toda com o estômago embrulhado, mas com a coragem que lhe era peculiar. E Afrodite degolou sozinha um passarinho branco e não adiantou, pulou num pé só com a lua cheia no céu, e nada. Enjoada de tantas carnificinas e porcarias que ingeriu, gasto um mês em feitiçarias que não resolveram coisa nenhuma, Afrodite caiu numa pasmaceira de horror, e nem Emanuel com todos os carinhos do mundo conseguiu arrancá-la de seus pavores.

– Não fique assim, Afrodite – sussurrava ele. – Eu hei de resolver isso.

Afrodite chorava umas lágrimas grossas e tristes, e respondia:

– Você é anjo, Emanuel. Vai ganhar um indulto de Deus. Eu é que vou para o inferno. – E desatava num pranto de dar dó, tanto que as madrugadas de amores foram substituídas por noites inteiras de choro.

Certa vez, preocupado com a falta dos suspiros dos jovens, Juvenal saiu para o corredor na hora mesma de Emanuel voltar para seu quarto, e qual não foi o seu espanto quando, ao invés de deparar-se com o anjo nu e esplendoroso com os olhos apatetados do amor recente, Juvenal deu de cara com um Emanuel cabisbaixo, completamente vestido, e sem um brilho de amor satisfeito nos olhos de verde anilina. Emanuel viu o velho professor de canto e nem lhe fez caso. Mas, angustiado com a tristeza do rapaz, Juvenal Cariri indagou o porquê daquele desconsolo. Emanuel olhou-o no fundo dos olhos e respondeu:

– Estamos danados, meu camarada. É isso.

E tratou de ir para o refúgio de sua própria cama, enquanto ouvia o choro fino de Afrodite ainda retumbando em seus ouvidos.

Emanuel passou um dia inteiro pensando num modo de resolver a situação e concluiu que a única maneira seria falar tudo ao pai e a Gardênia, quando esta voltasse de sua eterna viagem de lua de mel. Decidiu que haveriam de se casar, nem que para isso tivesse de sair voando em plena luz do sol. Afinal, se era um anjo, ao menos devia ganhar alguma coisa com isso. Resolveu que naquela noite haveria de contar tudo a Afrodite, e diria a ela que iriam juntos ao melhor médico para ver se o filho deles tinha alguma característica horripilante como ela temia. Decidiu que faria qualquer coisa, que desceria ao inferno se fosse o caso, mas que haveria de fazer sua Afrodite feliz. Assim, tranquilo com sua decisão, ficou esperando a chegada da noite para ir ter com a amada e dar um fim no pavor dos últimos tempos. Só que Afrodite passara o dia a desfiar suas lamúrias, e quanto mais as desfiava, mais via que não tinham fim. Chegou à conclusão de que a única saída era morrer, porque não queria ser ela a trazer para a família um monstro de olhos de fogo e bafo de dragão. Se a criança não queria soltar-lhe das carnes, então iriam juntas, as duas, para onde quer que Deus desejasse. Por esse tempo, todas as facas da casa andavam já trancadas a cadeado, afinal, um simples descuido ocasionara a morte de Arnaldo Máximo. A única chave ficava pendurada ao pescoço de Adelaide Alaídes, que era a responsável pelos almoços e jantares. Mas Adelaide andava achando Afrodite muito diferente e não quis lhe dar a chave que a moça pedia. Perguntou, muito de pouco caso, para que a rapariga queria uma faca das grandes, e ela respondeu:

– Para cortar um pano que tenho.

– Para isso lhe dou uma tesoura – respondeu Adelaide, e deu-lhe uma tesourinha de nada.

Afrodite controlou sua ira e foi-se com a tesourinha para o jardim. Sentada perto da fonte, tratou de descobrir um modo de dar cabo de seu intento, nem que tivesse de pedir dinheiro ao tio para comprar um facão de açougueiro. Exatamente quando maquinava isso, o sol meteu-se a reluzir no cabo da adaga de prata de Violeta que estava enterrada ali havia muito tempo, desde que ela decidira aceitar seu destino com Bento Vendaval. Afrodite desenterrou-a e limpou-a dos muitos anos de esquecimento. Quietinha, para não fazer alarde de seu intento, sussurrou:

– O destino tarda, mas chega. É o meu pescoço que você vai cortar – e escondeu a adaga entre os panos do vestido.

Adelaide Alaídes estranhou os modos da menina e foi ter com Ariel. O rapaz ouvia-a entre beijos, afagou-lhe os cabelos de alfazema, e respondeu com a mesma calma que pertencera ao avô:

– Isso são coisas de meninas de quinze anos. Não se atente com isso, meu amor.

Adelaide não se conformou. Disse que Afrodite estava nervosa e que já fazia muitos dias que ela andava esquisita.

– Tinha um brilho de morte nos olhos – sentenciou Adelaide.

Ariel não se comoveu. A prima tinha mesmo uns jeitos esquisitos. Não era nada. Se a rapariga não melhorasse até o jantar, então falariam com Violeta. E Adelaide Alaídes acabou concordando.

Foi um descuido que custou a vida de Afrodite. Durante o resto da tarde, a rapariga passou

trancada no quarto num silêncio de modorra. Emanuel procurou-a pela casa e no jardim, mas acabou pensando que dormia, porque havia muitas noites que ela só fazia chorar. Não se incomodou, logo acabariam todos os problemas e Afrodite voltaria a ser a mesma moça risonha e despreocupada que sempre fora. Deixou-a dormir; à noite falaria com ela.

Mas Afrodite não desceu para o jantar. Violeta, de seu lugar na cabeceira, perguntou pela sobrinha, e Emanuel disse que ela devia estar vindo, porque dormira a tarde inteira. Juvenal Cariri deixou de tomar a sopa, entretido com a conversa.

– Afrodite estava muito estranha hoje – comentou Adelaide. – Pediu-me até mesmo uma faca.

Juvenal cuspiu de pavor:

– Conheço uma tragédia quando vejo uma – disse ele, secando a camisa com o guardanapo. – E essa é uma tragédia do caralho.

Violeta compreendeu-o num olhar, e foram todos para o quarto da menina, empurrando as folhagens do caminho e assustando os gatos com seu pânico. Bento nem bateu à porta, arrancou-a com um encontrão. Quando ela cedeu, descortinou-se o terrível espetáculo de Afrodite caída no chão, degolada de orelha a orelha por um único talho, e tão profundo que só a força de uma grande amor haveria de abri-lo com tamanha perfeição. Estava caída numa poça de sangue e de lágrimas e, apesar de ser terrível a sua imagem de boneca de cera degolada, havia no ar um cheiro de rosas tão doce, mas tão doce que até os canários da casa começaram a chorar de desconsolo.

Emanuel costurou o pescoço de Afrodite para que ela estivesse apresentável no velório, e foi ele também quem a vestiu e penteou, e fez com ela como fazia nos tempos em que eram ambos crianças, que foi quando nascera o amor de fim de mundo que lhe tinha. Durante o derradeiro ritual de entregá-la à morte, Emanuel não derramou uma única lágrima. Contou em voz doce e macia tudo que havia preparado para os dois, todos os planos e sonhos que se iam com ela para baixo da terra.

Depois que acomodaram Afrodite no esquife e que avisaram Gardênia na Itália, começou a desdita de Emanuel, o anjo. Foi uma tragédia simples e pessoal, e nem Ariel pôde arrancá-lo da escuridão para onde lhe voou a alma desconsolada. Emanuel sentou-se numa cadeira de frente para a parede, nu e com as asas caídas, e mergulhou num lamento de lágrimas grossas.

Afrodite foi velada por oito dias, que foi o tempo necessário para Gardênia desfazer todo o caminho que já havia feito. Mesmo assim ela chegou na hora exata em que baixavam a filha para a terra, não porque o corpo da menina se deteriorasse, pois continuava intacto, mas apenas porque o cheiro de rosas não parava de aumentar e a cidade estava sufocada pelo perfume, de modo que a única saída foi enterrá-la de uma vez.

Emanuel chorou sem parar os oito dias do velório, atordoando os gatos e os canários, fazendo com que ninguém dormisse na Praça das Amoreiras. Por muito tempo, a cidade haveria de se recordar do seu choro fino de cem harpas, que era o choro dos anjos. Nem Bento, nem Violeta, nem o carinho manso de Juvenal, nem o próprio choro de mãe de Gardênia, nada pôde dar-lhe um consolo que fosse. Ele ficou ali, chorando sua tragédia de amor, até a hora que voou para o fim do mundo e dele nunca mais ninguém teve

nenhuma notícia. Emanuel partiu sem despedidas e sem avisos. Na exata hora em que todos os olhos acompanhavam o esquife de Afrodite, ele abriu a janela do quarto e saiu voando pelos céus do entardecer. Alguns disseram ter sentido uma chuva fina e passageira que caiu-lhes pelos ombros, e que era em verdade o choro de morte de Emanuel, mas poucos o viram partir para sempre, e foi só Ariel quem soube que se ia o anjo, porque sentiu na carne o seu aviso.

– Alguma coisa se quebrou dentro de mim – disse Ariel para Adelaide, enquanto rezavam no cemitério.

– Deve ser a tristeza – respondeu ela.

– Não, é pior – disse Ariel. – É a separação.

Parte 5

A casa ficou um mês mergulhada num luto fechado e todas as janelas foram atadas com uma fita preta para que quem passasse pela rua se fizesse solidário com a dor dos Flores. Foi uma tristeza da qual não escapou nem Apolinário, porque o velho trancou-se no laboratório do quintal para refazer o cheiro de adeus que deixara Afrodite.

– Deixe disso, avô – pediu Ariel. – Era um cheiro tão doce que quase empestou o mundo inteiro. As frutas apodreceram nos pomares.

Mas o velho não desistia:

– Fique quieto, Ariel. Quem sabe assim volte seu irmão, o anjo.

Apolinário Flores nunca conseguiu sintetizar o perfume de rosas deixado por Afrodite, como nunca conseguira reaver os odores de ninguém da casa. Por fim, quando se cansou das inúteis tentativas de chamar o neto com as rosas, tratou de achar outro modo de reaver o anjo. Apolinário convenceu Naor, que andava já pelos oito anos, a pesquisar com ele o que comiam os seres celestiais. Então, Naor e o avô meteram-se de corpo e alma na tarefa de construir uma grande ratoeira onde pretendiam aprisionar Emanuel para que ele nunca mais fugisse de casa. Instalaram a geringonça no telhado e fizeram iscas de ambrosia, mas de ovos de galinha branca, depois fizeram papos de anjo e mel de eucalipto misturado com o orvalho da primeira lua nova; e fizeram tudo o que descobriram fazer parte da dieta dos anjos. Quando acabaram os itens de pesquisa, passaram a inventar os seus próprios quitutes. Deixavam em cima

do telhado pratos de couve com toucinho, creme de milho com chocolate, uvas de maio, ovos de ganso preto, morangos de estufa e tantas outras coisas que as telhas quase apodreceram com o manancial de oferendas não aceitas. Emanuel nunca voltou e, dois meses depois, Bento Vendaval deu um basta nas loucuras dos dois:

– Estômago cheio não cura coração ferido. Emanuel não volta nunca mais, por isso parem de esvaziar a despensa.

Foi Gardênia quem acabou com o luto da casa, porque cansara de chorar a morte da filha:

– Esse pranto não vai soltar nunca a alma da rapariga. Vamos deixá-la na paz dos mortos – decretou ela, secando as lágrimas.

Proibiu então que se falasse o nome da filha morta para que ela pudesse ir-se de uma vez. Tratou pessoalmente de arrancar as faixas de luto das janelas e foi a primeira das mulheres da casa a colocar um vestido de cor. Mas, de noite, ancorada ao ombro de Diego Rosários, Gardênia chorava a saudade da filha platinada, que não voltaria nunca mais.

– Por isso, eu sempre achei o amor uma bosta – confidenciou ela ao marido.

Violeta nunca disse nada a ninguém, mas passou a ver Afrodite espiando-os das claraboias onde antes Macumba vivia a espreitá-los. Ariel também a viu, porque desde pequenino tinha afinidade com as almas; mas sabia que a prima procurava Emanuel e, certa tarde, quando viu o rosto de boneca degolada observá-lo, disse:

– Não procure Emanuel nessa casa, prima. Ele partiu para o céu, ou para o inferno, talvez.

Afrodite chorou um mês inteiro. Era um pranto silencioso, mas que não escapava aos ouvidos dos gatos, e colocou-os todos em polvorosa. Passavam numa gritaria sem fim, nuns miados longos e finos de desolação, que acabaram pondo Apolinário em desespero. Proibido de pegar as facas, o velho quebrou uma garrafa e, com um caco pontudo, degolou três siameses em pleno choro. Naor encontrou o avô, sujo do sangue de sua matança, e para acalmá-lo tratou de cantar. O menino tinha uma voz de brisa tão fresca que até Afrodite se encantou, tanto que cessou sua choradeira de morta de amor desconsolada. Desde então, acalmou-se para sempre o seu pranto e ela ficou apenas a observar a vida da casa pelos vidros da claraboia; mas seu quarto era mantido a sete chaves. Dali emanava sempre, e cada vez mais intenso, o cheiro de rosas açucaradas que ficou como lembrança de sua desdita.

Juvenal Cariri teve muitos pesadelos com Afrodite, até que se acalmou o pânico daquele amor de malogro. Para ela e seu anjo pecador, compôs uma música tão bela que, anos mais tarde, Naor haveria de vencer o Concurso Nacional de Canto soltando-a pela garganta no auditório do Teatro de Ouro. Depois que pôde se recuperar, Juvenal meteu-se de cabeça nas lições com seu pupilo. Naor exalava uma doçura que contrastava com o negrume de sua pele de ébano. Tinha uns cabelos muito pretos e lisos que lhe caíam até quase os ombros, os olhos de cristal, os traços do rosto tão suaves como os de um anjo de

sacristia, e tudo isso lhe dava um ar de absurdo; mas quando o menino soltava sua voz de tenor, nada mais parecia importar nele todo, de modo que sua aparência era só um detalhe. Foi por esse tempo que Naor cantou pela primeira vez em praça pública, nas festas para Nossa Senhora Aparecida. Depois que ele acabou de cantar a Ave que lhe cabia, foi difícil que se continuasse a cerimônia, pois todos estavam numa emoção incontável. Naor foi cercado pelas pessoas que queriam tocar seu rosto e pedir um aperto de mão, porque achavam que semelhante voz só poderia ser mesmo um dom divino e que ele sim, e não Emanuel, era o verdadeiro anjo da família Flores.

Juvenal Cariri acompanhou tudo com um riso de gaita na boca. Sabia que era apenas o início do sucesso de seu pupilo. Disse a Gardênia que o filho haveria de ser um grande astro, um cantor de multidões.

– Vai ser o rei do país.

Gardênia respondeu:

– Melhor que seja amado do que sofra por amar. Me cuide dele com zelo, Juvenal, senão lhe arranco as vergonhas.

Dois meses mais tarde, Gardênia e Diego retornaram à viagem que haviam deixado pelo meio com a morte de Afrodite. Na estação, quando Gardênia despediu-se do filho, falou:

– Olhe Naor, não me apronte a mesma falseta que a sua finada irmã, porque mais uma dessas e me fodo de vez.

Naor beijou-lhe os cabelos de incêndio. Pediu que a mãe não se incomodasse, porque tinha por único amor a música e não era dado a suicídios. Gardênia partiu feliz, de braços dados com o marido, berrando uns adeuses de alegria, enquanto sacudiam ao vento seus cachos vermelhos onde o sol se espelhava.

Foi aos poucos que começaram a surgir as primeiras pessoas na Praça das Amoreiras. Vieram movidas pela curiosidade e acabaram ficando para ouvir as cantorias vespertinas de Naor. Logo virou um ritual que ele fizesse suas aulas no jardim para que seus fãs pudessem observá-lo.

Um dia, Bento Vendaval voltava do armarinho quando se deparou com a pequena multidão em frente à sua casa. Teve medo de que alguma outra tragédia houvesse acontecido, mas logo se informou com um senhor que se acotovelava para chegar mais perto. O homem explicou:

– Não é caso de desgraça, meu amigo. Vai começar a aula de canto de Naor, o rei.

E Bento Vendaval compreendeu que haviam perdido de vez a calma dos velhos tempos. Mas Violeta não se impacientou, porque era uma das que ficavam ouvindo o sobrinho cantar, emocionada.

– Deixe-o, Bento. Pelo menos o louco não é ele, são os outros.

Naor cantou em todas as quermesses da cidade e das redondezas, lotou todas as praças e todas as igrejas, e assim sua fama acabou chegando à Capital. Certo dia, Adelaide Alaídes atendeu o carteiro,

coisa que não fazia sem um certo aperto no coração, e recebeu um telegrama dourado e cheio de recomendações. Era um telegrama para Naor, escrito pelo punho do próprio governador, e que o convidava a cantar nas confraternizações do aniversário da primeira-dama.

– E agora? – perguntou Naor a Juvenal Cariri.

– Agora vamos que é a sua chance – respondeu o mestre.

Ariel deixou o primo e Cariri na estação, e foram-se os dois para a Capital. Naor foi recebido com glórias de um grande artista, flores e o aperto de mão do próprio governador, que fez questão de esperá-lo pessoalmente. A comitiva encantou-se com seus ares de príncipe africano e com seus olhos de contas azuis e, quando Naor falou, todos puderam comprovar que a voz do rapaz não era mesmo desse mundo.

Naor foi instalado junto com Juvenal num grande quarto com vista para um roseiral, recebeu roupas novas e as atenções de um papa. Ali ficou até a hora da festa, quando entraria sentado numa cadeira dourada, cantando suas muitas canções para os convidados do governador. Mas o rapazinho estava muito nervoso e, quando adentrou o grande salão repleto de pessoas ilustres, suava feito um condenado à forca, e suava tanto que o terninho já estava todo ensopado. Mas era um suor de hortelã, de modo que o salão encheu-se do cheiro que emanava de Naor e todos ficaram ainda mais curiosos com o menino. O governador aplaudiu-o com elogios de caderneta, e fez-se silêncio esperando que o jorro da voz dele tomasse o ambiente. Mas Naor nada de cantar. Foi aplaudido uma vez, e nada. Os convidados, achando que aquilo era apenas protocolo do virtuoso menino, tornaram a aplaudir ainda com mais fervor, e Naor continuou mudo. Atrás do palco, Juvenal Cariri quase se desmunhecava todo de pavores, incitando o aluno para que soltasse seu vozeirão de tenor. Mas Naor continuava mudo, e Juvenal, num desespero de agonia, sussurrou:

– Canta, moleque, senão o governador vai cagar nós dois a pau.

Juvenal cuspiu com cuidado essas palavras, mas era tamanho o silêncio no salão que sua voz ecoou por todos os lados, bateu em cada um dos convivas e tornou a voltar para dentro da sua boca; e Juvenal mijou nas próprias calças tal a sua vergonha. Naor continuou sério: tentava encontrar dentro de si a calma de suas cantorias caseiras, e nem escutou os desaforos do professor. Viu, isso sim, bailando entre a plateia muda, o rosto de boneca alada de sua irmã Afrodite, que também estava ali para ouvi-lo. Então Naor soube que cantaria para ela, desatando de um único nó toda a sua voz de trovão.

O menino cantou tanto e tão bem que fez chorar até o próprio governador. Mas, no fundo de sua alma, cantava apenas para Afrodite. No fim do recital, o governador, banhado em lágrimas, agradeceu a emoção e ainda disse:

– Mas não sou homem de pôr medo em você, porque nunca mandei cagar nenhum anjo a pau.

E Juvenal Cariri correu para o toalete, antes que se molhasse todo uma outra vez.

Foi o início de uma carreira meteórica. Naor Flores enlevou tanto os convivas do Governador, que esse o indicou ao próprio Presidente da República. Assim, dois meses depois, Naor cantava na Festa de Independência, aclamado por todos e fazendo chorar multidões patrióticas.

Na Praça das Amoreiras, Ariel chegou com uma grande caixa. Adelaide Alaídes quis saber o que era.

– É um rádio para que possamos ouvir Naor. Estou com saudades dele.

Violeta notara o súbito desaparecimento do fantasma de Afrodite desde que Naor saíra em viagem, e resolveu mexer nas suas cartas de ver o futuro em busca de uma explicação. Foi então que soube que a sobrinha acompanhava o irmão, porque achava que a fama dele seria tão grande que haveria de alcançar céus e infernos e, assim, numa dessas andanças, ela encontraria seu amado Emanuel, onde quer que ele estivesse.

Dias depois, à hora do jantar, Bento Vendaval largou os talheres e disse, cheio de tristeza:

– Agora somos só cinco. Esta casa está tão vazia que me faz perder o apetite.

Apolinário riu-se do genro e respondeu:

– Por mim, nem me contem mais. Logo que Deus me dê uma chance, morro de vez.

Mas Adelaide Alaídes e Ariel andavam ainda mergulhados nos mesmos ardores de outrora. Passavam as madrugadas inteiras navegando-se feito barcos à deriva, inventando novos jogos de amar, virando-se do avesso e revirando-se outra vez, até que Adelaide contou nos dedos suas regras e anunciou:

– Vai aumentar o pessoal. Estou grávida de Ariel.

Foi uma comemoração de poucos convidados, enquanto o rádio transmitia a voz de Naor diretamente da Capital, onde ele disputava o Concurso Nacional de Canto. Bento Vendaval estourou uma champanha em homenagem ao primeiro neto, pois nunca ninguém soubera que Afrodite se matara com um filho de Emanuel na barriga. Cantaram e beberam todos até quase o dia raiar, quando então Bento pediu que se fizesse silêncio: chegava a hora do rádio anunciar o vencedor do concurso. A atenção de todos se voltou para o aparelho, enquanto o locutor fazia os suspenses habituais que precedem todos os resultados. Apolinário Flores, num acesso de lucidez, agarrou a caixinha falante e a colocou ao ouvido, tamanha sua expectativa de avô. Então, em meio ao rufar dos tambores, ouviu-se o nome de Naor Flores. O velho perfumista quase morreu de felicidade.

– E dizer que fui eu que ensinei esse negrinho a falar – resmungou Adelaide, emocionada.

Depois que venceu o Concurso Nacional, Naor foi convidado a cantar em todos os países vizinhos. Meteu-se, então, numa viagem sem fim, acompanhado por Juvenal Cariri, que nunca lhe desgrudava o olho. Levava na bagagem as fotografias do avô, da mãe e de Afrodite, e uma saudade tão ardida das aulas de tardes inteiras no jardim dos fundos, que andava até meio branco o seu pretume luzidio. Era aclamado

por onde passasse, e chamavam-no de “O Rei”. Nas escolas, as raparigas faziam rifas imaginárias para sorteá-lo como um troféu. Ninguém se incomodava com seus ares exóticos, mas queriam sua beleza de anjo de ébano e a voz de ouro que encantava o mundo inteiro.

Naor era um rapaz quieto e meio tristonho, apenas se alegrando quando se punha a cantar, vivendo em cima dos palcos e sem outro objetivo. Quando tinha treze anos, Gardênia foi assisti-lo num teatro, porque ocorreu a coincidência que andava pelas mesmas terras que o filho. Depois do espetáculo, foi ter com ele nos camarins e achou-o triste e abatido. Tratou logo de xingar Juvenal Cariri, dizendo que não havia sucesso e nem dinheiro no mundo que comprasse a saúde de ouro que o filho tinha quando vivia em casa. Mas Juvenal respondeu que o rapaz comia bem e dormia todas as horas de se dormir e que não tinha nada que pudesse ser achado por um médico.

– Ontem mesmo foi examinado pelo doutor – garantiu Juvenal.

Gardênia deixou o marido de conversas com Cariri e fechou-se com o filho numa saleta. Só então reparou como ele havia crescido nos anos em que estivera fora. Naor não era mais um menino, era quase um homem, com seus grandes olhos de pestanas longas e seus ares de abandono. Perguntou se tinha alguma coisa, se lhe doía o corpo. Naor disse que não, que não sentia nada. Gardênia não se deu por achada e continuou a perguntar de tudo e disse que ficariam os dois ali até o fim do mundo, porque só havia de deixá-lo quando ele contasse o que o incomodava.

– É que ando com medo – confessou Naor.

Disse para a mãe que acordava mergulhado nuns charcos de suor, que sentia uns calores no baixo-ventre e uns arrepios de pânico, e que as raparigas queriam beijá-lo pelas ruas. E o pior era que ele desejava retribuir-lhes todos os anseios.

Gardênia deu uma de suas risadas de cortesã, e falou:

– Puta que pariu. Você está virando homem, e isso não é nenhum problema.

Mas Naor respondeu que nunca se havia esquecido da morte da irmã, que cantava para ela todos os dias em todas as muitas apresentações que fazia, e que agora que era quase homem, tinha medo de vir a amar e morrer de amor como morrera Afrodite.

– Além do mais, mãe – continuou ele – você passou a vida inteira maldizendo o amor.

Gardênia tratou de ver se a porta estava bem fechada para que ninguém, nem mesmo Diego ouvisse sua confissão, e respondeu numa derrocada única na vida, pois nunca mais repetiu o que disse para Naor:

– Tudo tolice, meu filho. Só vale a pena viver essa vida se for por amor. Por nada mais.

No dia em que as primeiras contrações assaltaram Adelaide, caía uma chuva fina e fria. Nervoso, Ariel pôs-se a imaginar como seriam seus filhos. Depois de tantos parentes estranhos, e até de um irmão anjo, ele andava preocupado. E se a esposa parisse bebês com rabos de peixe ou vozes de harpa ou qualquer outra loucura genética?

Violeta viu o sobrinho fazendo desenhos estranhos no vidro embaçado da janela, e perguntou:

– O que está incomodando você, Ariel?

Ele explicou à tia os seus temores. Disse que andava sonhando com meninas que cheiravam a lírios e com Rosa, a bisavó, que lhe falava dos muitos fantasmas que encontrara nos estreitos labirintos do além.

– Tenho medo que alguma alma perdida tenha se metido para dentro da barriga de Adelaide – disse ele, angustiado. – Essas claraboias vivem cheias de fantasmas.

Violeta rechaçou todos os medos de Ariel com a calma que lhe era peculiar. Ademais, Adelaide tivera uma gravidez pacata e boa e nunca sentira nem um desejo durante as muitas madrugadas de sua gestação. Ariel acalmou-se um pouco, e Violeta prometeu que veria nas cartas o futuro das crianças que estavam a caminho.

Adelaide Alaídes trouxe para o mundo Rosa Maria e Emanuela no primeiro dia do mês de maio de 1946, enquanto um chuvisco fino e disfarçado tamborilava nas vidraças e o rádio espalhava a voz de Naor numa canção de boas-vindas às sobrinhas. Foi um parto rápido e fácil, mas o médico se assustou ao ver que as meninas estavam de mãos dadas dentro da barriga da mãe. Eram tão unidas que, quando uma nasceu, tratou de puxar a outra pelo braço.

Bento Vendaval chorou de emoção ao ver que as duas crianças eram perfeitas.

– São suas netas também – disse ele à mulher de seus amores – porque você criou Ariel como se fosse um filho.

Violeta virou e revirou as duas meninas procurando algum sinal de que haviam nascido diferentes. Cheirou-as daqui e dali, mas tinham o cheiro comum dos recém-nascidos. Não contente, tratou de chamar Apolinário para que ele cafungasse as bisnetas.

– O pai pode estar caduco – sussurrava ela pelos corredores – mas sabe farejar como ninguém.

O velho reclamou e reclamou. Estava ocupado: queria caçar uma lagartixa que andava passeando pelo laboratório, mas capitulou e foi ver as crianças. Apolinário examinou bem as gêmeas, lhes lambeu os dedinhos, cheirou as solas dos pés, botou as meninas na maior choradeira de tanto remexê-las, e nada.

– Têm cheiro de gente comum – disse ele, decepcionado, e se escapou para os fundos da casa.

De fato, as duas tinham os ares de qualquer criança. Uma leve penugem dourada lhes cobria a cabecinha redonda. Tinham a mesma pele alva que Rosa Arcádia ostentara em vida. Alguns dias mais tarde, quando abriram os olhinhos, Violeta reparou que suas retinas exibiam o mesmo tom de avelã dos olhos de Margarida, a que fugira para sempre.

– Vieram cheias de recordações dos que já foram – disse Violeta, emocionada.

Adelaide Alaídes procurou nas duas filhas uns poucos traços de si; encontrou apenas o nariz fino e arrebitado, todo o resto era mesmo dos Flores. Ariel teve pena da esposa e disse:

– Esqueça isso, Adelaide. Você nem conheceu sua família. Talvez as meninas sejam parecidas com a sua mãe.

E falou que rezava todas as noites para que as gêmeas tivessem herdado o mesmo tino que ela

tinha, porque a família dele era repleta de loucos de amor.

Violeta abriu as cartas de ver o futuro para saber o que estava reservado às duas netas; o baralho lhes prometeu alegrias e umas vidas longas e cheias de felicidade. Bento Vendaval suspirou aliviado:

– Chega de mortes de amor e coisas do outro mundo.

Então, Adelaide Alaídes meteu-se nas lides da maternidade com o afinco que lhe era peculiar. Sem saber que agia como agira Rosa, a defunta, reconstruiu sozinha o quarto que pertencera a Ariel e Emanuel, e redecorou-o inteiro para as duas meninas. Pintou as paredes de cor-de-rosa e encheu a peça de bonecas e bichos de pano. Proibiu que se gritasse pelo corredor, e que Apolinário fizesse qualquer alarido enquanto Rosa Maria e Emanuela dormiam, que era para ver se mantinha intacta a calma das duas filhas.

– E não me contem para elas nenhuma das histórias trágicas que aconteceram aqui – pedia Adelaide. – Nem falem do anjo, para que elas não tentem se jogar pela janela.

Apesar de todos os cuidados da esposa, Ariel não conseguia domar seus medos. Todas as noites, quando a casa estava mergulhada no silêncio das madrugadas, arrastava-se para fora da cama e ia ter com as filhas. No início, Adelaide Alaídes lhe estranhou os modos.

– Onde você vai numa hora dessas, Ariel? – perguntava, tonta de sono.

– Vou ver Rosa Maria e Emanuela – e sumia-se no escuro do corredor.

Adelaide, achando que os medos do esposo eram apenas zelo em excesso, remexia-se e tornava a dormir. No quarto ao lado, Ariel virava e revirava as gêmeas, e lhes cheirava o hálito e examinava suas fraldas sujas. Tinha medo que durante a madrugada elas sofressem alguma mutação inexplicável. Mas as meninas iam bem, e de tão tranquilas nem choravam quando o pai as acordava com seus acessos de pânico.

De tanto mal dormir, Ariel emagreceu. Ia tão atarantado com as alegrias e temores da paternidade, medindo o crescimento das filhas e lhes testando a coordenação e os reflexos, que não conseguia notar que era ele quem enlouquecia aos poucos.

Violeta preocupou-se e foi falar com Adelaide.

– Eu bem sei – disse a moça, dando de mamar a Rosa Maria. – Mas preciso cuidar das gêmeas e da casa. Não tenho tempo nem para o amor.

Meses depois, vendo que o pânico do sobrinho não cedia, Violeta chamou-o num canto e disse:

– As gêmeas são perfeitas, Ariel. Deixe que elas cresçam em paz.

Ele confessou à tia que não dormia e que comia pouco, tudo porque sentia um medo de morte que as filhas acordassem com os cabelos verdes ou tivessem apetite de samambaias.

Violeta achou graça.

– Não vai acontecer nada disso, meu filho – disse ela. – As cartas garantiram, e Macumba me chamou ontem para confirmar o baralho.

– Macumba é um fantasma tão velho que deve ter caducado.

Violeta insistiu com o sobrinho, dizendo que ele era quem andava meio demente, e que, se

continuasse com tantos medos, iria enveredar pelo mesmo caminho de Apolinário.

Depois que as meninas nasceram, o tempo confundiu-se inteiro, porque o sol inclemente que ardia sobre a cidade sumira. O céu se acinzentou e não era raro que chovesse por dias a fio. Bento Vendaval estava na sala, queixando-se do mau tempo, quando começou o burburinho.

– Já sou velho – dizia ele. – Essa umidade está me atacando o reumatismo.

Calou-se, mas Violeta o ouvia como se ele ainda continuasse a falar.

– Quê? – indagou ela.

– Eu não falei mais nada, Violeta.

Ela largou o bordado e replicou:

– Se não é você e não sou eu, então quem está falando?

Foi aí que Bento escutou. Era um burburinho distante e fino, que ia mais alto do que o som monótono da chuva. Era uma conversa de ninguém que ia crescendo e crescendo, até que Ariel e Adelaide aparecem na sala, e um deles perguntou:

– Afinal, de quem é essa falação?

Bento Vendaval garantiu que da casa não era, de modo que a única chance de saber era saindo para a rua. Calçou-se com as botas de chuva e foi ver o que estava acontecendo. Voltou uma hora mais tarde, ensopado até a alma, mas com um sorriso grudado no rosto.

– Afinal – perguntou Violeta – o que anda acontecendo?

– Esse burburinho nada mais é do que a falação do povo. Andam dizendo por aí que Naor está para chegar.

Com a notícia, se meteram a organizar a casa, Até Apolinário contribuiu com a faxina, porque “O Rei” merecia ser recebido com todas as honras. Mas, por mais que se limpasse, a chuva tratava de mandar toda a sujeira de volta.

Naor chegou pela madrugada: era o único modo de entrar na casa de sua família sem causar um alvoroço na cidade. Juvenal Cariri veio na frente, abrindo caminho pelas ruas desertas para o grande astro nacional. Foi ele quem abriu a porta da casa e quase morreu degolado, porque Apolinário, com o sono leve dos velhos, ouviu os barulhos noturnos e tratou de receber o intruso lhe espetando um caco de vidro afiado na garganta. Juvenal se mijou todinho, achando que não escaparia das loucuras do perfumista, mas Naor o salvou:

– Calma aí, avô. Somos nós, Naor e Cariri.

Apolinário abaixou a guarda, mas ainda disse:

– Não minta para mim. Naor estava dentro do rádio agora mesmo.

O cheiro de hortelã do neto serviu para lhe acalmar o ânimo, e Apolinário jogou o caco de vidro fora. A gritaria do velho acordou o resto de casa, e Naor pôde amansar as muitas saudades que sentia de

todos. Disse que vivia num vaivém de dar pena, mas que era feliz por causa da música. Levava com ele a alma da irmã, mas a convencera a não participar da visita para que não caísse outra vez num pântano de saudades sem fim. Depois, pediu para ver as sobrinhas: se aventurara da Capital até a Praça das Amoreiras apenas para conhecê-las.

Mal as duas meninas viram o tio, desataram na maior alegria, e era como se o tivessem conhecido desde sempre. Naor se encantou com seus cabelos loiros e seus risos de porcelana e achou-as tão belas quanto fora Afrodite. Juvenal Cariri também amou-as com uns ardores de bicha velha, e rolou com elas pelo chão numas brincadeiras sem fim que despertaram ciúmes no velho Apolinário, que pediu para entrar no jogo. Depois, Cariri pegou da cartilha e quis ministrar-lhes a primeira aula de canto, que era para que crescessem já com boa voz.

– Deixe-as, Juvenal – pediu Ariel. – São muito novas pra isso.

O professor encerrou a lição, sem notar que o problema de Ariel não era a idade tenra das filhas, e sim o medo de perdê-las para o sucesso.

Naor ficou uma semana em casa, brincando com as meninas e lhes dando os caldos e as papinhas, ninando-as com sua voz de menestrel e seus braços de pelúcia, com um carinho que se acumulara durante as tantas viagens de um lado para outro. Seis dias depois, Juvenal Cariri avisou que era a hora de voltarem, porque o Presidente o queria cantando na festa da Esperança Nacional.

– Que festa é essa? – perguntou Bento.

– É uma festa onde todos vão andar em procissão para pedir pelas suas esperanças mais remotas. E

Naor vai embalar a caminhada – respondeu Juvenal.

– Quero ir – disse Apolinário.

Naor abraçou o avô louco e decrépito, mas que seria sempre o companheiro de sua mais tenra infância, e perguntou:

– Pra quê, avô?

– Quero pedir pra morrer.

Naor ficou tão transtornado que dividiu com Apolinário uma samambaia já meio murcha e, com a boca cheia de folhas, desabafou:

– O dia em que o senhor morrer, avô, fico um mês inteiro sem cantar.

E os dois passaram juntos a noite em claro, vomitando a comilança de jardim.

Rosa Maria e Emanuela, apesar da grande semelhança que tinham entre si, não eram iguais, porque Rosa tinha os mesmos cachos que Gardênia, e Emanuela tinha os cabelos lisos. Da calma dos primeiros tempos, passaram a uma agitação furiosa; viviam pondo a mãe à beira da loucura, pois não estavam nunca no lugar onde haviam sido deixadas. Adelaide queimou muitas panelas de comida por sair correndo atrás delas ao vê-las puxando o rabo de um dos gatos ou tentando subir na fonte do jardim.

Certa vez, Bento comentou:

– Há de se dar um jeito nessas raparigas. Encontrei um dos canários dentro da cristaleira.

Mas ninguém podia com as duas. Viviam procurando novidades pelos quartos esquecidos. Numa tarde de modorra, trancaram-se na peça que pertencera a Macumba, e lá soltaram, juntos, os gatos e os canários. Foi uma gritaria tão grande, e tanta sujeira de sangue e de penas, que passaram um mês tendo pesadelos. Depois desse episódio, abandonaram de vez os animais da casa e passaram a se interessar pelo bisavô. Rosa Maria e Emanuela se divertiam a vigiar o velho Apolinário, e o seguiam durante todas as horas do dia, escondendo os chinelos dele e trocando o seu pijama pela camisola de Violeta, de modo que o pobre ancião se achava ainda mais caduco do que estava.

– Puta merda – berrava o velho ao ver as bisnetas na curva do corredor. – Essas duas não me largam.

Mas ele as amava com um fervor de fim de vida, e vivia dizendo que eram elas e Naor as suas únicas alegrias de velho. Ariel lhe deu o rádio de presente, e todo o dia Apolinário escutava a voz de furacão do neto com uns ares de santo enrugado. Era uma hora solene, e ninguém se atrevia a interrompê-lo em seus serões musicais, sob pena de ver o velho ter um ataque de cólera do tipo que acabara com Arnaldo Máximo, o carteiro.

Por esses tempos, chegou na Praça das Amoreiras um bilhete dizendo que Margarida Flores, a que desaparecera, havia morrido de uma crise de fígado por uns goles a mais, que já se acumulavam desde muito; mas que partira feliz e em companhia dos três maridos que arranajara e mais de um quarto, um amante de sextas e tardes mortas de feriado, porque até a última hora foi incansável em seus ardores. Junto com o telegrama, veio também um breviário que a morta usara durante toda a vida e que era destinado a Violeta.

Foi uma despedida sem choros, pois havia muito que não viam a coitada. Apolinário Flores nem se recordava mais de Margarida. Bento buscou uma velha fotografia e mostrou ao sogro, mas ele respondeu:

– Ora, essa era Geraldine, minha mãe.

– Mas como é possível – retrucou Ariel – que o avô se lembre da mãe e não saiba quem era a filha?

Apolinário ficou furioso. Rasgou no meio a fotografia e saiu esbravejando:

– A merda de ser um velho de oitenta anos é que não se é dono nem da própria memória – e foi ouvir o programa de Naor trancado no quarto.

Rosa Maria e Emanuela viviam num mundo próprio, com linguajar e manias que só as duas conheciam. Eram tão unidas entre si que, às vezes, uma começava a falar e era a outra quem acabava terminando. Comiam sempre a mesma coisa e vestiam-se com as mesmas roupas, e a única sorte era a diferença dos seus cabelos. Aos três anos de idade, Adelaide começou a ensinar-lhes as coisas da vida. Mais tarde, passou para as coisas da matemática e da biologia e, por fim, entrou com elas no mundo da história e da física. As duas pouco se interessavam pelas aulas da mãe, ficavam ali por simples dever. Enquanto Adelaide discorria sobre isso ou aquilo, olhavam pela janela e cuidavam todos os gestos do

bisavô em suas brincadeiras no jardim. Mas quando Adelaide lhes tomava as matérias, sabiam responder tudo, porque soltavam a mente, mas deixavam os ouvidos parados a ouvir as falas da professora.

Quando completaram quatro anos, Rosa Maria e Emanuela descobriram o velho laboratório do fundo do quintal. Foi para elas a maior alegria aquele manancial de potes e cheiros, e ali se meteram por tanto tempo e com tamanha garra, que Ariel tinha de arrancá-las de lá aos sopapos para que fossem dormir. Saíam fedendo do cheiro de éter e sujas de azul de metileno até os cabelos, mas tão felizes que o pai sempre permitia que voltassem no dia seguinte. Foi a grande alegria de final da vida para Apolinário. O pobre velho passou a meter-se no seu refúgio junto com as gêmeas, para iniciá-las nos mistérios fragrantes dos bons odores. Certa tarde, contou-lhes que Rosa, a bisavó, tinha um cheiro de alvorecer e de orvalho, um cheiro de vida que fazia cócegas na ponta do nariz. As meninas ficaram curiosas. Apolinário, empolgado, falou que também as tias haviam nascido com seus cheiros de flor, mas que acabaram se perdendo com os anos, e que Afrodite, a que se matara de amor, fora a morta mais perfumada de todo o mundo. Só havia sido enterrada porque seu cheiro de rosas era tão forte que ameaçava apodrecer a cidade.

– E Naor – disse Apolinário – tem um suor de hortelã, que deve ser o modo de suar de Deus.

Rosa Maria e Emanuela nunca haveriam de se esquecer da falastrina do bisavô, porque se abriu para elas um leque de magia que nunca imaginaram existir na velha casa da Praça das Amoreiras. Desde aquela tarde, meteram-se com ele numas pesquisas fragrantes, tentando reaver os cheiros da família. Ao saber da nova atividade das gêmeas, Ariel ficou apavorado. Mas, apesar de todos os seus medos, as meninas continuaram crescendo feito crianças normais e nunca tentaram imitar uma das muitas loucuras cometidas pelo resto da família.

Aos dezessete anos, Naor era um homem alto e vistoso, com sua tez de ébano e seus grandes olhos de mel. Não podia andar sossegado pelas ruas: logo o cercavam as multidões que o amavam com a ferocidade de loucos; e só viajava disfarçado para poder ir de um lado a outro com uma réstia de paz. Era “O Rei”, e por ele digladiavam-se os governadores e as raparigas de escola. Era ele a fazer os sorteios da loteria, porque só tinha graça ouvir os números da sorte se fosse a voz do Rei a cantá-los; era ele a anunciar a miss anual e ele também era o encarregado de abrir a grande marcha do Dia da Pátria. Quando se fez uma pesquisa pelas ruas para saber quem era o mais conhecido do povo, “O Rei” venceu até o Papa. Só perdeu para Agenaldo Agenor, apenas porque, naquele ano, Agenaldo havia matado e estuprado todo um convento de freiras, e ainda saíra nu pelas ruas, abraçado a uma noviça de quem se apiedou. Foi um reboliço na Capital. Agenaldo, de trato com a tal freirinha, usou-a como refém e pediu que um carro os levasse para fora do país, onde então se casariam e viveriam felizes para sempre. O povo acompanhou todo o drama da freira e de Agenaldo, ora torcendo pela polícia, ora pela freirinha (que ninguém sabia estar de conchavo com o matador), ora até mesmo pelo próprio Agenaldo. Mas

Aginaldo Agenor foi morto num tiroteio no qual morreu também a noiva de seus amores. Foi uma morte de cinema, e ele ficou tão conhecido que chegou a ganhar o primeiro lugar na memória nacional. Mas, nos anos seguintes, Naor foi eleito o mais admirado homem do país, e Juvenal Cariri já pensava até em candidatá-lo à presidência da República.

– Seu discurso de vitória podia ser em forma de canção – dizia Juvenal, empolgado.

Naor lhe cortou o sonho pela raiz. Política e música nada tinham em comum. Ele era um artista, não um homem de estratégias. Queria cantar, só isso. Era pela música que Naor suportava as fugas no meio da madrugada, a vida de hotéis, a fortuna que só lhe dava desgosto porque tinha sempre que investi-la mais e mais. Juvenal Cariri conformou-se, e também a morte interpelou-o antes que tivesse outra ideia para o futuro do pupilo. Numa tarde em que ele andava pela rua com seus brilhos de bicha e seus óculos dourados, esbarrou num assaltante que fugia de uma joalheria. O gatuno agarrou-o para escudo da polícia. Depois de tantos anos de discreta fama, quando vivera nas sombras do Rei, Juvenal Cariri morreu com a cara estampada em todos os jornais, porque era uma violência absurda que um pobre cidadão fosse morto em plena calçada por um assaltante ensandecido.

Naor pranteou-o a seu modo, e foi um colapso nacional quando souberam que o morto era o secretário do Rei. Até o próprio assassino pediu desculpas no noticiário, pois nunca quisera causar mal ao Rei, sua única alegria de homem do crime. Mas Naor aceitou o disparate da vida sem reclamar. Enterrou Juvenal Cariri numa grande cova do cemitério mais caro da Capital, e fê-lo com todos os seus brilhos e lantejoulas para que fosse para o outro lado vestido com o gosto que lhe era peculiar.

Dois dias mais tarde, Naor organizou um concurso para encontrar outro assessor. Foi a loucura do ano: todas as mulheres do país quiseram se inscrever para a sorte grande. Naor cortou daqui e dali e pediu só loiras e só com vinte e cinco anos feitos no mês de junho. Depois só as que tivessem olhos castanhos; até que restaram apenas duzentos e vinte candidatas para o cargo. Naor entrevistou-as pessoalmente e dispensou todas as que desmaiaram ao ouvir sua voz de veludo, restando apenas cento e vinte. Depois, mandou embora as que pediram autógrafos, e ficaram oitenta. Trinta quiseram fotografá-lo e foram excluídas da seleção. Restaram apenas cinquenta moças que Naor entrevistou com uma paciência digna dos bons tempos de seu avô. As que lhe piscaram ou deram sorrisinhos de amor foram mandadas para fora e, tirando daqui e dali, restou apenas uma.

– Qual é o seu nome? – indagou Naor, exausto.

– Jandira – disse a rapariga.

Naor perguntou o porquê dela ter escolhido aquele emprego. Jandira deu de ombros e respondeu:

– Porque eu preciso sustentar quatro irmãos.

– Está contratada – disse Naor, rindo de feliz.

Foi o começo de uma parceria que se estendeu por todos os lados da vida de Naor. Jandira tinha vinte e quatro anos, quase oito a mais do que o Rei, mas era tão miúda de corpo, tão suave de olhares, que quase parecia uma criança. Filha natural de mãe morta, criava os irmãos que lhe haviam ficado de herança. Jandira tinha pouco estudo, mas a determinação de um exército. Organizou a agenda do Rei com

perfeição de mestre e acabou de aprender o que lhe faltava sob orientação do próprio Naor, porque ele se encantou com a moça numa ida sem volta. Feliz da vida, “O Rei” começou a cantar melhor ainda. Nessa fase nasceram suas melhores composições: as fazia durante a madrugada, anotando a inspiração nas costas de Jandira, e depois lambendo cada anotação para que elas lhe grudassem na língua e nunca mais saíssem dali.

Na festa do sexto aniversário das gêmeas, Bento Vendaval teve um derrame cerebral e caiu de cara no bolo. Emanuela, acostumada a levar as broncas por tantas artimanhas, tratou de se defender quando viu o avô com a cara despencada no merengue:

– Eu não fiz nada, juro.

Só Apolinário achou divertido o caso, rindo uns risos de velho louco. Violeta começou a chorar e envelheceu dez anos num minuto, até seus cabelos chegaram a perder a cor. Mas Ariel pulou por cima da mesa e agarrou o pai.

– Me chame um médico, Adelaide, que o pai ainda respira – pediu ele.

O médico levou Bento Vendaval para o hospital, onde ele ficou internado por dois meses, dez dias e dezoito horas que Violeta contou como se fossem séculos; mas não morreu. Voltou para a casa plantado numa cadeira de rodas, de onde nunca mais haveria de sair; mas voltou são e com os mesmos olhos verdes que fizeram Violeta ameaçar dar um talho no pescoço, trinta anos antes.

– Eu já era um aleijado, agora piorei – disse Bento para a esposa. – Pelo jeito, vou partir aos poucos.

Violeta deu de ombros, porque amava-o com toda a alma. Abriu as cartas de ver o futuro e lhe garantiu que não. Morreriam juntos e abraçados, e morreriam de comum acordo no dia em que bem escolhessem, porque era o indulto de Deus por tantos sofrimentos de amor.

Bento beijou-a na boca e sussurrou que ela estava ainda mais bonita, com os cabelos branqueados pelo susto de perdê-lo.

Gardênia e o esposo chegaram à Praça das Amoreiras no fim do ano de 1958, e espantaram-se com as duas raparigas de cabelos platinados e risos de querubim, que andavam por esse tempo com seus doze anos de folguedos. Atrás delas vinha Apolinário, tão enrugado e decrepito que Gardênia demorou a reconhecê-lo; mas o velho berrou tantos palavrões que ela soube: aquela pilha de ossos desbocados só podia ser mesmo o pai.

– Ainda aí, pai? – perguntou ela, rindo.

– Deus me quer pra semente – retrucou o velho com um riso desdentado.

Diego Rosários assustou-se quando viu a velhice do sogro e o achou semelhante a um fantasma. Abraçou-o com todo o cuidado, pois teve medo de esmagá-lo com seus músculos, tão frágil lhe pareceu o pobre Apolinário. Quando Emanuela e Rosa Maria chegaram, o velho pôs-se a correr com a mesma disposição das bisnetas, dando voltas pelo jardim e fazendo respingos com a água do chafariz.

– Seu Apolinário deve ter uns cem anos, mas ainda está cheio de energia – capitulou Diego.

Gardênia encantou-se com as sobrinhas de cabelos platinados, porque elas lhe recordaram a filha morta. Puxou Adelaide para um canto e disse:

– As meninas ainda são pequenas, Adelaide. Sorte sua. Falta muito para que descubram o amor.

Em casa, Gardênia contou que haviam voltado para ficar, porque se tinham enfiado daquela vida de viagens e portos, de vozes estranhas e palavreados incompreensíveis. Sentiam a falta de uma vidinha pacata, de almoços de galinha com arroz e missas de domingo. Bento Vendaval alegrou-se: já se acostumara com a casa cheia de risos e gritos, e sentia falta da agitação dos velhos tempos.

Gardênia Esmeralda instalou-se com o marido no mesmo quarto onde recebera os clientes nos seus tempos de vida fácil. Ria dessa expressão, dizendo que vida fácil tinha agora que era casada, que mal precisava pensar numa coisa e logo ela lhe surgia como por encanto. Diego Rosários, por sua vez, meteu-se a pintá-la novamente, e pintou-a na praça e na igreja, no cemitério e no jardim. Com Gardênia, Diego gastou todas as suas tintas, porque foi ela a única retratada nos muitos anos de seu feliz casamento.

A volta de Gardênia Esmeralda, com seus cabelos de incêndio ainda tão rubros como nos tempos de meninice e sua alegria desbocada e fácil, trouxe nova vida à casa. As gêmeas encantaram-se com a tia, da qual apenas tinham ouvido falar, e encantaram-se com seus modos falantes e seu jeito de vendaval. Quando uma das gatas entrou no cio e Rosa Maria perguntou que choradeira era aquela, Gardênia disse:

– Essas meninas estão precisando de umas lições sobre a vida.

Não foi preciso mais uma palavra. As gêmeas agarraram-se a ela e tanto pediram que Gardênia trancou-se com as duas no quarto. Ficou por uma tarde inteira ensinando os segredos daquele mistério tão sussurrado, mas que era a melhor coisa que se podia fazer na vida. Apolinário, que por esses tempos andava tão caduco e ruim da memória que até se tinha esquecido o que era sexo, tratou de refrescar a cabeça e meteu-se com as bisnetas a reaprender o que faziam os gatos no escuro, e as melhores maneiras de fazê-lo.

Durante dois anos, Naor e Jandira dividiram a cama e o trabalho. Mesmo cansados da rotina estafante de viagens e apresentações, ainda encontravam energia para os amores noturnos, e por pouco não se gastaram de tantos suores de paixão. Na noite em que comemoravam o aniversário de segundo ano de seu conhecimento, Jandira levantou sua taça e disse:

– Um brinde, Naor, a mais um trabalho em conjunto.

Naor olhou-a, intrigado, e perguntou:

– Que trabalho?

– A criança que eu trago na barriga – respondeu Jandira, satisfeita.

E foi assim que “O Rei” soube que seria pai. A notícia se espalhou feito poeira ao vento, e instituiu-se até um concurso para a escolha do nome do filho do Rei. Houve dezoito mil setecentos e vinte e três sugestões de nomes diversos, e pessoas de todo o país mandaram seus votos. Naor teve de ler, juntamente com a mãe do herdeiro, todas as mirabolantes ideias que o correio lhe enviou. No dia escolhido para a divulgação do nome, “O Rei” apareceu em cadeia nacional de televisão para anunciar qual havia sido a sua escolha. Na casa dos Flores nem se respirava, e Ariel preveniu as filhas que, se ousassem incomodar a paz doméstica com qualquer travessura, ele haveria de pôr fogo no laboratório dos fundos, e com as duas dentro. As meninas se acomodaram, e até Apolinário se postou na frente da televisão, aumentando o volume ao máximo, para ver como haveria de se chamar o filho do seu neto mais querido. As apostas eram as mais diversas: uns achavam que Naor chamaria o filho pelo mesmo nome do presidente, outros que seria homenageado o Papa, alguém votou em Juvenal Cariri, e Adelaide achou até que a criança se chamaria Agenaldo Agenor.

As trombetas soaram pelo país afora e todos prenderam a respiração quando “O Rei” entrou cantando uma música romântica com sua voz de cachoeira. Na sala, Gardênia lavou-se em lágrimas de emoção e não pôde deixar de pensar em Afrodite, porque conseguia ver no pretume do filho semelhança com a menina de neve. Então, Naor encerrou sua música e pediu o silêncio do auditório que pagara ouro para vê-lo anunciar pessoalmente sua decisão. Disse que tinha sido um prazer inexplicável comprovar como o país inteiro o amava, e amaria também o seu filho, e falou que seria um menino e que isso e mais aquilo, mas que o nome já havia sido escolhido, porque num sonho viera-lhe a irmã, cuja alma o acompanhava desde sua desdita, e assoprara sua sugestão. Assim, ele se desculpava por não aceitar nenhuma das dezoito mil setecentos e vinte e três ideias, mas que o pedido de uma defunta, ainda mais uma defunta de amor malogrado, não podia deixar de ser aceito.

– E qual é o nome? – perguntou o auditório em coro.

“O Rei”, então, respondeu:

– Apolinário, o nome do meu muito amado avô.

Na Praça das Amoreiras, o velho e caduco Apolinário Flores quase deu as mãos à morte, tamanho foi seu susto emocionado. Desabou numa choradeira tão violenta que Adelaide o fez beber quase dez copos de água para evitar que se desidratasse com tanta emoção.

– Puta que pariu! – berrava ele, pulando pela sala. – O filho do Rei vai ter o meu nome.

Bento Vendaval, rindo, retrucou:

– Mas o senhor é o avô dele, seu Apolinário.

Apolinário parou sua berradeira no ato. Ainda não tinha se apercebido de que era, realmente, o avô da maior voz do país. E quase morreu pela segunda vez na mesma noite. Foi uma alegria tão grande para o velho de noventa e um anos que, naquela madrugada, ele nem dormiu, apenas ficou quieto em sua cama, ouvindo os ruídos da vida, os gritos de Gardênia amando em seu quarto, e até se riu dos gatos no

cio e não esganou nenhum; mas vibrou com eles a alegria de ser a semente de tantas coisas que tinham surgido.

Foi uma noite de rara lucidez para Apolinário Flores, e ele pôde se recordar de Rosa, a defunta, com toda sua beleza vigorosa e seu cheiro celestial; até a viu entre as sedas da cortina, rindo-se com ele, os grandes olhos de ébano brilhando pela emoção de terem criado uma árvore com tantos e tão formosos galhos. Depois, Apolinário viu o exército de gatos que degolara em suas muitas loucuras noturnas, e viu-os todos juntos e encabeçados por Afrodite, mais linda do que fora em vida, tão prateada com uma lua recém-nascida. E veio-lhe Macumba e Emanuel, cada um por um lado, sorrindo de saudades muito apertadas. Foi tamanha a alegria do velho que ele tratou de calçar as chinelas, porque alguma coisa lhe pedia que fosse para a rua, que cheirasse as flores do jardim, que aspirasse o ar fresco da madrugada. E Apolinário se foi.

Rosa Maria e Emanuela dormiam no mesmo quarto e na mesma cama, porque não sabiam ser uma sem a outra. Mas tinham ambas o sono muito leve, e ouviram o bisavô descer as escadas com suas chinelas de dormir. Por terem em comum, além de tudo o mais, ainda a curiosidade, as gêmeas foram atrás de Apolinário. Viram que o velho era quase uma sombra de tão fino e transparente e que nem pisava o chão, mas se arrastava um dedo acima do solo, rindo para as paredes desbotadas e conversando com um sem-fim de fantasmas que lhe faziam companhia feito um séquito do outro mundo.

– Será que morreu? – sussurrou Rosa Maria.

– Não – respondeu Emanuela. – Se estivesse morto não andava.

Apolinário nem reparou nelas. Continuou seu passeio pela casa; atravessou a sala dos bordados, entrou na biblioteca, recordou-se do carteiro que estripara sem dó numa faina de açougueiro, seguiu até o corredor de selva, onde nem pôde divisar os animais pintados havia sessenta anos, e viu-os tão velhos e desfigurados como andava ele próprio; então se foi em direção ao jardim.

Rosa Maria e Emanuela foram atrás, mas tomando o cuidado de não fazer nenhum barulho pelo caminho, porque não queriam incomodar o bisavô. Na rua, descobriram que a noite era fresca e clara, e que o ar tinha um cheiro de rosas muito doce, o mesmo que deixara Afrodite no dia de sua desdita. Apolinário aspirou o ar com uma fungada que lhe perfumou os pulmões e a alma. Viu que as margaridas estavam perfeitas, mas que cresciam umas ervas daninhas perto dos lisiantus. Então, o velho olhou para trás, onde as duas raparigas achavam estar escondidas, e falou:

– Avisem a mãe de vocês que tem de botar remédio para os lisiantus. Estão sendo engolidos por umas ervas daninhas.

As gêmeas não gostaram de ser descobertas, mas, para não incomodar o velho, responderam:

– Está bem, bisavô.

Apolinário deu uma volta pelo jardim, e disse:

– Avisem Violeta que Margarida está muito bem.

E as gêmeas:

– Sim, bisavô.

– E digam a Bento que Emanuel, o anjo, voou pro céu, de onde, aliás, nunca devia ter saído.

E as duas:

– Sim, bisavô.

– E Afrodite acalmou-se, não era sem tempo. Avisem Gardênia.

E elas:

– Sim, bisavô.

Apolinário mandou dizer que o filho de Naor seria coxo, e as meninas responderam: “Sim, bisavô”. O velho empolgou-se e disse que aquele era o cheiro dos dias de se morrer e que sentia uma fome de flores que estava enrolada em suas entranhas havia muito tempo, desde que morrera a esposa. Por fim, quando já quase amanhecia, Apolinário olhou as duas e pediu:

– E agora me deem um abraço.

As meninas saíram de trás do banquinho onde estavam ocultadas de ninguém, e abraçaram-no. O velho riu e retrucou:

– Porra, isso é abraço de passarinho. Mais forte.

As gêmeas então o apertaram sem dó, mas o bisavô aguentou firme e ainda quis mais. Depois, afagou-lhes as melenas prateadas e pediu que elas o deixassem sozinho, porque sempre gostara de fazer suas refeições na mais absoluta solidão.

Rosa Maria e Emanuela pediram ao bisavô que as deixasse ficar, mas Apolinário não cedeu:

– Vão dormir, vocês duas. Senão, chamo Ariel e vocês ganharão um castigo.

E as gêmeas foram correndo para a cama.

Sozinho, Apolinário foi ao laboratório e pegou um prato de estanho dos muitos que tinha guardados para o seu trabalho. Depois, voltou ao jardim. Naquela madrugada, sentia-se tão lúcido como em sua mais tenra juventude, e pôde apreciar a calma do lugar. Observou a lua derramar sua luz leitosa sobre as floreiras e sentiu na pele o frescor do ar orvalhado. Ao fundo, a grande casa permanecia silenciosa feito um bicho adormecido, e Apolinário viu escurecer a janela do quarto das gêmeas. Num arremedo de gratidão, fez as pazes com Deus.

– Está bem – disse ele, olhando para o nada – eu volto atrás.

Um vento sacudiu as folhas da laranjeira e o velho sorriu.

Depois, enquanto selecionava uns botões de rosa amarelos e outros vermelhos, e escolhia margaridas e amores-perfeitos, foi falando que, afinal das contas, Deus lhe tinha sido mesmo justo, porque tudo que Ele levava foi-lhe devolvido em dobro; e que ele, Apolinário, havia resistido por mais de noventa anos, vira morrer duas filhas e uma neta, perdera um anjo pelo céu, tudo isso para deixar no mundo Rosa Maria e Emanuela, tão perfeitinhas e normais, mas que levavam no sangue um sem-fim de genes fantásticos.

– Mas não Lhe perdoou a morte de Rosa – finalizou.

Apolinário acomodou as flores no prato. Depois encheu uma caneca com a água da fonte e brindou com o nada. Faminto, pôs-se a comer com a voracidade dos seus muitos ataques de saudades. Quando acabou a porção que havia servido, Apolinário começou a colher as flores nos arbustos, e ia já tão enfarado que, de quando em quando, soltava arrotos fragrantes. Por fim, escolheu um galho de flor-de-laranjeira como sobremesa, coisa que sempre recomendara para a boa digestão, e engoliu-o sem muito cuidado. O talo foi lhe descendo pela goela, mas um espinho esquecido encravou-se no meio do caminho. Apolinário tossiu uma vez e nada. Tornou a tossir, num esforço para que o galho lhe escorregasse pela garganta. Mas o espinho se acomodara com jeito e não quis descer.

Apolinário começou a sufocar e seus olhos de vidro azul pareceram embaçar-se. Nesse momento, ele ouviu uma leve farfalhar de saias arrastando-se entre as plantas do jardim.

Era Violeta, que tivera em sonho a premonição dos azares do pai. Acudiu, assustada, batendo-lhe nas costas como quem tenta abrir uma porta trancada a ferrolho. Nada conseguiu, no entanto, nervosa, tremendo, ela disse:

– Espere aí, pai, que vou chamar Ariel.

Mas Apolinário fez um gesto de desdém e abriu um sorriso meio torto. Violeta compreendeu que ele não se importava com a morte; ao contrário, há muito que a desejava.

Violeta Maria Flores não teve coragem de abandonar o pai à morte sem tomar nenhuma atitude, mesmo sabendo que era esse o seu desejo, e foi buscar ajuda. Mas foi muito vagarosamente para que Apolinário pudesse partir sem pressa.

Dentro da casa, ela despertou a todos, mas não disse o porquê. Reunidos na sala, morrendo de sono, Gardênia e o marido, Ariel e Adelaide, as gêmeas e Bento indagaram o motivo daquela reunião no meio da madrugada.

Violeta fez todos os volteios que pôde. Mas, por fim, anunciou:

– Chamei vocês aqui para dizer que o pai está morrendo lá no jardim.

Bento achou que a mulher estava brincando ou que ainda sonhava, mas Violeta garantiu que não. Era mesmo verdade que Apolinário estava à beira da morte.

– Como? – indagou Ariel, tão impressionado que nem teve tino de ir ver o avô. – O que aconteceu com ele?

Violeta contou que o pai engolira um espinho e que ele entalara-se em sua garganta. Disse também que era muita sorte que isso fosse acontecer apenas agora, depois de tantas indigestões florais.

– E eu o encontrei no jardim, estrebuchando e com os olhos revirados.

Foi um alvoroço. Bento, preso à cadeira de rodas, pediu que Emanuela o empurrasse até os fundos da casa. Adelaide não permitiu. As filhas eram muito novas para as agruras da morte, de modo que deviam ficar quietas em seu quarto. Rosa Maria começou a chorar, porque queria ver o avozinho fantoche que sempre adorara. Gardênia tentou consolá-la e disse que a morte era coisa para os velhos. Ariel pôs um fim na confusão, avisando que ia buscar um médico.

– Não precisa mais – falou Violeta. – A essa altura o pai já morreu.

E disse que iriam todos, até mesmo as gêmeas, recolher Apolinário do jardim, porque não era justo que depois de morto ficasse lá fora, tomando sereno como um cão sem dono.

Violeta, então, pôs ordem na família. Saiu na frente, guiando Bento, depois Adelaide e Ariel seguiram-na, cada um com uma das gêmeas pelas mãos, e, por último, Gardênia e Diego; e assim foram numa procissão silenciosa, serpenteando pelos corredores vazios até chegarem ao jardim.

Apolinário estava lá, deitado entre os canteiros floridos, com um riso escancarado lhe rasgando a cara de quase fantasma. Quando Gardênia lhe tocou a testa, ele soltou um longo e fino arrote, sonoro como um lamento, e o ar saturou-se de rosas. Souberam então que Apolinário havia morrido.

No dia dezoito de outubro de 1961, Apolinário Flores foi enterrado numa cerimônia de poucos convidados. Gardênia Esmeralda avisou Naor que, sozinho, tomou um trem durante a madrugada e chegou à Praça das Amoreiras às escondidas para que pudessem todos enterrar em paz o velho perfumista. Naor despediu-se do avô com umas poucas lágrimas, porque já conhecia-lhe o desejo de morrer havia muito tempo.

Durante o velório, a família reuniu-se e decidiu que Apolinário seria enterrado sob a fonte do jardim, porque não ocorrera a ninguém melhor lugar do que esse, onde Rosa poderia encontrá-lo a qualquer momento da eternidade.

Quando se acabou o cerimonial de baixar o patriarca à terra, nascia, num berreiro de não negar o pai que tinha, Apolinário Flores Segundo. No quarto de hospital, Jandira pegou no colo o menino de pele dourada e os olhos mesmos de vidro azul, e recordando as muitas histórias que Naor contava sobre a sua exótica família, apenas o que lhe ocorreu dizer foi:

– Bendita seja a noz-moscada que lhe pôs no meu caminho.

Agradecimentos:

*Este livro está bonito assim graças a Itagiba Lages,
que viu a estranha delicadeza de cada personagem e soube
transportar tudo isso para a capa.
E a Marcelo, que está em tudo que faço
E no que ainda não fiz.*

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Abertura](#)

[Parte 1](#)

[Parte 2](#)

[Parte 3](#)

[Parte 4](#)

[Parte 5](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)